

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Museu Nacional

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

João Alipio de Oliveira Cunha

**“EU VIM SARAVÁ TERRA QUE EU PISO”
A Casa do Jongu e o Turismo Comunitário em Pinheiral – RJ**



**Rio de Janeiro
2018**

CIP - Catalogação na Publicação

C972e Cunha, João Alipio de Oliveira

"EU VIM SARAVÁ TERRA QUE EU PISO": A Casa do Jongo e o Turismo Comunitário em Pinheiral - RJ / João Alipio de Oliveira Cunha. -- Rio de Janeiro, 2018. 119 f.

Orientadora: Luisa Elvira Belaunde Olschewski.
Coorientadora: Elaine Monteiro. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2018.

1.Grupo Jongo de Pinheiral. 2. Comunidades Quilombolas. 3. Vale do Paraíba. 4. Expressões brasileiras de Matriz Africana. 5. Turismo comunitário. I. Belaunde Olschewski, Luisa Elvira, orient. II. Monteiro, Elaine, coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

João Alipio de Oliveira Cunha

**“EU VIM SARAVÁ TERRA QUE EU PISO”
A Casa do Jongo e o Turismo Comunitário em Pinheiral – RJ**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Luisa Elvira Belaunde
Olschewski

Co-orientadora: Elaine Monteiro

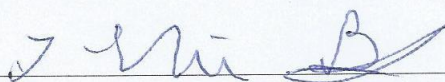
**Rio de Janeiro
2018**

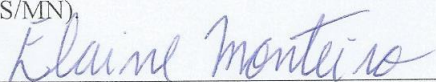
João Alípio de Oliveira Cunha

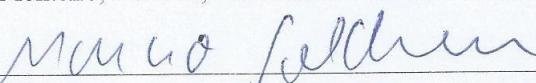
**“EU VIM SARAVÁ TERRA QUE EU PISO”
A Casa do Jongo e o Turismo Comunitário em Pinheiral – RJ**

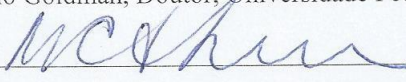
Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Banca:



Luisa Elvira Belaunde Olschewski, Doutora, Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN).



Elaine Monteiro, Doutora, Universidade Federal Fluminense (Faculdade de Educação – UFF).


Marcio Goldman, Doutor, Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN).


Martha Abreu, Doutora, Universidade Federal Fluminense (PPGH/UFF)

Suplentes:


Maria Elvira Diaz Benitez, Doutora, Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN).


Valéria Lima Guimarães, Doutora, Universidade Federal Fluminense (PPGTUR).

Rio de Janeiro, 28 de Fevereiro de 2018.

Para

Elydia de Oliveira, avó lutadora!

Marlene de Oliveira Cunha, mãe presente!

Mauricio de Oliveira Silva, tio guerreiro!

Maria de Fátima da Silveira, liderança jongueira de garra!

AGRADECIMENTOS

*Se você é meu amigo você anda do meu lado.
Você pisa aonde eu piso pra eu não sentir abandonado¹*

Ao Grupo Jongo de Pinheiral!

Muito obrigado pelo todo!

Ao pai Pedro Paulo pela eterna vontade de lutar pela cultura e a religião afro-brasileira,

Obrigado!

A Fatinha por me ensinar sempre gentilmente um pouco da grandiosidade que é o jongo,

Obrigado!

Ao acolhimento na Casa do Jongo feito por Alexandre Belisário (Cheirosa), Luiz Carlos (Ki-suco), Maria Amélia (Meméia), Maria das Graças (Gracinha),

Obrigado!

Pela amizade sincera de anos agradeço aos jovens jongueiros João Paulo da Silveira, Bárbara Santos e Sérgio Luís Mendes (Baduê), Pedro Augusto (Casquinho) e Suellen Tavares,

Obrigado!

Por despertar o antropólogo que já habitava em mim desde minha mãe, Luisa Elvira,

Obrigado!

Aos ensinamentos e amizade de Elaine Monteiro, sem sua presença em minha vida não poderia ter construído essa relação de parceria com os jongueiros,

Obrigado!

Pela solidariedade de Martha Abreu que apresentou o jongo/caxambu a um recente ingressante no curso de História da Universidade Federal Fluminense,

Obrigado!

Pelas inúmeras orientações e conselhos desde o primeiro e-mail que lhe enviei antes de entrar no Museu até a defesa desta dissertação, Marcio Goldman,

Obrigado!

A amizade de Valéria Guimarães que me faz continuar o lindo diálogo com o Turismo,

¹Ponto cantado pelo Grupo Jongo de Pinheiral.

Obrigado!

Pelo sincero carinho e forte abraço a cada encontro, Maria Elvira,

Obrigado!

Por ter contribuído e financiado essa pesquisa, CAPES,

Obrigado!

Aos funcionários do PPGAS/MN, da Biblioteca Francisca Keller e do Restaurante, em especial meu grande amigo Miguel,

Obrigado!

A toda a equipe do Pontão de Cultura do Jongo/caxambu e a Rosa Caytani pela parceria, troca e amizade,

Obrigado!

Aos professores do PPGAS/MN por terem me oferecido aulas inesquecíveis,

Obrigado!

Ao coletivo Marlene Cunha pela militância e por acreditar numa universidade pública ainda mais preta! Anderson Pereira, Aline Maia, Antonia Gabriela Pereira, Barbara Cruz, Felipe Juliano Romão, Luana Batista, Marcela Andrade, Rafael Moreira, Maíra Samara Freire, Everton Amorim, Safira Silva,

Obrigado!

Aos meus amigos, Sandra Benites, Noshua Amoras, Helena Assunção, Juliana Oliveira, Paulo Bull, Marcelo Moura, Nathan Virgílio, Gustavo Fialho, Pedro Gama e o Gabriel Banaggia que foram fundamentais para tornar o mestrado um momento especial em minha vida,

Obrigado!

Pela amizade de Luciene Nascimento, irmã negra doce na poesia e forte em suas ações,

Obrigado!

Ao Procurador da República Júlio José Araújo Júnior pelas importantes trocas no trabalho de combate ao racismo e por uma justiça participativa das causas sociais e raciais,

Obrigado!

As minhas eternas referências, avó Elydia de Oliveira e avô Djalma Antônio da Silva e mãe Marlene de Oliveira Cunha por desejar a minha vida até os últimos minutos.

Obrigado!

Aos meus tios Mauricio de Oliveira Silva, Luciana Ferreira e Janaina Nery Vianna por estarem ao meu lado em todos os momentos.

Obrigado!

A Angela Coelho Barbosa, madrinha e amiga, sempre presente em todas as minhas caminhadas,

Obrigado!

Aos queridos amigos negros com quem vivenciei lutas e sonhos nos dois cursos preparatórios para a pós graduação no Museu Nacional/UFRJ e na Universidade Federal Fluminense,

Obrigado!

Para todos que agradeço aqui nesta dissertação e para aqueles que minha memória falha, peço que aceitem a minha gratidão! Pois, todos vocês fazem parte da minha vida.

*Na roupa, no ponto, no instrumento
No corpo que dança
É viva a lembrança do que se canta
A roda abriga o casal que roda e que se ri
Que balança
Aguarda o cortejo do próximo
Metáfora de vida:
“Espera a sua vez, que vem
Solta o corpo ao som que exorta
Gingando o balanço que mantém
Atento ao machado que corta”
E enquanto o solene som toca
Reflito o símbolo de tudo
A honra de estar presente
A graça de ver mantida
A cadência da palma que bate
E a força do grupo que lida.
“Saiba que um corpo preto na iminência
De conhecer o jongo e sua maneira
E dispor o seu couro à experiência
De esquentar-se no quente da fogueira
Dos seus pés à cabeça sente honrado
Pois encontra um caminho natural
Esta alma reconhece o sagrado
Na cadência da dança ancestral
Este corpo tocou e foi tocado
Pela dança e pelo fundamento
Respeitando a rotina do machado
Refletindo, pois, todo elemento
Cada ponto carrega uma memória
Cada roda uma luz de si emana
Cada boca a potente oratória
Canta ancestralidade africana”*

*Poesia feita para meu amigo João Népio,
que com alegria e admiração faz
inspiradora reverência à respeitável
comunidade Jongoeira de Pinheiral, RJ.*

Luiziane Nascimento, 2018.

RESUMO

CUNHA, João Alipio de Oliveira Cunha. “Eu vim saravá terra que eu piso”: a Casa do Jongo e o Turismo Comunitário em Pinheiral – RJ. 2018. 119 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

“Eu vou te falar uma coisa para você!” Assim, me ensinava o Cheiroso, alguns mistérios que o jongo me apresentou durante o tempo em que estive vivendo na Casa do Jongo. A ligação com o Grupo Jongo de Pinheiral me conectou com a ancestralidade africana através das falas dos jongueiros. No início da dissertação apresento suas trajetórias e o respeito ao Mestre Cabiúna que permanece presente nos pontos de jongo cantados pelo grupo. Todos os jongueiros apresentados neste trabalho *“vivem o jongo no sangue”*. Em seguida desenho através das narrativas dos jongueiros o “território jongueiro” que está ligado aos elementos, como a terra, a água, o vento e o fogo que definem o devir jongueiro. *Caminhando devagar* participei de um ritual realizado na fazenda Pinheiros com o grupo e um centro espírita umbandista que tinham como objetivo ajudar os espíritos seguirem o caminho para o outro plano espiritual. Por fim, apresento a Casa do Jongo a partir do olhar dos jongueiros que a consideram como o *“lugar do acolhimento”* onde desejam uma forma de Turismo diferente.

Palavras-chave: Jongo, Vale do Paraíba, quilombo, expressões brasileiras de matriz africana, turismo comunitário.

ABSTRACT

CUNHA, João Alipio de Oliveira Cunha. "I came to *saravá* the land that I step on": the House of jongo and community Tourism in Pinheiral - RJ. 2018. 119 f. Dissertation (Master in Social Anthropology) - Graduate Program in Social Anthropology, National Museum, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

"I'll tell you something to you!" So Cheiroso taught me some of the mysteries of jongo when I lived in the House of Jongo. My connection to the Pinheiral Jongo Group put me in touch with my African ancestry through the *jongueiros* speeches. The dissertation begins with a presentation of their trajectories and their sense of respect for Master Cabiúna, who remains alive in the jongo *pontos* sung by the group. All the *jongueiros* I introduce in this work "*live jongo in the blood*". Then, using their narratives as a guide, I draw the "jongueiro territory" where the elements come together, earth, water, wind and fire, defining the *jongueiro*'s becoming. Walking slowly, I participated in a ritual held at the Pinheiros Fazenda with a group of Umbanda's practitioners whose purpose was to help spirits to take the path to the other spiritual plane. To conclude, I present the Jongo House from the *jongueiro*'s perspective, who see it as a "place of welcome" where they wish to create a different kind of tourism.

Keywords: Jongo, Paraíba Valey, quilombo, African-matrix Brazilian expressions, community tourism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura

Figura 1: Mapa de Pinheiral e cidades vizinhas do Vale do Paraíba.....	18
--	----

Desenho

Desenho 1: A Casa do Jongo.....	32
---------------------------------	----

Fotos

Foto 1: Tambor grande.....	35
Foto 2: Candongueiro e o Macuco.....	36
Foto 3: Maria de Fátima da Silveira, Fatinha do jongo.....	41
Foto 4: Cheiroso e a Fatinha na roda de jongo.....	43
Foto 5: Ki-suco e Meméia dançando na Roda de jongo.....	44
Foto 6: Pai Pedro Paulo.....	45
Foto 7: O rio Paraíba desenhado em pano.....	54
Foto 8: Homenagem as antigas rodas de Jongo em pano.....	57
Foto 9: A roda de jongo nas Ruínas da Fazenda Pinheiros (1).....	62
Foto 10: A roda de jongo nas Ruínas da Fazenda Pinheiros (2).....	63
Foto 11: Confraternização do Grupo Jongo de Pinheiral.....	81
Foto 12: Homenagem a Gracinha (esquerda), Meméia (meio), Fatinha (direita) na festa de Sant'Ana.....	85
Foto 13: Segundo Seminário de Turismo Comunitário na Casa do Jongo de Pinheiral. Roda de conversa sobre identidade quilombola com a professora Elaine Monteiro e a Fatinha.....	90
Foto 14: Primeira Feira Criativa do Jongo de Pinheiral.....	92
Foto 15: Assinatura do TAC Santa Eufrásia no Ministério Público de Volta Redonda - RJ, no dia 02 de Maio de 2017.....	114

SOBRE AS CONVENÇÕES

Na dissertação todos os termos nativos estão grifados em itálico. Como essa etnografia apresenta inúmeras falas nativas, para demarcá-las no corpo do texto utilizo aspas duplas, mesmo quando ultrapassam mais de três linhas. Esses limites são usados em citações diretas. Resolvi organizar o texto dessa forma por estética e por motivos de economia de espaço e estéticos.

Usei o recuo de quatro centímetros indicado pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), nas citações com mais de três linhas, dos pontos de jongo e de autores com o ano da edição da obra consultada e a página. Aquelas que se encontram em língua estrangeira, estão com a tradução em nota de rodapé. O uso dos colchetes [] é para acrescentar comentários no interior das citações.

No que se refere aos nomes das pessoas citadas no decorrer do texto, são próprios e verdadeiros. A autorização foi feita pessoalmente durante o trabalho de campo em Pinheiral. Sendo assim, assumo total responsabilidade pelo uso dos nomes e destaco que algumas informações que pudessem comprometê-los não seriam colocadas na etnografia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: “<i>QUIS INVESTIGAR O JONGO...</i>”	16
CAPÍTULO 1: “PARA DANÇAR JONGO, VOCÊ TEM QUE ESTAR COM ELE NO SANGUE”	31
1.1. A MINHA CHEGADA NA CASA DO JONGO	31
1.2. OS TAMBORES DA CASA E O MESTRE CABIÚNA	33
1.3. OS JONGUEIROS DA CASA	37
CAPÍTULO 2: O TERRITÓRIO JONGUEIRO DO VALE DO PARAIBA	46
2.1. O RIO PARAIBA E O JONGO	47
2.2. O TERRITÓRIO JONGUEIRO	51
2.3. O TERRITÓRIO DO DEVIR JONGUEIRO	54
CAPÍTULO 3: “<i>QUEM FALOU QUE NÓS NÃO VINHA...</i>”	58
3.1. O RITUAL NAS RUÍNAS DA FAZENDA PINHEIROS	58
3.2. “O CANDOMBLÉ VEIO PRIMEIRO, DEPOIS O JONGO. O JONGO INFLUENCIOU A UMBANDA”	67
3.3. A COMUNICAÇÃO ATRAVÉS DOS TAMBORES	71
CAPÍTULO 4: O ACOLHIMENTO E O TURISMO	76
4.1. A CASA DO JONGO COMO LUGAR DO ACOLHIMENTO	76
4.2. O TURISMO PARA OS JONGUEIROS	86
4.3. A ANTROPOLOGIA, O TURISMO E OS JONGUEIROS DE PINHEIRAL	93
<i>VOU CAMINHANDO, DEVAGAR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	100
BIBLIOGRAFIA	105
ANEXOS	111
O Turismo na fazenda Santa Eufrásia	
Outros pontos de jongo	
Calendário de Atividades do Turismo Comunitário	
Folder de divulgação da Primeira Feira Criativa do Grupo Jongo de Pinheiral	

Sistematização da ficha de avaliação da Feira Afro preenchida pelos jongueiros de Pinheiral

INTRODUÇÃO:

“QUIS INVESTIGAR O JONGO...”

*Quis investigar o jongo só pra ver o que o jongo tinha.
Abriu a primeira porta, a escadaria subia.
Abriu a segunda porta, encontrou Tia Maria.
Junto à mala do jongo pedia que não abria.
Abriu a terceira porta, era a porta da saída.
A porta fechou tão rápido e o jongo.
Não perdeu sua magia².*

Esse ponto do Toninho Canecão foi firmado numa reunião de jovens jongueiros do sudeste brasileiro, que contou com a presença de algumas lideranças que participaram de debates sobre a situação do jongo na atualidade. Um dos temas mais polêmicos e levantados pelos jovens era o incômodo em relação aos grupos não-tradicionais, classificados por eles como grupos para-folclóricos porque não possuíam uma ancestralidade e não viviam em uma comunidade jongueira, que era o elemento que os diferenciava daqueles grupos.

Participei dessa reunião do dia 2 até o 4 de Outubro de 2015 em Barra do Piraí-RJ, como bolsista de graduação no Pontão de Cultura do Jongo/Caxambu³ na Universidade Federal Fluminense. Lembro que o Toninho escutava atentamente os jovens e fazia perguntas sobre suas indignações ante os grupos considerados por eles como não-tradicionais. No final da reunião, Toninho afirmou que poderiam contar com o seu apoio, disse que desde a primeira vez que as jovens lideranças jongueiras levantaram esta questão, ainda no ano de 2012, ele pensara bastante sobre o assunto e criara este ponto. Ele cantou esse ponto de jongo como uma síntese do debate que vem sendo travado na Rede de Jovens Lideranças Jongueiras⁴ desde então. Lembro que o Toninho explicou: “olha eles [os grupos não-tradicionais] podem cantar e tocar o jongo, mas só quem sabe o saber do jongo somos nós”. E em seguida ele pediu para os jovens baterem o tambor e firmarem o ponto na roda de jongo.

² O ponto de jongo “Quis investigar o jongo” foi criado por Antônio do Nascimento, o Toninho do Canecão do Quilombo de São José em Valença-RJ.

³ O Pontão de Cultura do Jongo/Caxambu é um programa de extensão desenvolvido pela Universidade Federal Fluminense, em parceria com as comunidades jongueiras e a Rede de Jovens Lideranças Jongueiras do Sudeste.

⁴ A rede de jovens lideranças jongueiras é um desdobramento do trabalho realizado nos encontros de jongueiros e da rede de memória do jongo/caxambu em parceria com o Pontão. As ações de capacitação, articulação e distribuição e de difusão e divulgação são, atualmente, realizadas em parceria com as jovens lideranças de 15 comunidades. O aumento das políticas públicas culturais gerou a demanda por qualificação e participação das jovens lideranças jongueiras que reivindicaram uma maior inserção, principalmente, com a solicitação de reuniões de articulação, que foram iniciadas em parceria com o Pontão no ano de 2012 (MONTEIRO, 2016).

Decidi começar essa dissertação com esse ponto de jongo porque ele me fez entender que a expressão cultural negra é o lugar do aprendizado, e a sua compreensão demanda um tempo. Nesse caminho do aprendizado, abrimos portas, nos perdemos e abrimos outras portas. Os saberes são ensinados dos mais velhos para os mais jovens, dessa maneira conseguimos avançar. Assim, durante a minha caminhada com as comunidades jongueiras, escutei os conselhos que os pontos de jongo me ofereciam. Por isso, decidi incluí-los na dissertação. Como disse o ponto acima, o jongo tem sua “magia” e apenas os jongueiros que compartilham o ritual podem chegar a compreender todo o cenário sobre o que está se passando. Em particular, no meu encontro com os jongueiros do Grupo Jongo de Pinheiral, as palavras da liderança Maria de Fátima da Silveira, conhecida como Fatinha, foram o meu guia principal. Ela sempre me repetia: “O jongo tem fundamento, tem mironga”.

O jongo em Pinheiral

*A bença papai, a bença mamãe, também.
Eu não sou mal – criado para ninguém⁵.*

Essa dissertação tem como objetivo principal, fazer uma etnografia do Grupo Jongo de Pinheiral a partir das suas narrativas para compreender a percepção que os jongueiros têm da história de Pinheiral e conhecer as propostas atuais de desenvolvimento do turismo comunitário na localidade. O estudo está baseado nas observações tomadas em dois meses de trabalho de campo intensivo realizado em julho e agosto de 2017 e no trabalho desenvolvido durante um ano de acompanhamento das principais atividades realizadas pelos jongueiros nesse mesmo ano. Durante meu trabalho de campo convivi com as lideranças da Casa do Jongo de Pinheiral, realizei entrevistas e mantive conversações sobre os temas que desenvolvo nesse estudo. Também trabalhei com os jongueiros para desenharmos juntos uma estratégia de implementação do Turismo Comunitário, incluindo, feiras de artesanato para geração de renda.

A Casa do Jongo de Pinheiral é a sede do Grupo Jongo de Pinheiral que reúne uns oitenta jongueiros do município de Pinheiral. É uma casa alugada com um amplo pátio na Rua Bulhões de Carvalho, 146. Centro. Ela funciona desde 2009 como Centro

⁵ O ponto de jongo “A bença” é cantado pelo Grupo Jongo de Pinheiral.

de Referências Afro do Sul Fluminense – CREASF e um Ponto de Cultura⁶. O CREASF foi criado em 1996 e funcionou um tempo na igreja de Nossa Senhora da Conceição em Pinheiral. Mas, com problemas com o (atual) padre à época, que não aceitava o jongo na paróquia, foram despejados. Assim, durante um período, o acervo e suas atividades se concentraram na casa da liderança jogueira Fatinha até que foram contemplados no edital de Pontos de Cultura de 2008, possibilitando alugarem uma casa. O espaço foi conseguido também através da remuneração de trabalhos coletivos realizados pelos jogueiros com as escolas da região do Vale do Paraíba. Como CREASF e ponto de cultura, os jogueiros realizam atividades que visam dar continuidade a prática do jongo e incentivar a capacitação dos membros da comunidade.

Atualmente, a cidade de Pinheiral possui uma área total de 76,5 Km², correspondente a 1,2 % da região do Médio Paraíba. Segundo o site oficial da prefeitura municipal, a população é de 24.282 habitantes, numa densidade de 296, 86 habitantes por m². Seus municípios vizinhos são: Barra do Pirai, Volta Redonda e Pirai. O acesso à cidade pode se dar pela rodovia BR-116 (Via Dutra) e as rodovias estaduais RJ – 141 e RJ- 145, além de possuir um ramal ferroviário da antiga estrada de ferro Central do Brasil, que hoje é utilizada apenas para o transporte de aço da companhia siderúrgica nacional – CSN.



Figura 1: Mapa de Pinheiral e cidades vizinhas do Vale do Paraíba. Fonte: Google Maps

⁶ Os Pontos de Cultura é uma ação do Programa Cultura Viva, do Ministério da Cultura (MinC), que, desde 2007, atua em parceria com os governos do estado, apoiando iniciativas culturais bem-sucedidas da sociedade civil. Disponível em <<http://www.cultura.rj.gov.br/projeto/rede-de-pontos-de-cultura-do-estado-do-rio-de-janeiro>>. Acessado em 15 de Janeiro de 2018.

Os integrantes do Grupo Jongo de Pinheiral pertencem a famílias jongueiras descendentes dos negros escravizados que trabalhavam nas antigas fazendas da região no século XIX. A principal delas era a fazenda São José do Pinheiro, antiga sede dos domínios de José Joaquim de Souza Breves, e que deu nome a atual cidade de Pinheiral, fundada em 13 de junho de 1995, que antes era um distrito do município de Pirai. Haviam outras propriedades na região, também pertencentes à família Breves (ABREU et al, 2010, p. 18). José Joaquim de Souza Breves (1804 - 1889) foi um dos maiores fornecedores de mão-de-obra para o Vale do Paraíba tendo ligações diretas com o tráfico ilegal de negros escravizados, ele usava a mão obra escravizada nas suas fazendas e era um dos maiores produtores de café da região. Suas fazendas eram consideradas, na época, um imenso empreendimento com infraestrutura moderna. Eram nove propriedades localizadas nos municípios de Barra Mansa, Angra dos Reis e Pirai, todas no estado do Rio de Janeiro (CAMPOS, 2015).

Para os jongueiros do Grupo Jongo de Pinheiral, o tempo do cativo e a experiência da escravidão continuam presentes. Nessa dissertação, eu argumento que essa memória da escravidão constitui um “território jongueiro⁷” que se expande através de três regiões: no Vale do Paraíba, no litoral Norte fluminense e Litoral Sul fluminense; espaços onde houve grande circulação de africanos escravizados nas antigas plantações de café do vale.

Através do jongo, os descendentes dos negros escravizados dão vida a uma memória que salienta a experiência de resistência e de morte dos ancestrais durante a escravidão. Para os jongueiros, a memória do cativo é atualmente reatualizada pela resistência que eles associam à noção de quilombo e na maneira como o jongo permite a conexão com o passado (ABREU et al, 2010). Como mostrarei na dissertação, a prática do jongo é o que fundamenta a memória quilombola. Os depoimentos e as falas dos jongueiros que me acolheram durante meu trabalho de campo nos trazem sua concepção da questão quilombola a partir da sua relação com o jongo atualmente praticado pelo Grupo Jongo de Pinheiral:

Tem que mostrar aqui é a sua raça. Isso foi construído por pessoas que morreram e que lutaram por isso. Tem que ter respeito pelas pessoas que morreram, que foram escravizadas, que morreram em navio por isso aqui. A gente tem que ter emoção e coragem para falar que iremos lutar por isso. O jongo é quilombola, porque foi feito por pessoas que morreram por isso aqui. (Cheiroso).

⁷ O conceito será desenvolvido no capítulo 1.

O jongueiro Belisário Augusto, conhecido como "Cheiroso" destaca que o jongo de Pinheiral é quilombola pelo fato de seus antepassados terem vivenciado a experiência do cativo, morrido e lutado para que o jongo estivesse ainda presente entre os seus descendentes. Para ele, a morte dos seus ancestrais não é vista como um fracasso ou uma submissão ao cativo, mas como um exercício de luta que se mantém vivo através do jongo. Atualmente, os jongueiros estão se organizando para solicitarem o certificado de autodeclaração das comunidades remanescentes de Quilombo (CRQ) ao Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-brasileiro da Fundação Palmares (DPA/FCP) e já possuem o Relatório Antropológico de Caracterização Histórica, Econômica e Sócio-Cultural do Quilombo de Pinheiral⁸.

Para os membros do Grupo Jongo de Pinheiral, a presença dos ancestrais que morreram se concretizou recentemente na atribuição de terra para o grupo. No dia 07 de junho de 2016 foi assinado um termo de ajustamento de conduta – TAC entre o Ministério Público Federal e a Prefeitura Municipal com o objetivo de efetivar a regularização fundiária do município. Como é um município que foi criado recentemente, todas as suas terras pertenciam à União. Para cumprir o TAC propôs-se ao município de Pinheiral, na gestão do prefeito José Arimathea Oliveira (2012 – 2016), que 2812,29 m² das terras da fazenda Pinheiros fosse direcionada para o grupo, o TAC:

Parágrafo segundo – O Município deverá também estabelecer, no prazo de 90 dias, a utilização de imóvel retomado em área central para fins de preservação do patrimônio imaterial da cidade notadamente, o jongo, oferecendo a estrutura necessária para a sua valorização e a preservação da memória. (Ministério público Federal, 2016, p.6).

O TAC foi assinado em 07 de junho de 2016 e a doação de terra foi aprovada na câmara dos vereadores no dia 20/12/2016. Uma parte da terra da fazenda na estação da Estrada de ferro pertence ao Grupo Jongo de Pinheiral localizada a frente da casa grande, conhecida como o casarão, que atualmente está em ruínas. Segundo o Relatório Antropológico de Caracterização Histórica, Econômica e Sócio-Cultural do Quilombo de Pinheiral que registra a formação do grupo de jongo da cidade que se auto intitula remanescente do Quilombo de Pinheiral o estado precário do casarão deve-se aos inúmeros casos de concessão do espaço e aos incêndios e roubos que ocorreram na propriedade.

⁸ Os relatórios histórico-antropológicos são pré-requisitos legais para o reconhecimento oficial das comunidades remanescentes de quilombos. O Relatório do Quilombo de Pinheiral foi feito para atender o Instituto de Colonização e Reforma Agrária - INCRA.

Em 1890, através do Decreto nº 6.862 de 23 de agosto, as terras da fazenda na estação da estrada de ferro haviam sido declaradas de utilidade pública. No ano seguinte a sede foi adquirida pelo Ministério da Fazenda. Em 1897, a fazenda foi cedida para o Ministério da Guerra que criou nela um Hospital Militar. Do Ministério da Guerra a fazenda passou para o Ministério da Agricultura que em 1909 instalou o Posto Zootécnico Federal de Pinheiro. No ano de 1910 criou-se a escola média de Agricultura, Agronomia e Veterinária de Pinheiro formando sua primeira turma em 1914. Entre os anos de 1916 e 1918 a Escola Superior de Agricultura funcionou na fazenda, mas através do decreto nº 12.894 de 28 de fevereiro 1918 ela foi transferida para Niterói, sendo substituída por um curso complementar: Patronato Agrícola. Em 1941 surge o Aprendizado Agrícola Nilo Peçanha, que em 1968 passou a estar subordinado a Universidade Federal Fluminense – UFF. E por fim, em 1985 o antigo prédio da fazenda Pinheiro e duas glebas de suas terras foram cedidas pelo Ministério da Agricultura para a UFF por 20 anos (ABREU et al, 2010).

Na época de posse do casarão o bem sofreu diversos furtos e incêndios. A UFF não procurou por culpados e tão pouco realizou reparações aos danos que foram causados. Devido a seu estado em ruínas, a terra adjudicada ao Grupo Jongo de Pinheiral só fica sendo utilizada esporadicamente pelos jongueiros para realizar rodas de jongo e é mantida por eles como um lugar de memória onde recebem a visita de escolas e turistas. Uma das dificuldades com a terra, é que atualmente as casas adjacentes às ruínas da fazenda estão habitadas por famílias que não são de descendência negra e que veem com receio a chegada dos jongueiros. Para o Grupo Jongo de Pinheiral a ocupação efetiva das suas terras é fundamental para evitar que a memória do passado da escravidão seja apagada, e também, para segurar a construção de uma sede definitiva da Casa do Jongo. Para eles o Turismo comunitário na fazenda, e as visitas guiadas centradas no protagonismo das famílias jongueiras, é um canal necessário para garantir que essa memória permaneça viva.

Da sua entrada até as antigas ruínas, vivem pessoas que não fazem parte, e tampouco, possuem ligação com o jongo. Fatinha me explica que essa área foi ocupada por pessoas de fora, que construíram casas dentro da fazenda Pinheiros e em sua proximidade. As pessoas que ali vivem atualmente, em sua maioria trabalharam ou descendem dos funcionários do antigo Colégio Agrícola Nilo Peçanha, que funciona, atualmente, como um posto Zootécnico nas terras da fazenda e próximo às ruínas. Mas,

também, a liderança destaca que “Há muitas pessoas que chegaram aqui na fazenda e foram levantando cerca e construindo, fora que a prefeitura também doou a terra para algumas pessoas”. Na entrada da fazenda, há duas placas com os lugares de memória do Jongo de Pinheiral e mais à frente uma exposição sobre a história em forma circular com fotos, textos e mapas que relatam o passado e o presente da comunidade jogueira conseguidas através do projeto “Passados Presentes: memória da escravidão no Brasil⁹” que teve como proponente o Grupo Jongo de Pinheiral. Deve-se destacar a presença de fotos de época, como de negros escravizados da fazenda Pinheiros e de seu antigo proprietário que estão na exposição que está em forma de roda bem no meio do terreno próximo às ruínas.

Além disso, o grupo de jongo de Pinheiral tem conduzido o trabalho com o propósito de obter o reconhecimento da sua história pelas autoridades. Um dos sucessos dos jogueiros frente aos políticos locais foi a instituição no ano de 2013, através do projeto¹⁰ de lei 708, do Dia Municipal do Jongo, comemorado no dia 07 de abril. A escolha desta data¹¹ foi em homenagem ao dia de nascimento do Mestre José Oliveira Cabiúna (1920-1993), liderança respeitada por ser um dos fundadores mais importantes do Grupo Jongo de Pinheiral e por ter mantido a tradição viva no Vale do Paraíba¹². Dessa maneira, o Grupo Jongo de Pinheiral está homenageando oficialmente os seus ancestrais e colocando as bases para promover o Turismo através dos olhos daqueles que dançam jongo há muitas gerações.

Com toda certeza o jongo é a maior atração turística da cidade e é a Casa do Jongo de Pinheiral que organiza os eventos principais¹³, como: a festa de São Benedito no dia 05 de Outubro, a festa de Sant’Anna no dia 26 de Julho, o dia municipal do jongo

⁹ O projeto Passados Presentes foi elaborado a partir do Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil. O trabalho foi apresentado pelo Centro de Referência de Estudos Afro-Brasileiros do Sul Fluminense e a JLM Produções Artísticas ao Edital Petrobrás de Patrimônio Imaterial 2012. Disponível em <<http://passadospresentes.com.br/site/Site/index.php/principal/index>> Acessado em Janeiro de 2018.

¹⁰ O idealizador da homenagem foi o vereador Claudio Fadul e apoiado pelo prefeito anterior a gestão atual, o José de Arimathea.

¹¹ Reportagem “Jongo de Pinheiral ganha dia municipal e tem tarde de comemoração”. Disponível em <<http://www.pontaojongo.uff.br/jongo-de-pinheiral-ganha-dia-municipal-e-tem-tarde-de-comemoracao>>. Acessado em novembro de 2017.

¹² Os principais patrimônios histórico-culturais da cidade são as ruínas da Fazenda Pinheiros, a Fazenda Três Saltos, a Fazenda do Forte, as olarias de tijolos e telhas que foram construídas entre 1920 e 1930, a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, que começou como uma capela construída em 1928, o Santos Social Club fundado em 1964 e o Capitólio Futebol Clube fundado em 27 de outubro de 1926, e por fim, a Casa do Jongo.

de Pinheiral e os eventos de capacitação para os jongueiros e o público em geral que frequenta a casa. Além disso, os jongueiros se apresentam nas festas organizadas pelas instituições públicas e privadas, como a Prefeitura Municipal e as escolas da região.

Durante o resto do ano a Casa do Jongo recebe visitas de turistas, pesquisadores, estudantes de universidade pública e particulares. A casa possui também uma biblioteca que está aberta aos estudantes de ensino médio e fundamental interessados na história de Pinheiral e do Vale do Paraíba, incentivados pela Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de História da África e cultura afro-brasileira.

Meu percurso até chegar no Grupo Jongo de Pinheiral

*Vem ajoelhar no pé de pau, no pé de pau.
Vem ajoelhar no pé de pau, oh jongueiro, vem¹⁴.*

O ponto acima é uma chamada para entrar na roda do jongo e pedir licença aos ancestrais. Eles estão presentes no “pé de pau”, quer dizer, nos tambores do jongo (Mello, 2006; Silva, 2010). Como a Fatinha me disse quando iniciei meu trabalho de campo, o jongo é um chamado, mas para entrar no jongo é preciso pedir licença aos mais velhos: “você não entra no jongo, pois é ele que te escolhe”. Isso aconteceu na minha vida. Meu caminho no jongo se iniciou em 2012 e desde então já se vão cinco anos de encontros e, principalmente, amizades com os jongueiros. Um dos maiores aprendizados, para mim, foi compreender que o combate ao genocídio do povo negro brasileiro não se dá apenas através das reuniões do Movimento Negro, das quais eu participava como jovem liderança do Conselho de Entidades Negras do interior do Rio de Janeiro - CENIERJ. A luta se dá também através da música, da dança e da espiritualidade que a ancestralidade jongueira me oferecia.

No primeiro semestre de 2009 ingressei no curso de Licenciatura em Turismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e no segundo semestre do mesmo ano, ingressei no curso de Licenciatura em História na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Em seguida, no ano de 2011, obtive transferência para o curso de História da Universidade Federal Fluminense (UFF). Encerrei a graduação de Turismo, no ano de 2013, e de História, no ano de 2014. Depois, em 2015, fiz uma Especialização em Educação e Relações Raciais na UFF, coordenado pela professora Iolanda de Oliveira.

¹⁴ O ponto de jongo “Vem ajoelhar no pé de pau” é cantado pelo Grupo Jongo de Pinheiral.

Minha trajetória acadêmica sempre esteve direcionada ao patrimônio material e imaterial. Por exemplo, durante a graduação em Turismo, realizei pesquisas sobre turismo cultural ferroviário, e integrei o grupo de pesquisa “Turismo Cultural Ferroviário” na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO entre anos de 2012 a 2013 (Cunha, 2014). Foquei minha monografia na análise do significado dado pelos turistas, aos trens considerados turísticos, no intuito de compreendermos como a nostalgia constrói-se através desse patrimônio material. Concomitantemente, em 2013 realizei trabalho de assessoria comunitária como bolsista da UFF no Programa de Extensão Pontão de Cultura Jongu/Caxambu, onde participei de oficinas, seminários e de duas redes: a Rede de Lideranças Jongueiras e a Rede das Jovens Lideranças Jongueiras do Sudeste Brasileiro. A minha entrada no Pontão deu-se através de um curso sobre cultura negra ministrada pela professora Martha Abreu. No final da primeira aula, ela me explicou o que era o jongo e me incentivou a conversar com a coordenadora, a professora Elaine Monteiro, para ingressar no Pontão de Cultura.

Foi nesse espaço de troca de saberes que pude aprender a fazer um trabalho de parceria com as comunidades negras, produzindo materiais de articulação, atividades de ensino na Universidade, oficinas e seminários. Através do Pontão também tive a oportunidade de aprender sobre o processo de patrimonialização do jongo no sudeste brasileiro. Devido ao fato de que em algumas comunidades, a prática é denominada “caxambu”, quando o Pontão foi criado, no ano de 2007, em uma parceria entre as comunidades jongueiras, a Universidade e o IPHAN, foi feita a opção pela utilização dos dois termos Jongu/Caxambu, apesar do registro de patrimonialização incluir apenas “Jongu”, uma vez que o registro é do “Jongu no Sudeste”. (VIANNA, 2008). Em Pinheiral, entretanto, utiliza-se a palavra jongo. Por isso, nesta dissertação eu utilizo a palavra jongo.

O jongo foi registrado no dia 15 de dezembro de 2005 no Livro das Formas de Expressão como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil (processo número: 01450005763/2004-43). Dois dias depois, houve uma proclamação pública do registro do Jongo como patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, do Ministério da Cultura – Minc. Isso ocorreu durante o X Encontro de jongueiro no município de Santo Antônio de Pádua, no Estado do Rio de Janeiro. Após o reconhecimento pelo Estado, do Jongo como patrimônio imaterial, surgiu o desafio para o IPHAN, de construir um diálogo com as comunidades

jongueiras para assegurar a salvaguarda do jongo a futuro. Como destacam (CUNHA et al, 2015, p.8966):

Buscar a compreensão de patrimônio por parte dos sujeitos envolvidos, buscar a identificação dos meios e motivos que garantiram a salvaguarda do patrimônio ao longo do tempo, e participar do diálogo sobre as diversas concepções e apropriações, constituem desafios do diálogo nas políticas públicas de cultura.

Entre 2012 até 2015, acompanhei de forma mais direta as redes jongueiras, o diálogo com a Universidade Federal Fluminense através do Pontão. Nas reuniões organizadas pelo Pontão foram levantadas questões que me permitiram pensar junto com eles, a questão do jovem negro em nossa sociedade. Foi durante esse período que aprendi a ter respeito pelo jongo e compreender como essa expressão negra simboliza a resistência do negro ao genocídio, que eu tinha sentido na pele.

a troca de papéis e de lugares de enunciação. Trocar de lugar implica em constatar a presença de outras lógicas e práticas e recriar formas de desenvolvimento de projetos coletivos”. (CUNHA et al, 2015, p. 8.969).

Em 2014, seguindo o incentivo da Lei 10.639/03 de promoção da cultura negra nas escolas, eu tomei a iniciativa de criar o *Coletivo Cultura Negra na Escola*¹⁵ e convidei os meus colegas de turma do curso de História da UFF para participar. A ideia do coletivo veio de uma oficina que realizei numa escola pública de Saquarema- RJ, com o auxílio da coletânea “O Jongo na escola¹⁶” que reunia em um fichário, nove documentários produzidos em parceria com as comunidades jongueiras, acompanhados de artigos sobre a temática racial.

No mesmo ano, escrevi a minha monografia de História que era uma análise comparativa entre o jongo de Dito Ribeiro em Campinas (SP) e o candombe dos afro-paraguaios, da cidade de Fernando De La Mora (Paraguay) (CUNHA, 2014). O estudo focou-se numa análise comparativa entre a festa de São Baltazar, da comunidade de Kamba Kuá¹⁷, em Fernando De La mora, e a festa de São Benedito, na Fazenda Dito Ribeiro, em Campinas-SP.

¹⁵Coletivo Cultura Negra na Escola. Disponível em <<https://www.facebook.com/coletivoculturaneegraescola/>>. Acessado em 15 de Janeiro de 2018.

¹⁶Coletânea Jongo na escola. Disponível em <http://www.pontaojongo.uff.br/sites/default/files/upload/o_jongo_na_escola_-_completo.pdf>. Acessado em Janeiro de 2018.

¹⁷ A tradução do termo guarani KambaKua é “buraco dos negros”, no qual o termo Kamba significa pessoa de pele negra ou morena e “kua” significa buraco. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). 2013.

Com o fim da graduação em História, comecei a lecionar na Escola Municipal Orgé Ferreira dos Santos de Saquarema- RJ, e no ano seguinte, em 2015 ingressei na pós-graduação lato sensu em Educação e Relações Raciais pelo Programa de Educação sobre o negro na sociedade brasileira – PENESB – UFF. No final desse curso, realizei uma monografia sobre educação e relações raciais com meus alunos do 7ª ano do ensino fundamental. (CUNHA, 2016).

Em 2016 entrei no mestrado no PPGAS no Museu Nacional - UFRJ e participei da formação do coletivo de negros da mesma instituição, que em 2017 homenageou a militante, intelectual e minha mãe Marlene de Oliveira Cunha, dando o nome do coletivo. No mesmo ano acompanhei como assessor comunitário voluntário no Pontão as denúncias contra o turismo que espetacularizava a escravidão do Vale do Paraíba e fiz trabalho de campo na comunidade jongueira de Pinheiral.

No início do ano 2017, veio á tona a denúncia feita pela revista online Intercept Brasil¹⁸ sobre as práticas racistas realizadas na fazenda Santa Eufrásia, em Vassouras - RJ. Assim, no dia 02 de fevereiro, às 14 horas, participei de uma reunião pública no auditório da Ordem dos Advogados do Brasil, em Volta Redonda, onde estiveram presentes o Procurador da República Julio José Araujo Junior, representantes da Defensoria pública no Estado do Rio de Janeiro, OAB-RJ, docentes da UFF, comunidades quilombolas e jongueiras e movimentos negros. O objetivo da reunião foi discutir a violação dos direitos fundamentais pelo Turismo, na mencionada fazenda.

A partir dessa reunião foi formado um grupo de trabalho¹⁹ com um dos objetivos de construir o termo de ajustamento de conduta da fazenda Santa Eufrásia, para que o turismo considerado racista fosse combatido. Acompanhei a constituição do termo, como também, o cumprimento das cláusulas exigidas. Durante as reuniões do TAC Santa Eufrásia²⁰ a afinidade com a liderança jongueira Fatinha tornou-se maior, contribuindo para uma melhor entrada na Casa do Jongo de Pinheiral, e posteriormente, a organização do turismo comunitário com os jongueiros e a equipe do Pontão.

¹⁸ Reportagem “Turistas podem ser escravocratas por um dia em fazenda “Sem Racismo”. Disponível em <<https://theintercept.com/2016/12/06/turistas-podem-ser-escravocratas-por-um-dia-em-fazenda-sem-racismo/>>. Acessado em Janeiro de 2018

¹⁹ Por sugestão de Toninho Canecão, Quilombo Fazenda São José da Serra - RJ, o grupo de trabalho foi composto por ele, por Fatinha do Jongo de Pinheiral - RJ, pelas professoras Elaine Monteiro e Martha Abreu, da Universidade Federal Fluminense, por mim e pelo procurador da República Júlio Araújo Júnior.

²⁰ A etnografia sobre a minha participação no TAC Santa Eufrásia encontra-se nos anexos da dissertação (p. 107)..

Uma revisão da literatura sobre o jongo

*Tava dormindo, curipomba me chamou.
Disse levanta povo cativo já acabou*²¹.

Os jongueiros de Pinheiral cantam esse ponto para lembrar o fim do cativo. Explicaram-me que a “curipomba” é o tambor que chama o povo negro para o caminho da liberdade. Aceitando esse convite, desenvolvo nessa sessão uma breve revisão da literatura sobre o jongo seguindo uma ordem cronológica, a partir de 2004 até hoje, período em que houve grande interesse na temática. Apenas descrevo os textos que, a meu ver, contribuem com minha pesquisa.

A obra de Wilson Júnior (2005), “Jongueiros do Tamandaré: um estudo antropológico da prática do jongo no vale do Paraíba Paulista”, aborda os movimentos corporais da dança e do ritual realizados pela comunidade jongueira do Paraíba Paulista, no bairro de Tamandaré do Guaratinguetá. A dissertação analisa o ciclo de festas de Tamandaré e as interações sociais entre os jongueiros e os moradores. Aponta para a relação entre o jongo e a Umbanda, e a maneira como isso contribui para a construção de alteridade na interação entre os jongueiros e outros segmentos sociais.

No texto de Ricardo Melo (2006) “Tambor de Machadinha: devir e descontinuidade de uma tradição musical em Quissamã” encontra-se uma análise sobre o renascimento da prática do jongo entre os moradores da fazenda Machadinha na perspectiva do Turismo. Segundo Melo (2006), o jongo tem perdido o seu lado recreativo e lúdico, que o caracterizava no passado, e atualmente tem-se reconfigurado como um espetáculo para os turistas. Além disso, ele salienta que o turismo étnico²² fomentado pelos órgãos municipais influenciam na dinâmica e na estrutura social do grupo jongueiro, o que têm causado uma série de conflitos e divergências internas.

No que diz respeito à uma análise histórica, o “livro Memória do jongo: as gravações históricas de Stanley J. Stein: Vassouras, 1949”, organizado por Silvia Lara e Gustavo Pacheco (2007) é uma coletânea de artigos com cd anexo que aborda não apenas o jongo no passado, mas também, os processos da escravidão e pós-abolição do

²¹ O Ponto de jongo “curipomba” (tambor) é cantado por várias comunidades jongueiras do Vale do Paraíba.

²² O turismo étnico é uma atividade turística voltada para as comunidades tradicionais, indígenas e afro-brasileiras. Ver cap. 4 para uma revisão da literatura antropológica sobre o tema.

século XIX e XX. Os autores apontam para os percursos atlânticos da escravidão do Brasil que contribuíram para a formação sociocultural de matriz africana, incluindo, os grupos jongueiros e seu envolvimento no recente processo de patrimonialização do jongo/caxambu no Brasil. Esse trabalho é de grande relevância por ser um dos primeiros relatos e registros sonoros do jongo e por reunir importantes historiadores e antropólogos sobre o tema.

Mais recentemente, Adailton Silva (2010) traz uma reflexão não apenas, sobre a figura dos jongueiros e jongueiras, mas também, do jongo como identidade negra. Sua dissertação “Relatos sobre o jongo: reflexões e episódios de um pesquisador negro” possui um caráter diferencial, pois analisa o lugar do pesquisador negro no contato antropológico e na relação com a comunidade. O autor destaca as implicações das relações interétnicas de pesquisa no contexto da antropologia brasileira, onde a maioria dos pesquisadores não é composta por negros. (SILVA, 2010). A dissertação denuncia o quadro social e econômico das comunidades jongueiras, que sofrem marginalização e precarização. Embora haja um reconhecimento da prática cultural imaterial, não há políticas públicas para salvaguardar o jongueiro.

Sobre as articulações entre os jongueiros e jongueiras por reivindicação de políticas públicas para o jongo os artigos de Elaine Monteiro (2015, 2016) e Martha Abreu e Hebe Mattos (2011) são fundamentais para se compreender essa trajetória de luta. O texto de Monteiro descreve a constituição do território jongueiro no contexto histórico do Vale do Paraíba e as articulações através dos encontros das redes de lideranças e jovens lideranças jongueiras. Já Abreu e Mattos analisam dois caminhos de luta percorridos pelas comunidades jongueiras/quilombolas do estado Rio de Janeiro, como Pinheiral, Fazenda São José em Valença e o Bracuí, em Angra dos Reis que reivindicaram a posse das terras quilombolas e a formação de políticas públicas para o jongo.

Sobre a relação da Umbanda com as comunidades quilombolas, a pesquisa “O caxambu tem dendê: jongo e religiosidade na construção da identidade quilombola de São José da Serra” de Ione Carmo (2012) analisa a relação entre a luta pela titulação da terra quilombola²³, a religiosidade e a memória do cativo. A autora se utiliza dos

²³ Deve-se destacar que a titulação das terras, atualmente, já se encontra na posse dos quilombolas. Sobre a conquista da terra pela comunidade do Quilombo de São José da Serra, ver vídeo: Terra é liberdade –

métodos comparativos entre o catolicismo popular e a prática da umbanda no Quilombo de São José para compreender o quanto essas religiões interagem com o jongo.

Finalmente, encerro este levantamento, com a dissertação “Tia Maria do jongo: memórias que resignificam identidades das atuais lideranças jongueiras do grupo Jongo da Serrinha” de Aline Sousa (2015), está focada no papel da mestra jongueira Tia Maria do Jongo no bairro de Madureira do Rio de Janeiro e das lideranças mulheres negras da comunidade que as principais articuladoras do grupo Jongo da Serrinha.

Atualmente, há um renovado engajamento por parte da Antropologia por expandir a compreensão das expressões musicais e de danças da chamada cultura popular a partir das experiências e percepções dos próprios participantes e suas dinâmicas sociais²⁴. Meu estudo foca-se no jongo e se insere nesse movimento de trazer a voz dos jongueiros de Pinheiral - um grupo de jongo que necessita ainda de mais aprofundados estudos, pois é um dos primeiros estudos antropológicos sobre a Casa do Jongo de Pinheiral.

Os Caminhos da dissertação

*No limpo, no limpo meu carro tombou.
Na mata virgem o meu carro, carreou²⁵.*

As questões teóricas e etnográficas abordados pelos estudos listados acima serão abordados na minha etnografia do Grupo Jongo de Pinheiral. A minha escrita também será pontuada por alguns pontos de jongo que eu escutei durante meu trabalho de campo e que se tornaram particularmente significativos na minha experiência de aprendizado com os jongueiros. Minha intenção é desenhar o caminho da minha pesquisa através das palavras cantadas que, para os jongueiros, guardam e recriam a sabedoria dos seus ancestrais.

A dissertação está dividida em quatro capítulos. O primeiro é uma apresentação do meu trabalho de campo e das pessoas com quem eu convivi na Casa do Jongo de Pinheiral. O segundo está focado na percepção da história da região do Vale do Paraíba a través das narrativas dos jongueiros de Pinheiral e o conceito de “território jongueiro”

Quilombo São José da Serra. Disponível em <<http://www.pontaojongo.uff.br/node/109>>. Acessado em Janeiro de 2017.

²⁴Por exemplo, destaco os trabalhos de Maria Laura Cavalcanti (2002, 2011), Rosaria Barbara (2002), Renata Gonçalves (2010), Virna Plastino (2013), Luzimar Pereira (2012) e Daniel Bitter (2013).

²⁵ O ponto “Limpo, limpo” é cantado pelo Grupo Jongo de Pinheiral.

que eles mobilizam em suas falas. No terceiro capítulo examino o cotidiano e as atividades rituais da Casa do Jongo. E no quarto e último capítulo abordo o tema do acolhimento e o turismo comunitário.

Machado!

CAPÍTULO 1:

“PARA DANÇAR JONGO, VOCÊ TEM QUE ESTAR COM ELE NO SANGUE”

*Pai divino espírito santo primeiro que sai na guia
Eu vim saravá terreiro
Com Deus e a Virgem Maria²⁶*

Esse ponto de jongo citado acima segundo os jongueiros de Pinheiral é usado para abrir uma roda de jongo, mas também, presenciei os jongueiros cantarem em outros momentos na roda. A partir dele inicio o capítulo 1 saravando todos os jongueiros que me receberam na Casa do Jongo e me ensinaram que para dançar o jongo é preciso que ele esteja no “sangue”.

1.1. MINHA CHEGADA À CASA DO JONGO DE PINHEIRAL

*A panelinha está fervendo
Vai temperando devagar²⁷.*

Cheguei à Casa do Jongo de Pinheiral no dia 01 de Julho após ter saído da fazenda Santa Eufrásia onde acontecia uma roda de conversa sobre o processo do termo de ajustamento de conduta, da qual participou a Fatinha. Com o fim da roda de conversa fui com ela para Pinheiral. Ao chegar, ela me acomodou num quarto de hóspede da casa e fiquei morando lá até o dia 14 de Agosto.

Durante esse período, colaborei com a organização da Feira Afro e da festa de Sant’Anna. Também ajudei na cozinha fazendo os serviços pesados de carregar panelas com comida e de ir à rua fazer os pedidos que me eram solicitados. Foi assim, através da cozinha, compartilhando o trabalho de preparar os alimentos na comunidade, como disse o ponto de jongo acima, que eu fui aprendendo aos poucos como se dava a vida na Casa do Jongo. Conversei muito com a todas as lideranças, especialmente a Fatinha, e participei nas reuniões comunitárias, que são realizadas todas as terças-feiras, normalmente às 19h30min.

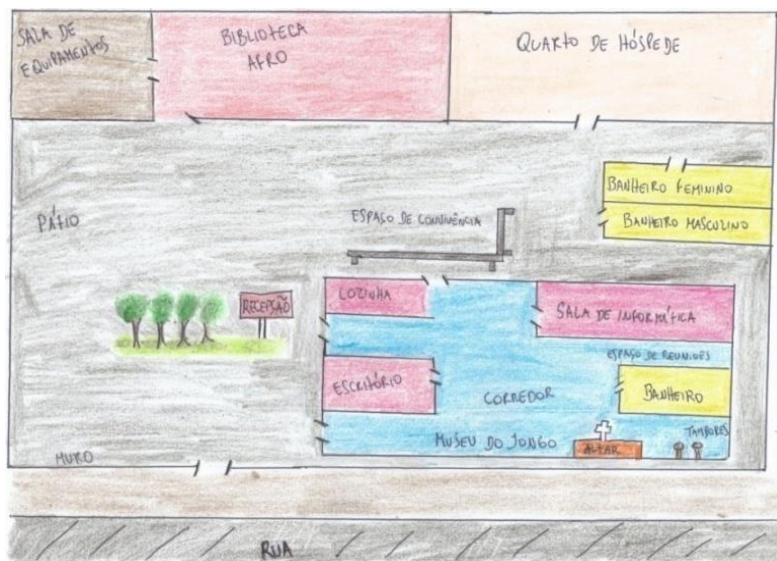
Antes de iniciar a reunião, a Fatinha me chamava num canto e sentava comigo: “João, vamos montar a pauta da reunião para passar para o grupo as atividades do jongo e o que nós estaremos desenvolvendo na semana”. Depois, fazíamos um rascunho no caderno sobre o que seria falado e a forma em que ela falaria para o grupo.

²⁶O Ponto de jongo “Pai divino” foi criado pelo Mestre José Sebastião Cabiuna e é cantado pelo Grupo Jongo de Pinheiral.

²⁷O Ponto de jongo “Panela está fervendo” é cantado pelo Grupo Jongo de Pinheiral.

“Temos que ver uma forma didática para falar para o grupo, para que eles entendam o que a gente quer. Trabalhar com comunidade é assim”. Essa pré-reunião durava uns 40 minutos. Eu escutava mais do que falava, pois ficava encantado com o detalhe e a forma que ela conseguia liderar o grupo. O mais importante para a Fatinha era que *“tudo que for decidido e definido na Casa do Jongo deve passar pelo grupo”*. Foi um grande aprendizado para mim.

A Casa do Jongo de Pinheiral possui um espaço, razoavelmente, grande. Na parte externa, há um pátio, um espaço de convivência, dois banheiros, uma biblioteca, um quarto de equipamentos e outro para receber as visitas que pernoitam. Na parte interna, encontramos uma cozinha, sala de informática, sala de reuniões, escritório e uma sala que a Fatinha chama de “Museu do jongo”, onde são guardados os tambores, os quadros de antigos mestres jongueiros e há também um altar com os santos católicos, como São Benedito, São Jorge, São Cosme Damião e Nossa Senhora de Nazareth. Nessa sala são realizados os principais rituais da comunidade. As pessoas também vão lá para fazer os seus pedidos e rezarem. Ao entrar nela, os jongueiros dizem que se encontram com sua ancestralidade e força espiritual. Lá eles estão sempre acendendo uma vela e colocando um copo d’água no altar dos santos.



Desenho 1: A Casa do Jongo. Fonte: Autor (2018)

Durante o dia a dia, sempre estava acompanhado. De manhã, normalmente, algum jongueiro vinha na casa para tomar café. Quando podiam, os jongueiros também faziam as principais refeições do dia junto comigo. A Fatinha foi me orientando sobre a rotina na casa e toda noite, antes de ir embora, ela me pedia: *“João, acorda cedo para arrumar o café da manhã dos meninos. O ki-suco e o Cheiroso vêm amanhã para tomar*

café com você”. Ambos são jongueiros muito próximos da Fatinha, que a acompanham diariamente e cuidaram bem de mim.

De manhã, a Casa do Jongo ficava praticamente vazia. Éramos só eu, o Ki-Suco e o Cheiroso. Aproveitávamos para conversar à vontade. Cheiroso colocava uma música de forró antiga: *“Olha João eu vou te dizer uma coisa eu gosto muito de forró, lá no cruzeiro que tinha muito forró, mas sempre havia muita briga por causa de bebida, ai foi parando de ter forró”*. E assim, passávamos a manhã inteira rindo até a hora de preparar o almoço, quando Fatinha chegava com as compras. Mesmo que dissesse a Fatinha para não se preocupar com a comida, ela sempre insistia em perguntar e cuidar da nossa alimentação. Quando ela não conseguia vir pessoalmente, ela me enviava uma mensagem avisando que havia comida para nós na geladeira.

Frequentemente, algumas jongueiras mais velhas passavam na casa para fazer o almoço para quem estivesse, principalmente, quando era véspera de festa ou atividade do jongo. Nas festas, os jongueiros se reuniam para preparar pratos especiais que eram ofertados a todos os integrantes do grupo e seus convidados. O trabalho na Casa do Jongo era sempre partilhado. Geralmente, os homens faziam o trabalho manual de cortar e carregar a lenha para colocar no fogão e os outros serviços pesados como carregar comida e as panelas grandes. Entretanto, as jongueiras ficavam com a parte da limpeza dentro da casa.

Agora eu gostaria de apresentar melhor as pessoas que me acolheram. Antes, porém, é preciso apresentar os tambores da casa, pois como Fatinha me explicou, eles são a presença viva da ancestralidade do jongo desde o tempo do cativo. Esses tambores também são uma lembrança direta do Mestre José Oliveira Cabiúna e outros jongueiros hoje falecidos, que detinham a arte de fazer e encorar os tambores.

1.2. OS TAMBORES DA CASA E O MESTRE CABIÚNA

*Foi vovó quem me falo. Devagar com o tambor.
Ela me mostrou o jongo. Que é herança de vovó.
Foi no tempo de vovó. O tambor que era voz.
E agora minha gente. Herança fico pra nós²⁸.*

No museu da Casa de Jongo há dois tambores antigos, que foram feitos usando os saberes do tempo do cativo. O “candongueiro”, que é o menor, e outro é o

²⁸ O ponto “Foi vovó quem me falou” é cantado pelo Grupo de Jongo Mistura da Raça que fica em São José dos Campos – SP.

“tambor grande”. O tambor grande possui como medida 40x40 cm como largura e comprimento, já o candongueiro apresenta 30x30 cm. Eles foram feitos pelo Chico Diogo, contemporâneo do mestre Cabiúna e do pai da Fatinha. O tambor grande foi feito com uma barrica de vinho do bar do pai da Fatinha, e o menor foi feito com a madeira de embaúba que o mestre Cabiúna trouxe do mato. O couro é de boi e, segundo os jongueiros, desde a época da escravidão antes de serem tocados, os tambores devem ser esquentados para “dar um som”, como explica o Cheiroso:

Os dois foram encorados pelo Chico Diogo. Ai, depois, que ele ensinou os outros jongueiros a encorar. Seu Maurilio sabia. O João e eu sabemos. Você bota o couro dentro da água e deixa ele lá uns três dias. O couro vai amolecer. Daí você tira ele e bota no tambor. Mas você tem que esticar ele, não pode deixar endurecer. Ai nós vamos com as tachinhas e vamos pregando ele, do lado assim. Depois você corta ele. O couro fica esticadinho e para esquentar é só na fogueira (Cheiroso).

Segundo os jongueiros, os “tambores são a alma do jongo” e há todo um ritual para encorá-los com louvações aos mais velhos. A relação entre o couro, a madeira e o fogo é vital para que os tambores sejam um “elo de comunicação com o mágico e o misticismo”, explica Fatinha. Essa relação com o fogo é algo que, aos olhos dos jongueiros, remete à sua ancestralidade e caracteriza a maneira como os seus tambores “dão o som”. É através da fogueira que se pede a bença aos mais velhos. A fogueira, tanto quanto os tambores, são testemunhas dos saberes da escravidão – ativos - nas práticas atuais.

Isso eu vou falar para você, a gente pede a bença porque sempre que a gente vai encorar o tambor a gente pede a bença aos velhos. As pessoas mais velhas que morreram e que ajuda a gente encorar o tambor. Eles vem com a bença deles para o tambor ficar firmado. A gente pensa em firmeza com eles. Eles firmam e, pronto, e a gente cora o tambor. O nosso tambor esquentado na fogueira é da época dos escravos. Sempre fez assim e sempre será assim e não vai mudar em nada (Cheiroso).

A fogueira também ocupa um lugar destacado em todas as rodas de jongo porque o couro deve sempre ser esquentado antes de tocar. No passado, além de servir para esse propósito, a fogueira permitia demonstrações de “fé”, segundo as palavras dos

jongueiros. Normalmente, a fogueira era acesa ao anoitecer e à meia noite os tambores estavam prontos para iniciar-se a roda. Mas antes, as pessoas caminhavam nas brasas²⁹.

Naquela época quando esquentava o tambor, quando dava meia noite começava o jongo. Eles pediam para você passar em cima da brasa da fogueira descalço. Lá onde foi esquentado o tambor. E aí eles falavam se você tem fé pode passar que seu pé não vai ser queimado. Mas só poderia passar meia noite. Você não poderia passar depois de meia noite, certinho. (Cheiroso)

Era uma prova de fé pelo jongo, quando “as pessoas passavam por cima da fogueira e o pé não queimava”.



Foto 1: Tambor grande. Fonte: Autor (2017)

²⁹ Os jongueiros de Pinheiral não dançam ao redor da fogueira diferente dos jongueiros do Quilombo de São José da Serra.



Foto2: Candongueiro e o Macuco. Fonte: Autor (2017)

Após a caminhada sobre as brasas, começava a roda. Na lembrança dos jongueiros, o mestre Cabiúna era uma grande liderança que sabia montar e conduzir as rodas, como ninguém. As rodas aconteciam no antigo Morro do Cruzeiro, no quintal das famílias jongueiras.

Existia um grande respeito pela sabedoria do mestre Cabiúna, a postura dele, a alegria dele. Homem negro muito elegante e bonito então todo mundo tinha prazer de dançar com ele. Ele levava a gente para dançar jongo em vários lugares aqui da região, em tudo que era lugar. (Fatinha)

O mestre Cabiúna era particularmente conhecido pelo seu inesgotável repertório de pontos e sua maneira de convidar todos os participantes para cantar juntos.

E vou te falar para você, nessa coisa de ponto, o Cabiúna não errava. Todos os pontos dele eram diferentes. Quando cantava, tudo mundo cantava junto. Ele gritava: “olha o piano, gente”. Era para você dar a sua voz. Ele cantava muito; você dava a voz para ele. Você cantava assim e ele respondia para ele. Olha a falecida minha Tia, Dona Dinda. Se vissem essas mulheres na roda! Nossa elas cantavam, gritavam e respondiam tudo o que o Cabiúna cantava! A roda de jongo ficava bonita demais, você nem precisava de microfone. (Cheiroso)

Depois saudar os tambores e os mestres antigos, passo a apresentar apresento as lideranças jongueiras com quem convivi na Casa do Jongo de Pinheiral.

1.3. OS JONGUEIROS DA CASA

*Bate tambor grande, repinica candongueiro
Vamos bater palma, vamos saravá jongueiro*³⁰.

A principal liderança jongueira da Casa do Jongo é a Maria de Fátima da Silveira, que como mencionei acima - chamada de Fatinha. Ela tem atualmente 56 anos, tem dois filhos homens adultos e é professora de educação física. É aposentada da rede pública. Ela mora com as suas duas irmãs, em casas separadas no centro da cidade de Pinheiral. Conversamos muito durante a minha estadia. Mas, um dia em que formos juntos fazer compras, na volta não encontramos ninguém em casa. Era uma ótima oportunidade para conversarmos com tranquilidade, pois normalmente sempre havia pessoas ao redor e o lugar era bem movimentado. “*João vamos começar logo essa conversa sobre minha vida antes que chegue alguém, aí já viu*”, ela me disse para que aproveitássemos aquele momento.

Quando perguntei a Fatinha: “*Como eram seus avós?*”. Senti que ela ficou bem emocionada e começou a falar da relação com a sua avó materna, Maria Bárbara Silveira, que foi com quem ela conviveu durante a infância. A avó foi uma referência na vida dela por ter sido uma pessoa de visão e por entender: “*da condição do que é ser negro, minha família traz isso lá de traz*”, disse Fatinha. Sua avó era do interior de Minas Gerais e ficou viúva muito cedo, com três filhas. Veio para Pinheiral para trabalhar como costureira numa fazenda, e posteriormente, como cozinheira num hotel em Barra Mansa, cidade próxima a Pinheiral. Para Fatinha, sua avó materna era um exemplo de pessoa por estar sempre procurando melhorar a situação da família.

³⁰O ponto de jongo “Bate tambor grande” é cantado pela comunidade jongueira Sementes da África em Barra do Piraí – RJ.

De parte da família de seu pai, Norival Joaquim dos Santos, a jongueira conviveu apenas com a sua tia, irmã de seu pai. Seu pai trabalhou durante 35 anos na empresa de energia elétrica Light e era uma pessoa muito querida pela comunidade. Mesmo já falecido, ele é muito lembrado por ter tido um bar, que era um ponto de encontro de jongueiros, onde as pessoas, sempre o procuravam para pedirem conselhos. Além disso, seu pai tinha uma profunda relação com o jongo, que segundo Fatinha ainda é algo comum entre os negros do lugar. *“A vida dos negros, aqui, em Pinheiral, na época que eles [seus pais] casaram, era o jongo, a cultura, banda de música, então, intensificou essa vivência”*.

Fiquei curioso com essa relação dela, já desde cedo com o jongo e perguntei *“sua mãe dançava jongo?”*. Com uma resposta bem rápida, ela me diz: *“Minha mãe dança jongo”*, então eu perguntei: *“Mas eu não vejo ela vindo aqui?”* *“Agora ela quase não vem, mas ela dança se tiver uma roda de jongo é ruim dela não dançar. Ela dança bem. Ela vem, quando ela cisma, ela vem.”*. Realmente, sua mãe, dona Constância da Silveira Santos, quase não visitava a Casa do Jongo. A única vez que a encontrei foi durante a festa de São Benedito, quando a vi dançando com os outros jongueiros.

Fatinha tinha uma admiração ao falar de como a dança estava presente na sua família. Lembrou de uma exposição do IPHAN –RJ, onde tinha uma foto de sua mãe dançando, e como, essa foto foi divulgada em vários lugares. *“Um dia desses me mandaram essa foto. Eu vi essa exposição lá no museu da República, lá no centro folclórico”*, a liderança jongueira falava orgulhosa. Prosseguindo com a nossa conversa sobre o jongo e a sua mãe, perguntei: *“Você entrou no jongo através de sua mãe?”* E para a minha surpresa Fatinha me responde: *“Não. Assim... quer dizer, eles iam para a roda, havia a avó Baduina, uma senhora que era jongueira e eles moraram lá, eram inquilino dela faziam roda de jongo e meu pai e minha mãe íamos”*. O jongo fez parte da infância da jongueira, perpassou a adolescência até ter se tornado adulta quando ela teve a necessidade de preservar e cuidar do jongo.

Mas, durante essa época da vida, a jongueira se dividia entre as rodas de jongo e a de capoeira: *“Então, quando a capoeira chegou, aqui, em Volta Redonda foi nessa época. Eu já conhecia a capoeira de Salvador, veio o mestre para dar aula aqui em Volta Redonda, começamos a acompanhar e depois criamos um núcleo de capoeira.”*.

Foi através da relação com a capoeira que Fatinha conheceu as lideranças do movimento negro da região, principalmente, o Pedro Antônio Francisco, o Mestríssimo Pedrão, como ele gosta que seja chamado, integrante do grupo de jongo de Pinheiral, desde, a sua fundação.

Ela foi uma militante do movimento negro muito atuante, participando de várias ações políticas e culturais nos anos 80 e 90 não apenas em Pinheiral, mas, principalmente, em Volta Redonda tendo participado do clube Palmares, que foi um clube construído por negros, pois, devido, ao racismo, eles eram proibidos entrar em clubes de brancos. Nessa época, a liderança jongueira conviveu com pessoas importantes dentro do movimento negro como o já falecido engenheiro Nazário, o João Lauriano que já possui uns oitenta anos de idade, e hoje, é o atual presidente do clube Palmares. Sobre a formação do clube negro, a liderança jongueira destaca:

Em Volta Redonda os clubes sociais não aceitavam negros então esse pessoal que já tinha estudos ganhavam bem e já tinham uma certa posição social falaram vamos comprar um terreno numa área nobre e fazer um clube um espaço para a gente se encontrar e assim foi feito compraram lá no Jardim Europa que até hoje o bairro faz movimento para tirá-los de lá só que compraram e pagaram é deles. (Fatinha)

Nesse momento em que conversávamos, a liderança demonstrou uma indignação e me relatou que ainda, há casos de negros que são barrados em clubes de brancos na região, mas diferente daquela época a proibição é muito mais branda. No período em que morei na casa de jongo, em alguns domingos, fui conhecer melhor a cidade de Volta Redonda e fiz amizades com jovens negros de movimentos sociais e culturais. Trocando saberes, percebia que não conheciam a história do movimento negro da cidade e tampouco as histórias de segregação racial tão presentes no passado. Para Fatinha *“Nosso jovem hoje em dia está mais fácil apesar de ainda ter o racismo, mas nossa época era resistência mesmo, a gente tinha que ir para lá. Se impor com as nossas coisas sabe.”*. Segundo ela, o racismo, hoje não se dá mais de forma tão declarada, mas sim, de forma mascarada.

Fatinha também participou da construção do Memorial Zumbi que fica no centro da cidade de Volta Redonda, e que, hoje, é considerado um dos principais símbolos de resistência negra na região. Essa trajetória da Fatinha com o movimento negro foi fundamental para o trabalho que ela desenvolve, atualmente, na Casa do Jongo e com os jongueiros: *“Nós aprendemos a conhecer a nossa história contada por nós mesmos. E é*

o trabalho que fazemos até hoje, é a linha que a gente segue”, relata a liderança. *“Antigamente, dançávamos, mas não era como grupo, dançávamos porque era uma coisa que todo mundo dançava, em festas, aniversários, dançávamos muito no inverno.”* Não havia, naquele momento, um caráter de organização de grupo, com o objetivo de fazer apresentações, e tampouco o jongo era considerado um patrimônio imaterial.

Assim, como na Casa do Jongo de Pinheiral nas outras comunidades as mulheres negras são as principais lideranças jongueiras. A dissertação de Aline Sousa (2015) faz uma análise das memórias e da identidade das mulheres que lideram o grupo Jongo da Serrinha. Como explica a autora, a comunidade da Serrinha recebeu, durante a sua formação, negros oriundos do estado do Rio de Janeiro e outras regiões do sudeste, que trouxeram consigo os saberes do jongo. A formação do grupo de jongo se deu através de duas famílias. A família Monteiro, de Tia Maria e a família Monteiro, de Vovó Maria Joana e Seu Pedro. Ambas as famílias possuem como sua principal força, as mulheres, de acordo com o que Sousa (2015) nos apresenta através de sua análise, sobre as memórias de Maria de Lourdes Mendes, a Tia Maria do Jongo da Serrinha.

Tia Maria, a quem me refiro no ponto que abre a introdução dessa dissertação é a principal matriarca do jongo da Serrinha. Como nos lembra Sousa (2015) o seu quintal de casa era um lugar de convivência das crianças que começaram a dançar o jongo, um pedido de Vovó Maria Joana para o mestre Darcy, com medo do jongo acabar, devido a morte dos jongueiros mais velhos, já que o jongo era proibido para as crianças. Com a morte do mestre Darcy, a tia Maria foi escolhida por ele para seguir o trabalho, principalmente com as crianças. Assim, como ela, a Fatinha também foi escolhida por um mestre jongueiro, o mestre Cabiúna que participou da formação do Grupo Jongo de Pinheiral.



Foto 3: Maria de Fátima da Silveira, Fatinha do jongo. Fonte: Autor (2017).

A segunda pessoa que eu gostaria de apresentar é o Alexandre da Silva Belisário, de 41 anos de idade e nascido em Pinheiral. Ele é a segunda liderança da casa, muito querido e conhecido como Cheiroso. Sua mãe se chamava Domingues da Silva Belisário e seu pai Benedito da Silva Belisário, ambos falecidos. Ele é solteiro e sem filhos. E mora com o irmão, Alexandro da Silva Belisário, que não participa do jongo.

Cheiroso vem de uma trajetória não diferente dos outros jongueiros negros, de grande exclusão social com uma formação educacional bem baixa. Começou a trabalhar muito jovem na prefeitura de Pinheiral no serviço de recolhimento de lixo, até se aposentar após um grave problema cardíaco. Atualmente, o jongueiro vive no morro do Cruzeiro onde aconteciam as antigas rodas de jongo. Em algumas ocasiões, antes dos eventos, dormia na casa para que pudesse ajudar na recepção das pessoas e no preparo da comida para as festas, cortando os alimentos e saindo para rua comprando o que faltava.

Ele entrou na roda aos cinco anos e foi o mestre Cabiúna quem o chamou para saudar os tambores pela primeira vez.

É João eu vou falar um coisa para você, eu entrei no jongo por causa de que eu ia na beirada dançar jongo aonde batia tambor. Só que naquela época, criança não entrava na roda de jongo. Eles não deixavam. Você ficava na beirada assim, perto da fogueira porque tinha batata doce, milho, mandioca, aipim e um monte de coisa. Vou te falar para você eu entrei no jongo com cinco anos de idade. Hoje não está vivo, o mestre Cabiúna. Ele falou para mim: “menino você está doido para entrar numa roda de jongo. Mas, primeiro você vai saravá o tambor. Depois você, entra na roda”. (Cheiroso)

Desde o começo ele me impressionou pela sua gestualidade e a maneira de acompanhar as suas falas com olhares e movimentos que comunicam tanto quanto as

suas palavras. Ele é apaixonado pelo jongo e, como ele sempre me disse, ele vive o jongo “no sangue”:

É o que falo para você, falo hoje e ha muito tempo, para dançar jongo você tem que estar com ele no sangue. Eu falo eu sou filho de jongueiro. Meu pai dançava jongo. Eu sou neto de jongueiro também. Então as pessoas tem que entrar, tem que estar no sangue da pessoa. Porque não adianta se não está no seu sangue, não adianta você ir lá. Eu falo muita coisa, as vezes, tem hora que eu falo as coisas e ofende as outras pessoas. (Cheiroso)

Eu percebi que, frequentemente, quando ele se dirigia a mim ou respondia uma pergunta relacionada ao jongo ele começava com uma típica expressão: “*eu falo para você*”, ou até mesmo, “*eu vou te falar uma coisa para você*”. Esse jeito dele se dirigir a mim me fazia sentir que ele tinha vontade de me ensinar jongo de maneira pessoal, como algo que mexe com afetos e as emoções de cada um. Para ele, realmente, foi o jongo que lhe devolveu o desejo de viver depois de uma doença.

Eu falo para você, eu não danço mais do jeito que gostaria de dançar, pois eu tive problema de saúde. Mas foi do jongo que tirei a minha animação no corpo meu para eu viver mais. Por que foi Deus em primeiro lugar que me deu a vida de novo e, depois, o Jongo. Sabe, porque eu ficava nessa casa ai em cima da cama deitado, tomando remédio, comendo alguma coisa e achava que dali não viveria mais. (Cheiroso)

Ele me explicou que através do jongo ele conseguiu mudar seu ânimo, pois ele percebeu que o jongo era a sua conexão com sua família; a família enquanto ancestralidade e a família como vivencia com as pessoas na Casa do Jongo:

Mas eu conhecia o jongo e vou falar para você. Eu coloquei na minha cabeça: “*aqui dançou a minha família, as pessoas que não eram a minha família, mas que fizeram parte do jongo. Eu não posso deixar isso aí morrer por acaso. Eu tenho que mostrar que eu sou disso aí também. Mostrar que eu sou a raça disso aí*”.(Cheiroso)

A maneira como ele expressou esse retorno à vida me fez perceber quanto o sangue ao qual ele se refere é uma herança que ele carrega no sangue e no “sangue que vive no meu sangue”. Dentro do seu sangue está o sangue dos seus ancestrais e dos seus familiares com quem ele compartilha a paixão pelo jongo.

Então eu falo para você que hoje o sangue vive no meu sangue e se um dia acontecer de acabar o jongo eu vou construir um e vou continuar dançando mesmo pegando um tambor sozinho, mas vou continuar batendo. Acho porque a maior alegria da gente é está batendo um tamborzinho e fica ali dançando (Cheiroso)



Foto 4: Cheiroso e a Fatinha na roda de jongo. Fonte: Autor (2017)

As outras lideranças com quem convivi estreitamente são o José Carlos Caetano e a Maria Amélia da Silveira. O José Carlos, conhecido como Ki-Suco, possui mais de cinquenta anos e trabalha como pintor de obra. Na Casa do Jongo desempenha um papel importante na manutenção, realizando todos os serviços gerais, além, de ser junto com o Cheiroso uma das pessoas que mais colaboram com a Fatinha, tanto na casa, como também, no grupo de jongo.

A Maria Amélia, de cinquenta e cinco anos, é a irmã da Fatinha e a sua principal assistente no que diz respeito à administração da Casa do Jongo. Ela é conhecida como Memeia e é formada no curso de Licenciatura em Biologia com uma pós-graduação em Gestão Escolar. Atualmente, trabalha como diretora da Escola Municipal Maria do Carmo Fadul Ferreira no bairro das Palmeiras em Pinheiral. Quando era adolescente, aprendeu junto com a sua irmã o jongo nas rodas realizada pelo mestre jongueiro Cabiúna em frente à igreja Santa Rita. A Meméia nas rodas de jongo é a liderança que canta os pontos para que os outros jongueiros possam dançar. Ela é sempre muito animada nas rodas e nas gravações de CD realizadas pela comunidade jongueira. Ela organiza e realiza bingos na Casa do Jongo como forma de arrecadar dinheiro para o grupo e maneja orçamento



Foto 5: Ki-suco e Meméia dançando na Roda de jongo. Fonte: Grupo Jongo de Pinheiral (2017)

O último personagem da minha dissertação é o pai de Santo Pedro Paulo Nogueira, de 56 anos de idade. Ele não faz parte do Grupo Jongo de Pinheiral, mas acompanha sempre as suas atividades. Ele nasceu em Pirai, mas sua família vive em Pinheiral. Ele é pai de santo de um terreiro da nação angola que se chama Unsaba Ionene, que em português significa Casa Folha Grande, da raiz Bate folha. Embora, não esteja tão presente na Casa do Jongo, ele é um dos jongueiros que herdou os conhecimentos e os saberes do mestre Cabiúna, por ser o sobrinho e ter vivido uma parte de sua vida com o mestre.

Ele é neto de Ivone Maria da Conceição e Benedito Pedro de Oliveira, e filho de Natália de Oliveira, que era irmã de José Cabiúna de Oliveira. O pai Pedro Paulo é muito querido por todos os jongueiros, e muito consultado em relação aos assuntos relacionados ao jongo, como era dançado antigamente, e a questão religiosa. Ele é único membro familiar do mestre Cabiúna que canta e dança o jongo, atualmente, pois o filho do mestre o Sebastião Cabiúna, veio a falecer precocemente vítima de alcoolismo.

Ele abriu seu terreiro em 1979. Como ele me destacou, as obrigações religiosas ocupam grande tempo, mas o jongo continua ocupando um lugar central na sua vida:

A vida de santo me tirou um tanto da vida social por isso eu passei a vivenciar muito casa de candomblé e por isso não estando no jongo. E o jongo em si começou a ficar muito esporádico, pois tinha uma festa em Pinheiral, festa do aterro que era o boom na época quando chegava o mês de junho aquelas festas aconteciam santo Antônio dia 13, São Pedro dia 29, eram praticamente um mês de festas, festas mesmo. E nessas festas tinham roda de jongo, só que as rodas de jongo começavam meia noite e iam até do

dia clarear então não era hora de criança estar na beira de fogueira de roda de jongo. (Pedro Paulo)

Durante a entrevista com pai Pedro Paulo parecia que havia ter feito uma escolha pelo caminho pelo candomblé e a umbanda que ele disse que trabalha a parte: *“Eu fico muito feliz pelo trabalho da Fatinha e das meninas dela estar dando continuidade ao jongo, o meu trabalho aqui na casa me impossibilita de estar tocando”*, e com a morte do Sebastião Cabiúna, filho do mestre o jongo ficou realmente, mais nas mãos das atuais lideranças jongueiras.



Foto 6: Pai Pedro Paulo. Fonte: Pai Pedro Paulo (2017)

No próximo capítulo pretendo descrever o “território jongueiro” a partir do viés dos pesquisadores sobre o tema e de jongueiros, especialmente, os que participam da Casa do Jongo de Pinheiral.

Machado!

CAPÍTULO 2

O TERRITÓRIO JONGUEIRO DO VALE DO PARAIBA

*Minha raiz é negra, veio de Angola distante,
Nas margens do Paraíba, em Pinheiral,
Meu Caxambu responde.
Meu avô me ensinou a tocar tambu,
Meu avô me ensinou a respeitar os Cumbas,
Foi ele quem me disse pra não tomar banho de rio
Que água do Rio afunda
Meu avô me aconselhou
A tomar banho na beiradinha,
No Rio Paraíba
Vai toma banho na beiradinha, toma banho na beiradinha,
Vai toma banho na beiradinha, toma banho na beiradinha³¹.*

Segundo, a Memória o ponto acima é uma homenagem ao jongo de Pinheiral. A comunidade jongueira de Pinheiral já recebeu vários pesquisadores e estudantes de graduação e pós-graduação, como eu, que foram em busca das raízes históricas e da ancestralidade africana presentes na Casa do Jongo.

Durante a minha pesquisa, recolhi narrativas sobre o passado e, principalmente, sobre as antigas rodas de jongo que marcaram as vidas daqueles que me acolheram. Com o sorriso nos lábios, a Fatinha me disse em várias oportunidades, retomando as palavras do Cheiroso, que ela estava “falando para mim” algumas coisas que ela achava adequado que eu soubesse. Mas ela também me disse claramente que algumas dessas coisas eram só para mim, não para a minha dissertação: “*you não é jongoeiro? Nem tudo o que acontece na Casa do Jongo a gente pode revelar. Porque você acha que a gente sobrevive até hoje? São os rituais que não podem ser falados que seguram a casa*”.

Ela assumiu que minha estadia na casa seria um ato de formação: “*Olha, João aqui você está fazendo um curso de capacitação. No final você vai ganhar um certificado quilombola!*”, ela me dizia entre risos. Sua apelação ao sentido do humor é algo característico da boa disposição da liderança e, em geral dos jongoeiros, na interação diária na Casa do Jongo. A “capacitação” que ela me oferecia era um convite a integrar a grupo: “*por isso você vai se apresentar nas rodas de jongo com a gente e vai fazer as coisas aqui na Casa do Jongo*”. Às vezes, quando eu cometia algum erro,

³¹ O ponto “Minha raiz é negra” foi criado pelo professor do Departamento de Educação Física Xandy Carvalho e Dendê Silva do Grupo jongo de Pinheiral.

eles riam de mim dizendo: “*João, você não é quilombola, você é um pisa na bola!*”. Compartilhar piadas e rir juntos talvez tenha sido para mim tão importante quanto às lições em história que eles me ofereceram.

2.1. O RIO PARAÍBA E O JONGO

*O jongo bom é no Médio Paraíba, oh gente.
Jongueiro corta cana, colhe café e lambica pinga.
Jongo de Barra e Pinheiral.
Tem Jongo em Valença, Vassouras e Arrozal³².*

Fatinha uma vez me disse: “*João, o jongo tem mistério*” e esse mistério, eu compreendi, está no território onde o jongo pertence. Durante a pesquisa na comunidade jongueira de Pinheiral uma das principais inquietações que me estimulavam a estudar o jongo era como os jongueiros entendiam a região do Vale do Paraíba³³. Nas tardes com eles, eu perguntava curiosamente sobre as cidades próximas de Pinheiral. A primeira resposta incluía sempre uma menção do nome do grupo de jongo e dos jongueiros, e depois vinham longos relatos do que acontecia nas rodas em esses lugares. Também observei que, quando a Meméia cantava um ponto que era de outra comunidade, antes de puxar o ponto ela falava sempre: “*gente eu vou cantar agora um ponto de Barra do Pirai*”. Depois de cantar ela pedia em seguida um *machado*, e novamente, ela avisava: “*Agora esse ponto é de Vassouras do Cacalo*”, e assim se seguia a roda cantando e avisando a origem dos pontos. À medida que ela cantava, ia desenhando um percurso pelo Vale do Paraíba. Toda roda era uma viagem pelo Vale e seu passado.

Em muitas ocasiões, tanto dentro quanto fora da Casa do Jongo, eu ouvi as lideranças de Pinheiral na roda falando do Vale do Paraíba através dos pontos que eles cantavam. Um dos pontos favoritos é aquele que eu incluí acima e que foi criado por Cosme Aurélio, uma liderança jongueira de Barra do Pirai.

Desejando compreender melhor essa dimensão territorial desse ponto, fui para Barra do Pirai e entrevistei o mestre Cosme Aurélio, na sede do seu grupo, Sementes da África, no centro da cidade. Ele me recebeu com um longo abraço e começou me

³²Ponto criado pela liderança jongueira Cosme Aurélio Medeiros do Grupo de Jongo Sementes da África-Barra do Pirai-RJ.

³³ Segundo, Rafael Marquese e Ricardo Salles (2015, p. 14), o Vale do Paraíba pode ser compreendido como uma área historicamente construída permeada de relações políticas, econômicas, sociais e culturais que possibilitaram a criação de significados criados ao acidente geográfico que foi utilizado como base territorial. No campo social e econômico, o vale se estendia para o conjunto de províncias do Rio de Janeiro, seguindo para o Oeste Velho Paulista e na Zona da Mata Mineira e abastecia economicamente a praça e o porto do Rio de Janeiro.

contando as dificuldades que o grupo encarava com os órgãos públicos: *“Nós não temos apoio da prefeitura [prefeito], parece que é a secretária de Turismo daqui que tem uma cabeça mais aberta”*. Ele destacou que a fonte de renda do grupo era apenas o dinheiro arrecadado pelas apresentações nas festas de aniversários, na fazenda Ponte Alta, de 15 em 15 dias nas rodas na praça central de Barra de Piraí. Quando eu falei da minha admiração pelo seu ponto sobre o Médio Paraíba, ele com um sorriso de felicidade me explicou o seguinte:

Na verdade, tem história. As vezes você vai na roda e todo mundo homenageia o seu lugar, ne? Eu quis fazer uma homenagem aqui ao meu lugar. Como agora nós temos esses grupos, ai eu quis fazer um jongo. Só que para fazer, você tem que ir encaixando as palavras certinhas. Vai daqui a ali, e eu consegui fazer. Já deve ter uns três anos. Ai surgiu a ideia de fazer um jongo em homenagem ao nosso médio Paraíba, até para fortalecer bem aqui o nosso lugar, porque aqui são cinco comunidades: Barra, Pinheiral, Arrozal, Vassouras e Valença (Cosme Aurélio).

Após explicar ele me disse: *“João no médio Paraíba ainda há outras famílias jongueiras, que não são nem conhecidas. Aqui em Barra nós estamos fazendo um trabalho de resgate do jongo em Ipiabas que andou meio caído”*. No dia seguinte da entrevista, eu estava de volta em Pinheiral, quando a Fatinha veio me perguntar como havia sido a visita em Barra do Piraí. *“Olha, João eu ajudei muito na formação dos grupos em Barra e em Arrozal. Antes haviam muitos jongueiros espalhados, mas não tinha essa coisa de grupo. Eu ajudei muito nessa articulação”*. Ela me disse que antes, os jongueiros já se conheciam, contudo, os “grupos” não existiam:

A gente conhecia os jongueiros do entorno aqui, porque sempre convidavam o mestre Cabiúna para fazer jongo nas festas deles e a gente ia junto. Então, a gente sabia que aqui tinha muito jongueiro, Vargem Alegre, Dorândia, Arrozal, mas ninguém era considerado como grupo, só era jongueiro. Dançar jongo era nas famílias, era nas casas. Acho que como grupo mesmo fomos nós os primeiros, que criamos a união jongueira e continuamos até hoje. (Fatinha)

Ela destaca que a organização dos “grupos” através da região é uma coisa recente, mas a existência de redes de relações entre jongueiros em todo o Vale do Paraíba é muito antiga. Os jongueiros se conheciam antes da formação dos grupos de jongo que hoje levam o nome das suas cidades e que as representam em todos os lugares em que eles vão dançar. Entretanto, segundo Fatinha, o Grupo Jongo de Pinheiral foi um dos primeiros a ser constituído. Antes, as pessoas se encontravam

apenas em família para dançar. Desde a sua infância, o jongo sempre fez parte da sua vida. Era uma forma de se comemorar e se divertir.

Antigamente, dançávamos, mas não era como grupo, dançávamos porque era uma coisa que todo mundo dançava, em festas, aniversários, dançávamos muito no inverno. (Fatinha).

No início dos anos 80, duas lideranças do Movimento Negro de Volta Redonda, o “Mestríssimo Pedrão”, e o Sérgio Alves Zacarias foram fundamentais para a formação do grupo de jongo.

O Zacarias e o Pedro, eles vieram aqui e entenderam. Eles viram que era uma coisa genuína, o nosso jongo. Foram eles que começaram a dizer que Pinheiral tem o jongo que é tradicional. Isso foi o que fez com que nos tornássemos conhecidos. (Fatinha).

Fatinha explicou que nesse momento os jongueiros estavam passando por uma época difícil e que havia um temor do jongo acabar. Além disso, a vida dos próprios jongueiros estava ameaçada pela prevalência do alcoolismo entre homens e mulheres, de diversas idades, velhos e jovens. A criação do Grupo Jongo de Pinheiral foi uma forma de cuidar do jongo e também dos jongueiros: *“Eles estavam morrendo. Então, o pessoal de mais idade e nós resolvemos criar o Grupo Jongo de Pinheiral; eu e outras de pessoas, meus pais e seu Zé Cabiúna, que foi um grande jongueiro”*. Por isso, segundo ela, *“quem faz a salvaguarda do jongo, são os próprios jongueiros através da casa”*.

Continuando com minhas entrevistas, no dia seguinte mandei um zap para o jongueiro e pai de santo, Pai Pedro Paulo. Já estava há semanas tentando encontrá-lo, mas ele estava sempre ocupado com os afazeres do seu terreiro. Confirmamos a minha visita e depois do almoço fui conhecê-lo no terreiro de candomblé filial Bate Folha que fica do outro lado da linha de trem que corta a cidade de Pinheiral. Ao chegar, um Ogã veio me receber e perguntou: *“Você gostaria de um copo d’água, pois o pai está dando obrigação”*. Finalmente fui recebido e o pai Pedro Paulo me direcionou para um salão grande onde são realizados os rituais da casa. *“Boa tarde, meu amigo, então, como posso te ajudar?”*. Eu disse que estava morando na Casa do Jongo de Pinheiral e ele começou a me contar que, na sua percepção, o jongo nasceu entre os povos escravizados oriundos de Angola: *“Foram os povos de Angola que deram origem ao jongo.*

Justamente, porque os primeiros negros que aqui chegaram, em sua maior parte eram de origem bantu³⁴”.

Observei que ele estava emocionado ao lembrar a luta do passado e quanto essa luta continua até hoje. Salientando a semelhança entre as condições passadas e presentes dos negros, ele me disse: *“Aqui a gente consegue as coisas com muita luta. Tudo o que a gente pede vem com muita dificuldade. Ainda há um preconceito muito grande com a nossa cultura e religião”*. No seu olhar, no passado e até o presente, o rio Paraíba é o eixo articulador do território jongueiro, mas no passado, quando não havia grandes cidades, esse eixo da água era ainda mais vital.

Muitos negros chegaram pelo rio Paraíba, que antes era navegável. Muitos grandes barões do café viveram se situar aqui, como o José Breves. Hoje o barulho urbano faz você perder a visão das estrelas e da lua, e pior ainda do som. Hoje o barulho urbano não te deixa perceber que Arrozal está para lá, que Vargem Alegre (Barra do Pirai) está pra cá. Mas no tempo que esse povo não tinha barulho urbano, se você tocasse um tambor em Vargem Alegre, o vento trazia esse som aqui em Pinheiral, e vice-versa. O vento vem de onde que não ha montanha para atrapalhar; ele vem do rio Paraíba. Então se você se comunicou de Vargem Alegre para Pinheiral, de Pinheiral eu posso me comunicar para Volta Redonda, e conseqüentemente, vou chegar até São Paulo pelo rio Paraíba através do meu tamborzinho de jongo aqui (Pai Pedro Paulo).

Enquanto ele me explicava a importância do som do tambor que viajava com o vento conduzido pelo rio, ele batia a mão sobre a perna reproduzindo um toque de tambor e falava entusiasmado. *“Eu acho que é uma concepção, não é um estudo. Eu não tenho essa formação para dizer que estudei sobre isso, mas creio que em muitas situações o berço do jongo é o Vale do Paraíba”*.

O rio como eixo de transporte do som dos tambores permitia saber quando haviam encontros de jongueiros em lugares vizinhos e, assim, as pessoas iam participar das rodas ao longo do rio. Além disso, os pontos de jongo permitiram o surgimento de uma linguagem comum aos jongueiros de Vale, feito a partir da mistura das suas línguas africanas e do português. Assim a língua dos pontos escapava da compreensão dos fazendeiros.

O jongo é a forma que os negros tinham de falar o português misturado com o seu dialeto e, com isso, confundir a cabeça do senhor branco. Era uma maneira de tratado entre eles, uma forma de se comunicarem e de se expressarem, e assim falarem de um lugar de fuga. (Pai Pedro Paulo).

Segundo pai Pedro Paulo, os pontos de jongo tinham um duplo sentido, na medida em que permitiam uma forma de comunicação - entre os negros escravizados -

³⁴ Este tema também é desenvolvido nos estudos históricos e antropológicos, veja a Introdução.

que não era acessível aos brancos e que lhes permitia se organizarem para a resistência e a fuga em todo Vale do Paraíba. Essa comunicação no jongo era uma importante arma de resistência contra o cativo³⁵.

2.2. O TERRITÓRIO JONGUEIRO

*Levanta negro, quero ver seu corpo inteiro.
Quero ver se você tem marca do tempo do cativo*³⁶.

Segundo, Robert Slenes (2007) a partir da etnografia realizada por Stanley J. Stein a população negra no sudeste brasileiro, em grande parte, era oriunda da região centro-ocidental da África, principalmente do Congo-Angola. Os africanos que se estabeleceram nas fazendas de café eram de diferentes povos: Benguelas, Cabindas e Congos, mas, pertenciam à mesma família linguística-cultural dos Bantu. Os sinais da herança africana faziam parte do cotidiano dos negros escravizados que cantavam o jongo na região do Vale do Paraíba, por exemplo, no uso de palavras africanas kikongo e Kimbundo, ou até mesmo, no uso de palavras em português, mas com significados diferentes, que só poderiam ser entendidos pelos jongueiros. Segundo Slenes (2007), essa linguagem que escapava da compreensão dos brancos foi utilizada para a formação de uma coesão no enfrentamento à escravidão.

Como mencionei na sessão 2.1 as percepções da história do Pai Pedro Paulo coincidem com a de Slenes (2007). Fatinha também concorda com a ideia de que o jongo constituía, e ainda constitui, um canal de comunicação da população negra que se estendia na região do Vale do Paraíba e permitia com que os jongueiros articulassem a sua resistência. Além disso, a Fatinha considera que essa rede de comunicação através de jongo e da linguagem dos pontos de jongo possibilitou a formação de um território que ela denomina como “território jongueiro”. Esse território se formou no período da escravidão e permaneceu através do jongo que era praticado pelas famílias antes mesmo da formação dos grupos jongueiros atuais.

A expressão “território jongueiro” foi, provavelmente, cunhada no processo de articulação entre os jongueiros e jongueiras do Sudeste, que guardam a memória de seus mestres jongueiros em vários municípios onde suas comunidades vivenciaram no passado o desembarque ilegal de africanos escravizados e o trabalho nas lavouras de

³⁵A comunicação como uma arma de fuga e de resistência também pode ser vista através dos capoeiristas. TAVARES (2012).

³⁶ Ponto de jongo cantado em todas as comunidades jongueiras do sudeste brasileiro.

café. Como explica Elaine Monteiro (2015) há um território jongueiro constituído através de “um passado de resistência”:

Nos dias de hoje, comunidades jongueiras articulam memórias de um passado de resistência. Essas comunidades estão em locais próximos aos então portos clandestinos, nos litorais sul e norte do estado, e em cidades da região do Vale do Paraíba, como Piraí, Barra do Piraí, Pinheiral, Vassouras, Valença e a própria cidade do Rio de Janeiro (Morro da Serrinha, em Madureira), para onde houve migração dos libertos em busca de melhores condições de vida. Também em cidades próximas ao litoral norte do estado, como Campos e Quissamã, onde as plantações de cana de açúcar utilizaram mão de obra escrava, e nos municípios do noroeste fluminense, como Santo Antônio de Pádua, Miracema, e Porciúncula, onde também houve produção de café, como registra o ponto de jongo cantado nas rodas da região, “o pau que pinga ouro é a lavoura de café!” (MONTEIRO, 2015, p. 128).

A primeira vez que eu escutei a Fatinha falar em “território jongueiro” do Vale, foi durante a visita do Procurador da República, Júlio Araújo, na Casa do Jongo, em setembro de 2017. Como de costume, ela fez uma visita guiada da casa para os visitantes. No final, no pátio da casa, ela pegou um livro feito a mão com panos e bordados com fio de algodão. O livro, intitulado “Tecendo e contando a história que não foi contada”, foi elaborado em 2013 pelos membros da casa³⁷. Em cada página de pano, são apresentadas cenas da história da região do Vale do Paraíba e da comunidade de Pinheiral. Na segunda página de pano há um mapa colorido do Vale (veja foto da capa da dissertação) e nele está desenhado o curso do rio Paraíba e as comunidades jongueiras das margens do rio. No espaço de cada comunidade, costurados no mapa, há bonecos de casais de jongueiros com as roupas características de suas localidades, seus tambores e suas casas³⁸.

Eu achei fascinante contrastar o mapa oficial do Vale (ver introdução, p. 16) com o mapa de pano mostrado aos visitantes, pois no pano o que se destaca é o rio Paraíba. O curso da água é o referencial que conecta as comunidades e a história do Vale. As marcas do cativo ficaram inscritas no pano que mostra o corpo inteiro da região. Por isso, eu comecei esta sessão com um ponto de jongo que é cantado em

³⁷ O trabalho foi realizado em parceria com a professora Aressa, contadora de histórias, e com a artesã Lena, do Rio de Janeiro.

³⁸ As roupas dos bonecos do quilombo de São José da Serra são brancas, pois essa é a cor distintiva do lugar até hoje. As roupas dos bonecos dos outros lugares da margem do rio Paraíba são coloridas e variadas. Do Quilombo de Tamandaré as blusas são amarelas e saias xadrez, no Grupo Jongo de Pinheiral o boneco tem blusa amarela e calça azul e a parceira possui blusa branca com saia verde e amarela, na de Barra do Piraí o boneco está com roupa verde e vermelha e a boneca blusa amarela e vestido colorido, em Arrozal as jongueiras estão com blusa branca e saia rosa. Por fim, em Vassouras o boneco está com blusa branca e calça verde e a boneca com blusa branca e saia azul com flores.

várias comunidades do vale, exaltando os jongueiros a se mostrar de “corpo inteiro” para mostrar a luta viva nas “marcas do cativo”.

Um dia pedi para Fatinha gravar as suas explicações do mapa do livro de pano. Ela aceitou e me disse que o mapa de pano era o território jongueiro, entendido como um território espacial e temporal vivido através do jongo: *“A memória do rio e a dos jongueiros elas se confundem porque sempre se cantou as histórias do rio Paraíba e a história do negro jongueiro em busca da liberdade e melhores dias”*. Para ela a história do passado e a história presente estão entrelaçadas através do percurso do rio Paraíba. Ela começou o caminho da história do jongo em São Paulo: *“Nós contamos a história das comunidades jongueiras no entorno do rio Paraíba porque ele nasce em São Paulo e deságua lá no noroeste do Estado do Rio de Janeiro”*:

Nós começamos em São Paulo, na comunidade de Guaratinguetá, que fica no Tamandaré, um bairro formado por negros, considerado uma pequena África. Fica as margens da via Dutra, em condições sociais muito difíceis por causa das drogas, da prostituição. Mas existe lá uma resistência, pois o jongo de Tamandaré vem desde a época do Brasil colonial e é perpetuado pelas famílias, lá.

Ai descendo o rio, chegamos em Pinheiral. O jongo de Pinheiral vem também desde a época do Brasil colonial e é uma herança dos negros escravizados da fazenda São José dos Pinheiros. O jongo de Pinheiral nunca esteve adormecido, sempre foi autêntico. Da mesma forma que os negros dançavam na fazenda São José dos Pinheiros, que hoje se encontra em ruínas, se dança até hoje com os tambores tradicionais, a batida própria do jongo.

Descendo mais um pouco, chegamos no Quilombo de São José da Serra, que fica em Valença no distrito de Santa Isabel, na serra da Beleza. Uma comunidade tradicional que mantém o jongo vivo, desde a época do Brasil colonial. Eles lutaram pela posse das terras e conseguiram recentemente. Hoje são donos das terras da fazenda.

Descendo, ainda mais, chegamos em Barra do Pirai. Lá são três núcleos de jongueiros. Tem o pessoal do Morro da Caixa d’água, da Boca do Mato e o da Boa Sorte. Tivemos grandes jongueiros em Barra do Pirai, Tio Juquinha, Tia Marina, a Eva Lúcia. É uma cidade, cuja base é de negros.

Descendo mais um pouco, nós vamos até Arrozal, que é distrito de Pirai aonde também, são negros descendentes dessa linhagem da fazenda São José dos Pinheiros e a fazenda Cachoeirinha, que pertenciam aos Breves. A memória jongueira permanece viva através do mestre Edgar, que mora no distrito de Arrozal.

Ai finalmente, chegamos em Vassouras, que é a principal cidade que mantém viva a memória dos barões³⁹, mas a comunidade jongueira mantém viva a história do povo negro através da memória de Manoel Congo e de Mariana crioulo. Eles são heróis nacionais, porque eles lutaram pela liberdade do povo

³⁹ Fatinha se refere à Fazenda Santa Eufrásia onde se praticou o turismo de cunho racista que fazia da escravidão um espetáculo, como mencione na introdução dessa dissertação (p. 24). O tema da fazenda Santa Eufrásia será retomado nas considerações finais.

negro no Vale. Lá tem o grupo de jongo Renascer de Vassouras que mantém viva a tradição jongueira.

Para terminar ela me falou do estado de contaminação do rio que, atualmente já não é mais navegável. Explicou que a pratica do jongo atualmente é muito importante para o próprio rio, para ajudar na sua recuperação. Especialmente, os pontos de jongo que falam do tempo em que o rio era navegável, ajudam, segundo ela, a recuperá-lo porque o povo jongueiro “canta a beleza do rio Paraíba”:

Hoje a gente vê o rio Paraíba bastante debilitado por causa das indústrias e por não ser bem cuidado. Então existe todo um trabalho para que ele seja recuperado, sua fauna e suas margens. O povo jongueiro faz muito bem porque canta a beleza do rio Paraíba. Então é muito forte a gente relembrar quando o rio era navegável e transportava as sacas de café. Era trabalho para o nosso povo. Nós conhecemos muito bem a realidade do Rio Paraíba do Sul e a sua importância.



Foto 7: O rio Paraíba desenhado em pano. Fonte: Grupo Jongo de Pinheiral (2018).

2.3. O TERRITÓRIO DO DEVIR JONGUEIRO

*Que bonito o céu
Que bonito a lua
Vamos benzer lá
Com o nome de Maria⁴⁰*

O jongo trata-se de uma música brasileira nativa, produto do homem negro nesse país, e ela só pode existir a partir do momento em que os africanos passaram a se tornar negros escravizados brasileiros. Assim, como fala Le Roi Jones (1967) sobre o jazz, a cultura afroamericana é fruto de um tipo de existência que tiveram que levar na América e a incorporação da cultura que foram forçados adotar, devido a ausência de seus referências humanos encontrados na África perdida. O desenvolvimento e a transmutação da música africana para a americana produziram uma raça nova, que era o negro americano. Assim como nos Estados Unidos, em solos brasileiros houve um

⁴⁰ O ponto “Que bonito o céu” é cantado pelo Grupo Jongo de Pinheiral.

processo de adaptação e integração cultural dos jongueiros que através de suas músicas, embora apresentassem traços africanos em seus vocabulários, tudo havia sido modificado pela experiência negra no Brasil. Embora, tenha havido as sobrevivências africanas que são visíveis no jongo, através dos ritmos, dos tambores e os pontos de jongo.

Para Jones (1967) essa mudança apresenta raízes nos sotaque africano e na construção dos dialetos da África Ocidental.

No entanto, acredito que as referências sejam inteiramente americanas. Mas a esta altura, quando digo *africano*, não estou me referindo a palavras africanas que realmente sobrevivessem, e sim ao sotaque africano e à construção sintática de certos dialetos da África Ocidental. É relativamente fácil ver a ligação na sintaxe dessa canção e a tradução literal para o inglês das frases africanas. Como exemplo, a tradução literal de uma frase Ashanti (dialeto wi) que significa "acalmar uma pessoa" (*tocalm a person*) é "frio ele coração dá a êle" (*cool heheartgivehim*), e neste caso acredito que até a palavra *cool* (frio) deva ser melhor examinada. A fala africana, os costumes africanos e a música africana, tudo foi modificado pela experiência americana, tornando-se uma forma americana. (JONES, 1967, p. 33).

A experiência negra da escravidão em solo americano como também, podemos afirmar em solo brasileiro, contribuiu para a formação de um “idioma rigorosamente negro” presente no jongo. Idioma negro esse que foi formado através da incorporação de tudo aquilo que os interessava no novo mundo, principalmente, em relação à religião dos brancos, o cristianismo.

Assim, como Goldman (2005) retrata a formação das religiões afro-brasileiras, inspirado na análise de Félix Guatarri sobre o jazz (1992, p. 12-13), eu argumento que o território jongueiro formado no Vale do Paraíba também foi resultado de um processo de reterritorialização realizado a partir da desterritorialização dos africanos de regiões do continente escravizados para as lavouras de café. Como resistências a escravidão diferentes pensamentos vindos da África se conectaram entre si e com os conteúdos cristãos e ameríndios, o que possibilitou novos “territórios existenciais”.

Tratou-se, assim, de uma recomposição, em novas bases, de territórios existenciais aparentemente perdidos, do desenvolvimento de subjetividades ligadas a uma resistência às forças dominantes que nunca deixaram de tentar a eliminação e/ou a captura dessa fascinante experiência histórica. (GOLDMAN, 2005, p. 3)

Goldman (2005), ao analisar o candomblé destaca que o “devir” é um movimento em que o sujeito sai da sua própria condição humana através das relações de afetos que se conectam com outra condição e que podem ser observados entre os mais diversos rituais dos orixás, das possessões e demais procedimentos na religião afro-

brasileira. Assim, como o candomblé analisado por Goldman, eu sugiro que o jongo pode ser compreendido não apenas como uma identidade étnica auto-definida pelo grupo, mas também, através desses cruzamentos, agenciamentos e conexões presentes na sua prática, onde vão se construindo tipos de devir, como um devir jogueiro.

Nesse processo de desterritorialização e reterritorialização do africano em continente brasileiro vivenciado no tempo do cativo, constituíram-se os devires dos jogueiros que os conduziu até a formação dos atuais grupos de jongo. Grupos que continuam realizando conexões através dos afetos, dos desejos e das vontades. Assim como na época da escravidão o jongo estabeleceu canais de resistência que constituíram o território jogueiro. A formação dos atuais grupos de jongo foi também um ato de resistência ante os perigos do alcoolismo e da desintegração das famílias jogueiras. Em cada momento histórico, o jongo é um devir que transforma os jogueiros e possibilita a seus territórios, existências vivenciados como um território jogueiro.

Como destaca Raquel Rolnik (1989, p.3) “o confinamento na terra do exílio foi capaz de transformar um grupo – cujo único laço era a ancestralidade africana – em comunidade”. As comunidades jogueiras do Vale foram constituídas a partir desses laços de solidariedade em relação ao confinamento racial que elas passaram e continuam passando. Nesse devir jogueiro, nas subjetividades e no território, elas continuam se transformando, indo sempre para além da marginalização que elas enfrentam por afirmarem a sua ancestralidade através do jongo.

O “devir” no jongo, contudo, se faz na vivência no território através de todos os seus elementos: terra, água, vento e fogo: o fogo das fogueiras que esquentam o tambor para que eles possam “dar um som”; o vento que carrega a batida dos tocadores; a água do rio Paraíba que os conecta todos ao longo de seu curso e a terra do vale, o chão em que os ancestrais morreram e onde os jogueiros pisam ao dançar.



Foto 8: Homenagem as antigas rodas de Jongo em pano. Fonte: Grupo Jongo de Pinheiral (2018).

Machado!

CAPÍTULO 3

“QUEM FALOU QUE NÓS NÃO VINHA ...”

*Sereno cai
Cai Sereno
Sereno Cai
Cai Sereno
Sereno da madrugada cai sereno⁴¹.*

Em Pinheiral, não há uma roda de jongo em que a hierarquia não fosse respeitada; em que os mais velhos não fossem os primeiros a entrarem na roda, de maneira cadenciada, com movimentos e balanços mais calmos. E as rodas são tão intensas que invadem a madrugada. É possível sentir o sereno através das canções. Fatinha sempre diz “*O jongo é coisa séria! Nós temos os nossos ancestrais que cultuamos dentro de uma roda de jongo. Tem que ter o respeito*”.

3.1. O RITUAL NAS RUÍNAS DA FAZENDA PINHEIROS

*Jongueiro novo, pergunta jongueiro velho.
Se eu posso botar meus pés.
Na terra que tem mistério⁴².*

Claúdia Mamede, irmã do mestre jongueiro Luiz Carlos dos Santos, de Vassouras, me disse um dia que o ponto acima citado, tinha por propósito pedir licença para compreender os mistérios do jongo. Seguindo as intenções do mestre jongueiro, buscarei, aqui, compreender alguns dos mistérios do jongo de Pinheiral que eu tive a chance de vivenciar durante meu trabalho de campo.

No dia 30 de julho, morreu Seu Maurilio Borges, o mestre Griot da comunidade, experiente contador de histórias com quem eu tinha compartilhado algumas tardes de conversa. A Casa do Jongo ficou excepcionalmente silenciosa e vazia por três dias. Até mesmo a Fatinha não apareceu. Então fiquei sozinho, revisando minhas anotações. No terceiro dia, de repente escutei uma voz que trouxe vida de volta à casa. Quando levantei da mesa para ver quem era, encontrei a Fatinha agitada, carregando várias bolsas. “*João abre esse portão para mim! Quando você acordar já pode deixar o portão aberto! Aqui tem perigo não!*” Abri o portão rapidamente. Ela sentou numa cadeira da varanda e exclamou: “*Nossa, como eu estou cansada! Hoje eu fiz tanta*

⁴¹ O ponto de jongo “Sereno cai” é cantado pelo Grupo Jongo de Pinheiral.

⁴² O ponto de jongo “Jongueiro novo” criado pela importante liderança jongueira Luiz Carlos dos Santos, o Cacalo da Comunidade de Caxambu Renascer – Vassouras – RJ que representava a comunidade no Pontão. O mestre Cacalo veio a falecer no ano de 2015 e permanece sendo para os jovens jongueiros uma referência de luta pelo jongo/caxambu.

coisa!... João, aqui na Casa do Jongo sou eu praticamente para tudo! Eu tenho que dar conta de tudo!". Em seguida, ela me perguntou se eu havia almoçado e se algum jogueiro tinha aparecido nesses dias, pois ela precisava consertar algumas coisas.

Fatinha sempre trazia vida para a casa. Sempre tinha uma história pra contar e ríamos muito juntos. *"João, enquanto eu ligo para o ki-suco, você poderia me ajudar com o almoço?"* Peguei as panelas de arroz e feijão e fui esquentando a comida, enquanto ela ligava para o ki-suco pedindo para ele vir até a casa para consertar o vazamento da pia. Os jogueiros são sempre muito atenciosos ao chamado da Fatinha. Ele chegou em poucos minutos. Estávamos sentados na mesa esperando o almoço, quando eu me atrevi a perguntar: *"Fatinha, você é muito respeitada aqui na comunidade, como isso começou?"* Ela me respondeu: *"Olha, a gente tem um trabalho com o jongo, um trabalho de anos! Nós levamos o nome da cidade para vários lugares. A gente já se apresentou até na Bahia, em vários estados do Brasil"*. Ela continuou contando das apresentações do Grupo Jongo de Pinheiral e tudo o que eles conseguiram. *"Todas essas coisas que temos na casa, como computadores, uma biblioteca, foi fruto de muito trabalho nosso"*.

Depois do almoço, Fatinha me perguntou: *"João você vai estar na Casa do Jongo esse final de semana?"*. Surpreso eu respondi: *"Por que? Fatinha.. você precisa de mim para alguma coisa?"*. E com um olhar bem sério, ela me falou: *"Nesse mês, a gente tem um trabalho espiritual para fazer nas ruínas da antiga fazenda Pinheiros, que era da família dos Breves. Nós fomos convidados para fazer uma roda lá. Você quer ir com a gente?"*.

Em seguida, ela explicou que o convite havia partido do Celso, um amigo que é médium no Centro Espírita de umbanda Caboclo Vira-Mundo de Vargem Alegre, em Barra do Pirai, e que só poucas pessoas eram convidadas. Segundo o médium, nas ruínas antigas do casarão, havia muitos espíritos de negros escravizados que precisavam "fazer a passagem para o outro plano", pois elas "estavam em busca de luz". Ele tinha recebido mensagens espirituais pedindo que o Grupo Jongo de Pinheiral batesse o tambor nas ruínas. O pai de santo do Centro de Umbanda, o Tiãzinho, e a Danielle, a vidente do centro, tinham apoiado a ideia de fazer o ritual.

Fiquei agradecido pelo convite. *"Esse trabalho tem que ser feito com firmeza"*, ela me disse enfatizando que devia ir com o pensamento positivo para que o trabalho

fosse da melhor forma. *“Mas João isso é segredo, não estou chamando todos os jongueiros para o ritual. Precisamos ir com muita firmeza e fé para que tudo ocorra bem”*. Ela pediu que no dia do ritual, no sábado seguinte, acordássemos cedo, arrumássemos as cadeiras e recebêssemos o motorista da van que iria nos levar até as ruínas da fazenda Pinheiros.

Pouco depois, chegou o Cheiroso dando boa tarde, mas ainda muito triste pela perda do seu Maurílio. Pegou um refrigerante na geladeira. *“Foi uma grande perda”*, lhe disse Fatinha, *“mas a gente tem que tocar o trabalho Cheiroso e precisamos lembrar das coisas boas que o Seu Maurílio deixou e do quanto ele era participativo na Casa do Jongô”*. Ela convidou o Cheiroso para o ritual nas ruínas, ressaltando quanto seria importante a sua presença para tocar o tambor. Memeia, irmã da Fatinha, também chegou e foi convidada. *“É um trabalho espiritual sério”*, insistiu Fatinha.

No sábado, logo bem cedo preparei café, pois havia combinado com o Ki-suco e o Cheiroso de recebê-los e para esperar a van. *“Cheiroso, para você qual o significado desse ritual que iremos fazer?”*, perguntei, e ele me respondeu: *“Olha João eu vou dizer uma coisa para você, muita gente nossa morreu lá. Por isso é importante que o trabalho seja bem feito. Muito jongueiro morreu naquele lugar!”*. Como sempre, ele usou essa expressão que enfatizava quanto ele falava “para mim” em particular e salientou a importância das mortes que aconteceram na fazenda. À medida que eu ia conhecendo o pessoal da Casa, ia também compreendendo a maneira diferente como cada qual expressava sua vivência do jongô e sua conexão com a memória do cativo.

Vou falar para você, pessoas que viveram a escravidão, levando chicotadas, presos na ferragem, lá é duro, né? Complicado a vida. A gente só pede para Deus tirar a dor do coração da gente. Deus abençoa a gente e segue o caminho. (Alexandre)

Todos estavam sérios e pensativos, diferentes dos outros dias, sempre brincalhões. Cheiroso foi arrumando os tambores e os guarda-chuvas, pois estava nublado e parecia que iria chover. Os outros convidados demoraram em chegar e terminamos saindo de casa atrasados. Para piorar, quando chegamos às ruínas, percebemos que havíamos esquecido as cadeiras para os tocadores sentar. Então, eu voltei com o motorista para pegá-las, enquanto os demais permaneceram no local organizando a roda.

Quando voltei, o Celso, o Tiozinho e a Danielle do Centro Espírita, estavam nos aguardando ansiosos. A fazenda Pinheiros tem muitas árvores do tempo da escravidão. Mesmo recebendo pouca atenção dos órgãos públicos, ainda é um lugar deslumbrante. As ruínas do casarão estão rodeadas pela escadaria que dava para a porta principal. Do lado direito, há um pátio retangular onde os negros escravizados trabalhavam o café após a colheita. Nesse espaço também há algumas pedras muito antigas, que parecem ter sido usadas para cercar a área.

Fatinha escolheu o lugar para o ritual e como havia muitas palhas no chão, ela pediu para retirá-las. O Cheiroso acendeu a fogueira com as palhas para esquentar o tambor e esticar o couro. Ele ficou um bom tempo esquentando, pois, era um dia frio e estava ventando bastante. Enquanto isso, o Celso e o resto do pessoal do Centro Espírita foram fazer orações ao redor das ruínas. Antes que eles terminassem, começou um temporal. Preocupados, ficamos nos perguntando porque estavam acontecendo tantos empecilhos! Parecia que alguma coisa não permitia que a roda fosse realizada! *“Hoje o dia está bem difícil”*, exclamou a Fatinha. *“Vocês saíram da casa e esqueceram de pegar as cadeiras. Saímos atrasados. Quase não chegamos para o ritual. E agora essa chuva! Ah, mas ela vai parar!”*. O Cheiroso, irritado com a situação, falou: *“Olha eu vou dizer para vocês, como está chovendo e ventando, eu vou ter que esquentar de novo o tambor porque o couro já esfriou!”*.

Ficamos uma meia hora esperando a chuva passar. *“O que a gente faz, agora?”*, perguntei. Fatinha, pensativa, respondeu: *“Eu vou resolver isso agora”*. Ela pegou um galho de uma árvore e desenhou no chão, duas imagens do sol. Depois, olhando para todos os presentes, ela disse: *“Gente, eu vou cantar um ponto de jongo, aqui, e quero que vocês cantem com firmeza e peçam para parar com essa chuva!”*. Todos começamos a cantar o seguinte ponto:

*Quem falou que nós não vinha
Mas é ruim de nós não vir
Eu pedi para São Benedito
Ai meu Deus do céu
Para abrir os nossos caminhos
E fala com mamãe.⁴³*

⁴³ Ponto de jongo “Ah! Quem falou que nós não vinha” foi criado por Laudeni de Souza do Grupo Jongo Mistura da Raça - São José dos Campos - SP

Era um ponto do jongueiro Laudeni de Souza, do grupo de jongo Mistura da raça, e seu propósito era ajudar a abrir os caminhos para que a roda jongo pudesse acontecer. Efetivamente, após alguns minutos, a chuva parou. Logo depois as pessoas do Centro Espírita terminaram as suas orações. Só faltava fazer a roda para completar o ritual.



Foto 9: A roda de jongo nas Ruínas da Fazenda Pinheiros (1). Fonte: Autor

A roda abriu com o ponto “Eu vim saravá a terra que eu piso⁴⁴” dando licença a todos presentes e os espíritos que estavam se caminhando para o plano espiritual.

*Eu vim, saravá terra que eu piso
Eu vim, saravá terra que eu piso*

Foi uma roda contagiante onde os passos dançados em aquele chão nos transportou para outro tempo. Após cantar, Fatinha pediu *machado*! Parou e fez um discurso destacando o quanto aquele momento era importante para o Grupo Jongo de Pinheiral pelo fato de ser uma comunidade que mantém seus valores desde o tempo da escravidão:

Gente, eu queria agradecer aqui ao Celso, o Tiãozinho e o Centro Espírita. A gente vem fazendo esse trabalho com o jongo durante muitos anos. O jongo é nossa cultura, vem desde o tempo da escravidão. Muito do nosso povo

⁴⁴ Escolhi esse ponto de abertura como título da minha dissertação. Esse ponto de jongo é cantado pelo Grupo Jongo de Pinheiral para abrir as rodas de jongo e foi criado pelo mestre Cabiúna.

morreu aqui nesse lugar e a gente está aqui atendendo esse pedido feito pelos espíritos que falaram no Centro para que pudéssemos fazer a roda aqui, para eles seguirem o seu caminho.

Ela encerrou pedindo: “*vamos cantar com força e firmar o pensamento para que os espíritos possam seguir o caminho deles*”. Cantamos pontos sobre o tempo do cativo. O toque dos tambores e a conexão com a terra através dos pés no chão nos contatou com o passado de lutas.

*Sou quilombola
Sou negro que nasceu no cativo,
deixei os meus grilhões lá senzala.
Sou negro que lutou a vida inteira
sou negro ,
sou feliz sou capoeira,
sou quilombola, eu sou, quilombola
eu também sou,
descendentes do povo de Angola
sou negro sou feliz.
Sou quilombola.⁴⁵*



Foto 10: A roda de jongo nas Ruínas da Fazenda Pinheiros (2). Fonte: Autor

Para encerrar, a Fatinha cantou o ponto de mestre Cabiúna “vou caminhando, devagar”. Todos começamos a caminhar sem desfazer a roda para que pudéssemos nos despedir dos tambores. Nos demos as mãos e cantamos: “fica com Deus e nossa senhora”. Logo em seguida, Fatinha perguntou: “*O Celso está feito o trabalho?*”.

⁴⁵O ponto de jongo “Sou quilombola eu sou” foi criado pela liderança jongueira Jeferson Alves de Oliveira da Associação Quilombolas de Tamandaré – SP.

“Acho que já está tudo certo podemos ir, o trabalho que o dono daqui desse lugar havia pedido foi realizado”, ele respondeu.

Após o ritual, Fatinha convidou os presentes para comer uma canjiquinha feita na lenha, comida da época dos negros escravizados e típica da Casa do Jongo de Pinheiral. A alegria voltou para a casa. Os membros do Centro Espírita, Celso, Tiãozinho e Danielle contaram animadamente muitas histórias das festas em Muriqui, município onde a Fatinha passa as férias perto da praia. *“Vocês tem ido nas rodas de samba em Muriqui?”,* perguntou a Fatinha para eles. *“Olha a muito tempo que eu não tenho ido para aqueles lados”*, eles disseram. Então a Fatinha disse brincando: *“todo final do ano quando acaba o trabalho aqui na Casa do Jongo, eu pulo no mato! Viajo logo para Muriqui e só volto depois da Quaresma. Lá eu não quero saber de trabalho!”*

Evidentemente aliviada, Fatinha perguntou: *“Celso com aquele ritual que fizemos podemos dizer que todas as almas que estavam naquelas ruínas fizeram a travessia para o outro plano?”* O Celso ficou alguns minutos pensativo e em dúvida, disse *“Olha, aqueles espíritos que estavam hoje fizeram a passagem, mas sempre há mais espíritos na fazenda. Alguns espíritos partiram, mas alguns ficaram e outros mais virão”*. Fatinha destacou, enfim *“O jongo está aqui para colaborar no que for preciso. Se precisarem, novamente, é só pedirem, pois a fazenda é um local de muito axé e energia”*.

Alguns dias depois fui conversar com o Tiãozinho e a Danielle e eles me contaram que essa era a terceira vez que eles faziam o ritual. As duas primeiras tinham fracassado porque não havia ninguém do Grupo do Jongo, então os espíritos não se aproximaram. *“Teria que ter o jongo porque através dos tambores fica mais fácil a aproximação deles. Eles viriam pela curiosidade por já conhecer a batida do tambor”*, explicou Tiãozinho. Nesta terceira vez, o ritual funcionou, mas a ideia era que a roda de jongo acontecesse simultaneamente com as orações dos espíritas. Devido às demoras e à chuva, a roda aconteceu depois, o que trouxe um descompasso. *“Era para ser as duas coisas juntas. O jongo iria bater lá na frente do casarão, e a gente iria fazer as coisas lá trás”*.

A Danielle contou que os espíritos estavam aprisionados dentro do casarão desde a época da escravidão. Para ela, esse aprisionamento não apenas espacial, mas mental porque a maior escravidão, na sua percepção tem dimensões “psicológicas” que

se aproximam a “processos obsessivos”. Estes fazem com que os espíritos fiquem apegados ao lugar onde eles foram escravizados. Além disso, o aprisionamento não era só individual, mas de famílias inteiras, porque os espíritos não querem deixar seus familiares no lugar.

Por mais que estivessem desencarnados e, alguns deles, bem elevados, eles tinham aquele comprometimento do senhorio muito forte. Então eles não conseguiram se desvincular do local, da região, do ambiente. Uns porque, realmente, eles estavam escravizados psicologicamente e, outros, porque a família não foi. Porque a gente vem de uma forma coletiva. Nós temos todo o nosso grupo. (Danielle)

Ela explicou que, o ritual na fazenda tinha permitido “resgatar uma colônia inteira” do “comprometimento do senhorio”. Este era o “processo obsessivo” de “magoa, angustia e sentimento” que os mantinha aprisionados no casarão. A “colônia” de espíritos já estava preparada para partir no “outro plano”, mas não conseguia fazer isso só. “Tinha que ter um choque anímico”. O ritual foi esse choque que permitiu libertá-los.

Danielle também contou que essa operação de resgate feita através das orações dos membros do Centro Espírita, os quais estavam em grande parte incorporados com diversos pretos velhos. O estado de incorporação não foi constante, mas a ação dos pretos velhos através dos médiuns foi crucial para o ritual. Fiquei curioso de saber porque outras entidades não poderiam agir no ritual. O Tiãozinho explicou o seguinte:

Qualquer outro, principalmente, se for branco, se chegar lá esses vão se assustar e fugir. Então, os velhos viveram na época da escravidão, eles vão ter uma identificação. Eles não vão ter medo e vão se aproximar. Vai ser mais fácil para trabalhar e eles serem socorridos (Tiãozinho)

Ele me disse que essa informação tinha sido passada para ele pelo seu preto velho e seu Baiano, duas entidades que o orientam regularmente. Eles tinham-lhe advertido da importância de que ninguém de pele branca poderia participar das orações durante o ritual. Mas aconteceu que o sobrinho do Tiãozinho, que é branco e parente de fazendeiros, apareceu no casarão. Ele não estava programado para ir, mas como ele tem um carro, ele foi para levar de carro alguns dos membros do Centro Espírita até o casarão. Quando ele apareceu, alguns espíritos fugiram, pois eles viram nele “*um fazendeiro dono de escravos*”. Danielle contou que os espíritos fugidos se alojaram todos no escritório da fazenda (que hoje está em ruínas, mas na percepção dos espíritos continua em pé). Ela teve de ir lá para procurá-los e evitar que se perdesse todo o esforço do ritual.

Eu entendi, então, tanto a roda de jongo como a intervenção dos pretos velhos eram importantes para permitir que os espíritos dos escravos se aproximassem. É a umbanda de um lado fazendo o trabalho de aproximação através dos pretos velhos, e do outro lado, o jongo atraindo os espíritos através da batida do tambor. O preto velho vem para orientar os espíritos aprisionados no casarão, mas o poder de atração dos espíritos do tambor complementa essa orientação. (Daniele).

Falando com Fatinha ela me explicou melhor essa relação entre os tambores do jongo e a ancestralidade dos pretos velhos da umbanda. Para ela, o tambor “detêm a ancestralidade”.

É o tambor. Tanto lá na África como para nós. Durante a escravidão e também hoje. Se você prestar atenção, o tambor fala. Entendeu? Ao redor dele as coisas se materializam; a ancestralidade está presente ali. Eu entendo que é o tambor. Muitas vezes eles falam através do canto, mas quem detêm essa ancestralidade toda é o tambor. O tambor bateu, meu filho!! Presta atenção para você ver!! As pessoas se transformam quando bate e ouvem o tambor!! (Fatinha)

Ela compara o lugar dos tambores no jongo, com as outras manifestações afro-brasileiras que, nas suas palavras “mexem com a gente” e fazem com que a “energia” esteja “fluindo”;

É assim, no jongo, no samba, o tambor ele já traz uma energia; nele essa energia é muito forte. Ele mexe com a gente. É uma energia ancestral. Você vê nos terreiros, você bate tambor para os orixás. E no jongo é mesma coisa, aquele misticismo pelas rodas. A roda está fluindo com aquela energia, com aquela coisa; Eles estão por ali, a nossa ancestralidade, as nossas proteções. Eles estão por ali com a gente. (Fatinha)

Essa junção entre os pretos velhos como entidades da umbanda e os tambores do jongo fazem parte do legado que o próprio mestre Cabiúna deixou na comunidade jogueira de pinheiral. Ele incorporava o seu preto velho em algumas rodas de jongo de forma sutil e imperceptível para alguns jogueiros que se encontravam presentes.

Quando a gente tava dançando, seu Cabiúna estava lá dançando lindamente, dançando. Quando ele parava e começava a cantar esse ponto que era o nosso encerramento: “vou caminhando devagar”, ai o preto velho dele subia. Ele estava ali na roda dançando com a gente. A gente não viu ele chegar. E ele dançava com a gente e, depois, ele ia embora. Era lindo, lindo mesmo. (Fatinha).

Ainda assim, essa junção não implica que o jongo deva ser “colocado como uma religião”. Por exemplo, o pai Pedro Paulo, considera que o jongo não é religião, mas há uma relação porque o preto velho se conecta com a experiência do cativo. *“Hoje as pessoas colocam o preto velho, mais por conta dessa manifestação dos espíritos, filhos de africanos que viveram no período da escravidão”*.

Talvez, o que o ritual no casarão esteja mostrando é que o jongo e as entidades dos pretos velhos fazem trabalhos diferentes, mas complementares, como o Celso explicou. Os tambores do jongo atraem os espíritos enquanto os pretos velhos, possivelmente, os orientam. Ambos colaboram para evitar que os espíritos fujam assustados e para assegurar que eles possam ser levados para “o outro plano”.

3.2. “O CANDOMBLÉ VEIO PRIMEIRO, DEPOIS O JONGO. O JONGO INFLUENCIOU A UMBANDA”⁴⁶

*A eu fui na mata buscar a lenha.
E passei na cachoeira e molhei a mão.
Senhor da pedreira, passa por aqui.
Benze essa fogueira, além da fogueira e ajudai todos os irmãos.⁴⁷*

O ritual no casarão levantou muitas questões na minha pesquisa referentes às conexões entre o jongo e umbanda. Essas conexões também são referidas nos pontos de jongo, como por exemplo, o citado acima da comunidade jongueira e quilombola da fazenda São José. Ione Carmo (2012) em sua dissertação sobre a comunidade reconhece que a presença dos elementos da Umbanda no jongo praticado por eles desempenham um papel importante na manutenção da memória e na construção da identidade.

A pesquisa de Carmo (2012) foi realizada no terreiro Tenda Espírita São Jorge Guerreiro e Caboclo Rompe Mato fundado na década de 1970, na própria comunidade pela orientação de Dona Zeferina, e hoje se encontra sob os cuidados de dona Terezinha. Em seu trabalho ela define conexões entre o terreiro de umbanda e as rodas de jongo que são visíveis na forma que o grupo exalta os pretos velhos em suas canções, a relação com a fogueira, os elementos mágicos e o aspecto metafórico dos pontos. Na sua dissertação ela destaca que o ponto do Toninho Canecão é utilizado no momento da benção a fogueira como uma homenagem ao orixá Xangô, que simboliza o *machado*, o fogo e a pedreira.

Esses elementos da Umbanda sinalizados por Carmo (2012) estão presentes no ritual da fazenda realizado pelo Grupo Jongo de Pinheiral. Embora o grupo não tenha dançado ao redor da fogueira, os jongueiros acenderam um pequeno fogo para esquentar o tambor, no intuito de “dar um som” ao tambor para que ele fizesse a comunicação com a ancestralidade. Lembrando, as palavras da Fatinha que foram citadas

⁴⁶ Fala do Pai Pedro Paulo sobre a relação do candomblé, o jongo e a Umbanda.

⁴⁷ O ponto de jongo “Benção da fogueira” foi criado pelo Toninho Canecão, liderança jongueira e quilombola da fazenda São José, Valença - RJ.

anteriormente, o “tambor fala” e a participação do fogo foi fundamental para que os espíritos possam se sentir atraídos para seguirem o seu caminho. Outros elementos presentes no ritual foram os elementos metafóricos e mágicos presentes no ponto cantado pela Fatinha para que a chuva parasse. Era um ponto que se conectava com o mistério do jongo, que ao perguntar a jogueira ela me explica: *“Depois perguntei ao Celso do porque da chuva e ele me respondeu que eram porque os espíritos estavam começando a partir”*. O ponto marcava o início da partida daqueles espíritos que se encontravam no antigo casarão.

As relações entre a Umbanda e o jongo se dão de forma complementar. Ambas são fruto de um resultado histórico que foi o processo de reterritorialização, oriunda da desterritorialização de milhares de negros africanos no início do capitalismo para trabalharem na América em bases escravocratas, o que implicou na reconstituição de novas bases, de territórios existenciais que pareciam estar perdidos no desenvolvimento de subjetividades ligadas á resistência ao quadro opressor que sempre tentou eliminá-la. Goldman (2016, p. 13) nos lembra que:

nesse sentido, as religiões de matriz africana – assim como o jazz, o blues, o samba e tantas outras coisas – devem ser pensadas como um das resultantes de uma história – que é a de todos nós – onde coexistiram e coexistem poderes mortais de aniquilação e potências vitais de criatividade.

Pois, mesmo que as comunidades negras tenham passado pela experiência brutal da desterritorialização em solo africano, ocorreu em terras americanas, um processo de articulação de agenciamentos que combinaram dimensões do pensamento africano conectados a elementos dos imaginários religiosos cristãos e ao pensamento ameríndio e por outro, outras formas de organizações sociais de resistência à escravidão possibilitando o surgimento de novos conteúdos afetivos, organizacionais, perceptivos e cognitivos. (GOLDMAN, 2016).

Segundo, Maria Lucinda (2016) a Umbanda surge no século XX como formação religiosa influenciada pelo catolicismo e por outros tipos de matrizes religiosas como de origem africana e ameríndia. Em seu trabalho sobre a Umbanda a autora analisa o culto como uma atividade social na cidade de Valença, a partir de narrativas sobre a expressão religiosa, a interação entre os santos católicos, as entidades espirituais, de devotos e médiuns. Buscando compreender as relações e inter-relações entre representantes do segmento umbandista e católico, assinalando as heterogeneidades, como também, o pertencimento destes segmentos e as categorias religiosas.

Para antropóloga (2016, p. 111, 119), mesmo que a formação religiosa do Vale do Paraíba fluminense seja oficialmente considerada católica e encontrada nos segmentos sociais, a sua hegemonia, em geral era mantida através dos aspectos formais, pois eram comuns na região “práticas consideradas mágicas, saberes religiosos, assim como expressões culturais típicas do segmento populacional de origem africana”. Deve-se levar em conta que essas expressões culturais, representativas nos meios populares ofereceram elementos para recriações e reinvenções que contribuíram para a popularização da religião oficial, principalmente, no que se refere às festas católicas.

Segundo, Lucinda (2016) em Valência e em cidades ao seu redor, o caxambu (jongo) é com frequência dançado nas festas, como a de São José do Operário e a dos pretos velhos, no Quilombo de São José, como também, nas festas de São Benedito e São Pedro, no CEPTVC e CCCV, respectivamente. Em Pinheiral, onde realizei a pesquisa, as festas religiosas para os santos católicos como Sant’Anna e São Benedito, são organizados pela própria comunidade jogueira. Todas essas relações e interações sociais são analisadas por Lucinda (2016, p. 46) como um “território religioso”, onde ela se baseia na abordagem de Erwin Dianteill (2002) em que recupera a ideia de “reinterpretação” das relações entre expressões religiosas de matrizes africanas e aquelas oriundas do catolicismo.

A partir dos autores como Maria Helena Concone (1987, 2001), Lísias Nogueira Negrão (1979, 1996, 1996a), Patrícia Birman (1983, 1982, 1995), Concone e Negrão (1985) e outros, Lucinda destaca que a Umbanda apresenta um sistema religioso estruturalmente aberto, onde podemos encontrar uma série de práticas heterodoxas, que podem ser compreendidas através de influências e experiências, como os terreiros que cultuam caboclos, entidades africanas, santos do catolicismo popular e fora as entidades ligadas ao espiritismo kardecista.

A conexão entre o jongo e a Umbanda se constitui como numa correlação de “modelos míticos e litúrgicos” que compõem um espaço intercultural. Essa correlação pode ser observada na fala da Danielle que nos diz que a roda de jongo era uma forma de permitir que os espíritos dos negros escravizados se aproximassem, era como havia destacado anteriormente “a Umbanda de um lado fazendo o trabalho de aproximação através dos pretos velhos, e do outro lado, o jongo atraindo os espíritos a através da batida do tambor”.

Em relação á Umbanda e o Jongo, pai Pedro Paulo me apresentou um relato muito interessante para se compreender a forma complementar dessa religião e cultura. Perguntei-lhe: *“Esse entrar na roda está ligado a uma espiritualidade?”* e ele me respondeu:

De uma certa forma sim porque o jongo vem muito antes da umbanda então houve um período do candomblé, o candomblé chegou no Brasil em 1560 os primeiros negros que vieram de Angola, Congo e Moçambique trouxeram com eles o culto dos enguices, ai esse culto ficou muito disperso porque os negros foram os que mais sofreram. (Pai Pedro Paulo).

Em seguida perguntei *“Mas, pai Pedro o jongo é tocado para os orixás?”*, de forma calma me explicou *“Os orixás é eu diria assim, o jongo não foi dedicado a orixá algum, o jongo foi uma forma de expressão hoje virou uma dança folclórica mais um folguedo, uma forma de expressão para se comunicar, juntando dança, o tambor”*. No jongo há toda uma espiritualidade, que para o pai Pedro está relacionada á Umbanda e não ao candomblé.

Umbanda! Porque a umbanda foi uma religião surgida em 1908 em novembro de 1908, o candomblé veio em 1560 e dentro desse intervalo de candomblé e surgimento de umbanda quantas manifestações populares aconteceram com os negros, o calundu, as manifestações que ocorriam e ninguém entendia o que que era. Havia varias manifestações mas não se davam entendimento do que que era. Vieram os negros africanos, os antepassados dos negros que se comunicavam , falavam e vinha ai de repente toda uma história dentro desse calundu de formação anterior a umbanda eela se enquadra melhor por conta dos pretos velhos. (Pai Pedro Paulo).

Na fala de pai Pedro Paulo durante a nossa conversa ele deixa claro que o jongo é uma forma de expressão cultural negra e que está localizada entre o candomblé e a umbanda, mas que assim como as outras expressões influenciaram a Umbanda, o jongo teve um papel importante na formação dessa religião. E parece que a chave para se compreender a relação do jongo com a Umbanda se dá através dos pretos velhos.

Essa relação de complementariedade entre a cultura e a religião pode ser compreendida como um “movimento de confluências”, conceito elaborado pela liderança quilombola Antônio Bispo dos Santos, conhecido como Nego Bispo em seu livro “Colonização, quilombos: modos e significações”. Segundo Antônio Bispo Santos (2015), esses movimentos de confluências são apenas encontrados em comunidades afro-pindorâmicas⁴⁸ pagãs politeístas no qual são cultuados vários deuses e deusas

⁴⁸ O termo Afro-pindorâmica é um termo elaborado por Santos (2015) contra as denominações generalizadas colonizadoras, como índios e negros.

formadas por uma pluralidade de sentidos, formas e olhares, que, são materializadas em conexão com elementos da natureza que constituem o universo. Ele ensina que:

Confluência é a lei que rege a relação de convivência entre os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual. Por assim ser, a confluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento pluralista dos povos politeístas. (SANTOS, 2015, p.89).

No processo do ritual, há uma convivência entre diferentes elementos religiosos encontrados tanto na Umbanda como no jongo, contudo o encontro, as conexões e as relações entre elas possivelmente podem ter se dado através do movimento de confluência em que “nem tudo que ajunta se mistura” (SANTOS, 2015). Pois havia nesse ritual um processo de complementariedade, em que os jongueiros sabiam definir os limites do que era jongo e o que era a Umbanda. Como me explicaram os jongueiros: “*Por mais que tenham elementos semelhantes uma coisa é o jongo, outra coisa é a religião, jongo não é macumba*”.

Essa forma de desvencilhar no discurso o jongo que praticam, das religiões afro-brasileiras, tem sido não apenas uma forma de “apresenta-lo como algo valoroso á sociedade envolvente, na forma de folguedo e diversão, desvinculado do princípio da magia ou feitiço” (JÚNIOR, 2005). Mas é também, uma forma de resistir ao genocídio que as comunidades jongueiros permanecem passando desde a escravidão impulsionada pelo racismo e o estigma que carregam desde a escravidão. Pois, trata-se de demonstrar que:

entre a prática do jongo e a macumba (representada pela magia que se traduz na demanda), há uma relação muito próxima, mas que é estrategicamente ocultada e até mesmo negada pelos jongueiros na interlocução com os segmentos mais amplos da sociedade. (JÚNIOR, 2005, p. 202).

Essa forma de tratar o jongo e a religião afro-brasileira tem sido uma forma de fazer política praticada pelos jongueiros, que passaram a ocupar diversos lugares que antes lhes eram proibidos devido aos preconceitos e estereótipos que o jongo ainda permanece sofrendo nos tempos atuais.

3.3. A COMUNICAÇÃO ATRAVÉS DOS TAMBORES

*Matei um boi lá prá bands de Arrozal.
Quero ver quem tira o couro para mandar para Pinheiral.*

*Tambor furou também tem que encorar.
Quero ver quem tira o couro para mandar pra Pinheiral.*⁴⁹

Esse ponto de jongo se refere a uma brincadeira em relação ao tambor da comunidade de Pinheiral que havia furado o couro e a Meméia faz uma pergunta para o grupo de jongo de Arrozal se poderá trazer um couro novo para que o tambor volte a “dar um som”. O tambor é o elemento central na roda de jongo. É através dele que há comunicação com a ancestralidade. Ao continuar a análise do ritual, perguntei a Fatinha no dia 06/08/2017 na Casa do Jongo, onde estávamos juntos tomando um café pela manhã: “*Fatinha o que significou fazer o ritual naquele casarão*”, e ela me respondeu de prontidão “*Aquele lugar tem muito axé, é onde vivem os nossos antepassados*”.

Essa resposta me fez lembrar o trabalho de Virna Plastino (2013) em sua tese de doutorado sobre a noção de “fuerza” usado pela comunidade praticante do candombe uruguaio na região de Ansina, em que o ato de tocar e dançar são entendidos pelos afro-uruguaiois como uma experiência sagrada e espiritual vivida através do corpo. Para a comunidade negra uruguaia a “fuerza” era o aspecto central nas relações entre o grupo, os tambores e a ancestralidade africana, e geralmente, o passado africano é acionado através da figura da “pessoa-tambor”. Há uma conexão, um “comunicar-se” com a espiritualidade pelo pessoa-tambor que envolve uma série de gestualidade no candombe uruguaio.

A noção de “fuerza” relacional articula diferentes elementos como a natureza, a cultura, as entidades humanas e não humanas, e apresenta o mesmo sentido de uma categoria como o “axé” descrito também por Fatinha ao falar do ritual na fazenda Pinheiros. Na roda de jongo se é possível encontrar uma força vem de uma fonte comum de potência geral que são os ancestrais que os jongueiros se remetem quando justificam o ritual e descrevem o espaço como um lugar de muito axé. Tanto no jongo como no candombe uruguaio retrato por Plastino (2013) em sua tese há uma comunicação com a ancestralidade africana através do tambor, a articulação de elementos existenciais como axé, mas principalmente, “fundamento”, onde não é só tocar, mas há todo um ensinamento e uma relação com a espiritualidade.

⁴⁹O ponto de jongo “Matei um boi” foi criado pela liderança jongueira Meméia do Grupo Jongo de Pinheiral.

O jongueiro Pai Pedro Paulo ao narrar a primeira vez que entrou numa roda de jongo, destacou:

No próprio, jongo a gente vivia na roda de jongo observando, a gente ia para roda porque eles iam e nós acompanhávamos. Depois com o passar dos tempos eu com 15 e 16 anos, mais ou menos. Ele pegou e disse assim: Estava tendo uma roda de jongo e ele disse assim entra na roda quero ver o que você vai fazer, aí eu entrei na roda de jongo pela primeira vez. Sabia como proceder, aí fui entrei na roda de jongo e quando eu sai da roda tremia igual vara verde, tremia que parecia.. Ai ele falou assim, isso é para você sentir o que o jongo é. A força que o jongo tem. (Pai Pedro Paulo).

Essa fala havia me deixado impressionado com a força e o sentir que só quem entra numa roda de jongo na comunidade pode compreender. O entrar na roda é fundamental para entender um pouco sobre o que é o jongo, e o que o jongueiro define como “a força que o jongo tem”, onde há todo um procedimento para entrar no jongo. Pai Pedro explica que a forma como ele aprendeu a entrar na roda foi com os jongueiros mais velhos, que possuem outra concepção sobre a roda, e o próprio, jongo:

a minha versão de jongo é a que meu tio passou, José Cabiúna, embora a juventude tem de estar no jongo pela necessidade da continuação que se dá através do jovem não resta dúvida, mas também, se dá a necessidade de orientá-los. Não é porque você chegou e achou bonita e entra aí. Não é entra aí. Você olha e observa, na próxima roda você vem eu vou te explicar algumas coisas porque existe o entrar no jongo existe o como entrar no jongo, então não é uma coisa que se entra de qualquer maneira. (Pai Pedro Paulo).

Não é apenas entrar na roda de jongo na comunidade jongueira há todo um “fundamento” presente não apenas para a roda de jongo, mas também, para se tornar jongueiro. Outro relato importante sobre “a força que o jongo tem” se refere ao que Cheiroso me explica em nossa conversa no dia 04/08/2017 na Casa do Jongo, onde o pedi para explicar melhor a sua entrada na roda: *“Cheiroso me explica melhor, como foi a sua entrada no jongo de Pinheiral, sob a orientação do Mestre Cabiúna?”* E com uma alegria singela, ele me respondeu:

Ele falou para mim: “menino você está querendo dançar. Você está doido para entrar numa roda de jongo”. Mas, primeiro o que ele fez comigo. Você vai saravá o tambor que é bater, depois você entra na roda de jongo e eu fui primeiro para o tambor. Naquela época quem batia no tambor era o Nica e o Tio Enéas que morreu. Tio Enéas pegava no candongueiro. Então, você vai pegar no tambor primeiro para saravá o tambor e depois você entra na roda de jongo. E foi ali que eu fui pegando, batendo no tambor, pegando e dançando e batendo no tambor, depois ele falou agora você está pronto para entrar numa roda de jongo. Ele falou a primeira coisa, e isso ele falou para mim. Tem que cultivar a dama, abrir os braços igual, eu abro, chamar a dama para dançar porque a dama vai se sentir lisonjeada. Então, eu falo para você

foi ali que comecei a dançar e me apaixonei pelo jongo, sabe. Comecei a dançar e me apaixonei e fiquei muito tempo na roda de jongo. Vou te dizer vai ser difícil eu sair porque eu adoro jongo, é complicado!

A partir da citação acima podemos compreender que há todo um “fundamento” em que o tambor é o que possibilita a sua entrada na roda “*Você vai saravá o tambor que é bater, depois você entra na roda de jongo e eu fui primeiro para o tambor*”. Não é por acaso que a primeira coisa que se faz ao entrar na roda é saravá o tambor, por ele ser a comunicação com a ancestralidade africana, ele que define sua entrada.

Plastino (2013, p. 235) define a conexão entre o tocador, o tambor e a ancestralidade através do conceito “pessoa-tambor”, que é uma noção desenvolvida pelos próprios candombeiros de Montevideo (Ramírez, 2008, p. 68). O Cheiroso é o jongueiro, que frequentemente fica com o tambor, e geralmente, é o jongueiro detentor dos conhecimentos relacionados aos toques e pontos cantados na comunidade. Através das suas batidas é possível sentir as forças ancestrais.

Durante o ritual era possível observar a sua performance no tambor como uma comunicação com a tradição onde pude perceber que essa comunicação era um elemento substancial na manutenção das energias, forças e o sentimento em relação ao sagrado transmitidos através da música e do corpo. Fatinha sempre insistia para que o Cheiroso fique na roda “*Cheiroso você não pode largar o tambor. Você sabe que jongo não é brincadeira! Nós temos os nossos orixás para quem tocamos na roda*”.

Assim, como Plastino (2013, p. 271) entende os tamborilero, acredito que os jongueiros podem ser compreendidos, como “um veículo de transformação que recebe, processa, expressa uma voz coletiva que vem do passado, que é abordada com uma voz de dor. A passagem pela alma do tamborilero efetua uma transmutação da dor do passado em alegria no presente.” Essa dor no passado é substituída pelo ato de dançar o jongo na fazenda considerada, no presente, como um lugar de muito axé.

Um importante trabalho sobre a gestualidade e a corporeidade dos praticantes de candomblé e que dialoga com o que está sendo apresentado referente ao jongo e os jongueiros é o da pesquisadora Rosamaria Bárbara (2002) na tese “A dança das Aiabás: dança, corpo e cotidiano das mulheres de candomblé”, onde ela retrata o processo ritual do candomblé na perspectiva individual e coletiva considerando o processo ritual como corporal englobando tipos de ritmos e sensações.

Para Barbara (2002), as danças e os rituais praticados no candomblé não podem ser completamente desvendados, pois há uma carga de significados estratificados que manifestam vários sentidos em uma mesma dança, apenas compreendidos pelos iniciados e por pessoas de ligações afetivas, onde compartilham a memória do grupo. No seu trabalho, a antropóloga faz uma descrição da variedade gestual e intensidade dos movimentos em sintonia com o tambor, no qual as danças vêm a ser consideradas sagradas por estabelecerem uma conexão com o sagrado, a partir do movimento do corpo e dos gestos, a energia sagrada e as vibrações.

O ritual que vivenciei no jongo de Pinheiral apresentava uma variedade de gestos e uma intensidade de movimentos que dialogavam com o toque do tambor. Esse movimento de confluências, presentes no ritual da fazenda Pinheiros identifica-se com a conceituação dada por Barbara (2002) sobre o candomblé. O ritual passa a ser “corpo e espírito, conteúdo e forma que se ligam numa síntese única e transcendental. A própria forma torna-se o conteúdo e o mito vivo”. (BARBARA, 2002, p. 163).

No próximo subtítulo, pretendo realizar uma análise sobre a Casa do Jongo a partir de uma categoria definida pela comunidade jogueira, de que ela é um *lugar do acolhimento*. Sendo assim, no texto, faço uma descrição detalhada sobre esse espaço que é o lugar onde acontece toda a sociabilidade entre os jogueiros. Além de ser um lugar de encontro de pessoas, é também, um ponto entre as trajetórias, sentimentos, amizades e “trocas de experiências”.

Machado!

CAPÍTULO 4:

O ACOLHIMENTO E O TURISMO

*Ai eu não bebo mais cachaça
Nem o cheiro eu quero ver
Mas já que está no copo
Ai meu Deus!
Não posso deixar perder.⁵⁰*

Na Casa do Jongo sempre tinha uma boa cachaça para se deliciar com os jogueiros. Foi durante a minha hospedagem na casa que experimentei as melhores pingas acompanhadas das engraçadas histórias do Ki-suco e Cheiroso sobre as rodas de jongo e os jogueiros do grupo. Em dias de muito frio em Pinheiral- RJ, a cachaça era uma forma de se acolher na Casa. Como Fatinha me ofereceu na última roda de jongo que participei com o grupo: “*João, quer um pouco cachaça? Tem uma garrafa boa que me trouxeram está escondida na cozinha, mas deixa ninguém ver não, porque senão acaba*”. Sempre que tinha cachaça a Fatinha me oferecia. Era uma das formas acolhedoras com que a que a jogueira me ofertava.

4.1. A CASA DO JONGO COMO LUGAR DO ACOLHIMENTO

*Minha mãe é uma sereia.
Mora no fundo do mar.
Eu também sou filho dela, ai meu Deus do céu.
Moro no mesmo lugar.⁵¹*

A Casa do Jongo é um ‘*lugar do acolhimento*’, me disse Fatinha quando lhe perguntei qual era o propósito principal do espaço que ela se esforçava por manter, apesar da falta de recursos para pagar as contas. Segundo a liderança, o acolhimento se manifesta numa intensa circulação de pessoas de diferentes idades, classe, raça e gênero. Algumas são pessoas de fora que vem visitar o lugar ocasionalmente, especialmente, durante as festas de Sant’Ana e São Benedito. Mas há umas oitenta pessoas que constituem o núcleo da comunidade do Grupo Jongo de Pinheiral e participam mais assiduamente na planificação e manutenção do lugar.

O acolhimento, segundo Fatinha, começa pela forma como a casa está organizada coletivamente pelos membros do grupo para receber os visitantes. Cada

⁵⁰O ponto de jongo “Cachaça” é cantado pelo grupo Jongo de Pinheiral-RJ

⁵¹O ponto de jongo “Minha mãe é uma sereia” foi escrito por Teresinha de Jesus, do Quilombo fazenda São José da Serra, cantado por todas as comunidades do Vale do Paraíba.

sessão da casa, o pátio, a cozinha, a biblioteca, o “museu” e o quarto de hóspedes estão articulados num plano de trabalho gerado coletivamente, para oferecer um conjunto de serviços diferenciados para os visitantes. Grande parte do sentimento de pertencimento à casa, nasce durante a realização dessas tarefas, as quais vão mudando ao longo do ano, a depender das festividades rituais e dos eventos dos jongueiros.

Para receber as pessoas, aqui, na nossa casa, existe toda uma preparação da comunidade. Tem o pessoal que faz o circuito das visitas na fazenda, o pessoal da cozinha, pessoal que faz as palestras, que faz a animação das oficinas de dança e de percussão, são os contadores de história. Existe um movimento de toda a casa e toda a comunidade para que a gente receba um grupo aqui e eu vejo isso de uma importância social imensa, tanto, para a visita como para nós jongueiros poder falar das nossas coisas, da nossa história, vida e vivência (Fatinha).

A distribuição das tarefas é instrumental para conseguir dirigir as atividades para públicos diferenciados, como os estudantes das escolas da região, os universitários, e as pessoas que estão procurando suas raízes através da história da escravidão. Segundo os jongueiros, é o trabalho de organização coletiva, de diferenciação das tarefas e de direcionamento dos serviços para os públicos variados, que possibilita o “crescimento” da casa. Como mencionei na introdução, atualmente o prédio é alugado, mas os jongueiros tem a esperança de conseguir financiamento para construir uma casa definitiva nas terras na Fazenda de Pinheiral que lhes foram atribuídas. Porém, uma casa própria e maior, só poderá se tornar realidade com o devido “crescimento” dos membros da comunidade.

A Casa do Jongo é um lugar para as pessoas visitarem. É a casa da gente, casa nossa. Mas, queria que fosse maior. Ganhamos o terreno lá do casarão. Tomara que apareça um empresário para nos ajudarmos a fazer a casa. Para sair do aluguel. Aqui é a Casa do Jongo para mostrar que o jongo tem uma casa, tem um lugar que se chama a Casa do Jongo. (Cheiroso).

Além disso, a Casa do Jongo apresenta uma “importância social imensa” para toda a comunidade jongueira, pois possibilita aos jongueiros falarem de sua história, de sua vida para aqueles que veem visitar o grupo, mas também, para eles mesmos, como é uma forma de fortalecimento pessoal e coletivo. O “crescimento” dos jongueiros se torna efetivo através da divisão das tarefas em que todos possuem um papel importante, tanto na manutenção interna da casa como na recepção das pessoas de fora. Gracinha, irmã da Fatinha me diz que, nesse acolhimento, estão presentes as “trocas de experiência”. As pessoas vão até a casa para aprender os conhecimentos que estão guardados e que são alimentados naquele espaço. Muitas acabam se tornando amigas da

comunidade e passam a participar, como ela destaca, *“da nossa vida no dia-a-dia. Então isso prova que o trabalho está bom porque nós estamos acolhendo e acolhendo bem.”* (Gracinha).

A noção de acolhimento, interessantemente, envolve a ideia de uma dupla negativa. Mais do que dizer que “a porta está aberta para todos”, os jongueiros normalmente falam que “a porta não está fechada para ninguém”. Essa expressão sugere uma noção de que a casa acolhe enquanto as pessoas de fora se aproximam para a casa por desejo próprio. Nesse sentido, os jongueiros não estão fazendo proselitismo. Eles não saem à procura de visitantes, mas se dispõem a receber quem os procurar.

A porta de jongo está fechada para ninguém. Eu vou falar para você, a gente acolhe. Mostramos o que é a dança. Só que as pessoas têm que vir também de coração aberto, coração feliz, coração com vontade de dançar. Acolher não é só acolher a pessoa. Acolher a pessoa é ela se sentir bem no lugar que está. (Cheiroso).

Para Cheiroso é necessário, portanto, que a pessoa que chega à casa por decisão própria esteja de “coração aberto”, “coração com “vontade de dançar” e que nesse dançar ela sinta e espalhe “alegria”. Nesse sentido, quando o Cheiroso afirma que não basta apenas que uma pessoa entre na roda do jongo, pois ela precisa ter “o jongo no sangue”, ele se refere a uma noção complexa de ancestralidade que combina descendência, memória do passado e atitude pessoal. O “jongo no sangue” é aquele que honra os jongueiros do passado, que lutaram e morreram para que o jongo estivesse vivo no presente. É uma questão de desejo pela memória do passado, pelo lugar e pelas pessoas com quem se compartilha a experiência da roda.

Não é para ofender. É porque a pessoa não precisa estar no lugar onde não gosta. O jongo é aonde eu dancei com muita gente, cara. Dancei com muita gente. E as pessoas dançavam com alegria e não tinham esses problemas. Hoje você não vê mais as pessoas dançarem com alegria. As pessoas vão para serem filmadas. O dançar tem que estar no sangue. (Cheiroso).

O acolhimento brindado pela Casa do Jongo apela para essa “vontade” de quem entra na casa e na roda. Dessa forma, não é apenas dançar, pois “dançar tem que estar no sangue”. Gostar das pessoas, que gostam de dançar no mesmo chão e sentem alegria juntas, é um aspecto chave da ancestralidade que sustenta o acolhimento brindado pela casa. Como veremos ainda neste capítulo, esse acolhimento jongueiro é incompatível com uma visão externa que faz do jongo uma mera imagem ou uma mercadoria turística disponível para o consumo sem mobilizar a ancestralidade. A pessoa que é acolhida

deve também fazer por merecer. O ato de acolher é também um “ato meritório”. (BEY, 1990).

Além disso, o acolhimento ofertado pela Casa de Jongo do Pinheiral também aciona a ancestralidade de outra maneira, através da formação particular da Fatinha e seu envolvimento com o terreiro de candomblé angola Unsaba Ionene do pai Pedro Paulo. Para os jongueiros, a Fatinha é a liderança que torna possível esse acolhimento. É ela “a cabeça disso tudo”, que planeja e orienta o grupo.

A Fatinha é a cabeça disso tudo, né João! É o que falei para você, eu e ki-suquinho ficamos ouvindo muito a Fatinha. Ela fala cada coisa assim certa na Casa do Jongo. Igual o que ela falou para os alunos. Ela fez uma apresentação e disse: “o dia que vocês quiserem voltar, se sentirem bem e fazer parte do grupo, nós estamos aqui para acolher vocês. Um aluno da professora Renata ficou apaixonado e disse “Eu estou querendo fazer parte de algum grupo, eu vou vir para cá!”. A Fatinha respondeu: “a casa nossa está aí para acolher você”. Então, isso não é bonito? Eu vou falar para você, a gente só tem que bater palma. (Cheirosos)

A Fatinha é a pessoa que faz acontecer o acolher. Esse acolher é uma prática que ela trás da época em que exercia sua função no terreiro do Pai Pedro Paulo como Equede, uma função que na nação Angola é denominada como “Cota”. Pai Pedro me explicou que: *“essa acolhida da Equede é nada mais do que de uma mãe. Ela é a todo momento uma mãe ela tem que saber se situar e se colocar que ela é uma mãe, embora não tenha gerado filho algum, filho biológico, mas ela é uma mãe espiritual.”*. Para ele a Equede possui o “dom de acolher”, e não é por acaso que a Fatinha construiu a Casa do Jongo como o *lugar do acolhimento*.

Ela tem que ter esse dom de acolher, dom de ser mãe, de ser amiga, ser professora, dom de ser sábia também tanto o pai de santo, embora ela tenha as restrições ela não é mãe de santo ela é Equede ela tem o limite dela tem tanto quanto sentir na pele e sentir no coração e na alma aquilo que ela está fazendo. Acho isso muito importante, a Equede que não sente na alma não é uma boa Equede. Ela pode ser uma Equede, mas uma boa Equede não. Na Umbanda existe. Ela tem um nome chamada kamba que é uma palavra de origem bantu que significa amiga. No dialeto kimbundo o “c” não existe. (Pai Pedro Paulo).

Fatinha entende esse trabalho de acolhimento como uma “missão”. Ela me disse que como “o jongo está inserido dentro das matrizes africanas”, os pretos velhos e os jongueiros mais velhos sempre mandam mensagens pedindo para “não desistir nunca de manter essa memória”:

Eu costumo falar que eu tenho é uma missão, enquanto, Deus quiser que eu faço isso, inclusive os pretos velhos mandam essa mensagem para gente. A avó Natalia, a mãe do pai Pedro Paulo estava no hospital. Fomos visitá-la

com uns 93 anos que ela faleceu. Ela pediu a gente, cantou um ponto de jongo para nós na cama e pediu para não desistirmos nunca de manter essa memória. A gente trás isso na nossa bagagem de vida sim, sabe. (Fatinha).

A missão do acolhimento faz parte da “bagagem de vida” da Fatinha de uma maneira semelhante ao trabalho que ela realizava no terreiro de Angola, quando ela era uma Equede em atividade. Para ela, o acolhimento é uma “dedicação para toda vida”. Desde que ela assumiu a cabeça da Casa do Jongo ela não consegue mais participar na vida do terreiro de maneira regular, mas para ela o respeito aos jongueiros mais velhos que infundem coragem para seguir para frente cumprindo o calendário de atividades da Casa apesar de todas as dificuldades financeiras.

Esse ano nós passamos dificuldade, sabe. Nem por isso deixamos de cumprir o nosso calendário e fazer todas as atribuições. Mas é também as forças que eles dão para gente! Vamos cumprir a nossa missão, como é o caso de quem está no terreiro. Aqui é uma missão também! Igual meu pai [pai Pedro Paulo], ele dedicou a vida todinha dele para o santo. Ele é mais novo do que eu e eu conheci ele trabalhando desde os sete anos. Eu o acompanhei. (Fatinha).

Essa “missão” da Fatinha é materializada na Casa do Jongo como o “lugar do acolhimento”. Durante o tempo em que estive com o grupo observei que os jongueiros participavam frequentemente das reuniões de terça-feira que eram um momento de encontro para conversar, planejarem as atividades do grupo e de comerem todos juntos. Havia toda uma sociabilidade promovida pela Fatinha na casa que possibilitava o acolhimento dos integrantes do Jongo de Pinheiral. Sobre o acolhimento dos jongueiros Fatinha me dizia:

Então a gente conseguiu acolher muito jongueiro que estava perdido por ai sabe. Agora é o momento, você não vai estar aqui e a gente vai sair de férias amanhã. Passar uma semana eles começam “que dia que a gente vai voltar?” “que dia que vai ter reunião?” “Que dia que a gente vai voltar”, entendeu. Eles sentem falta porque não tem aonde ir não tem uma vida social não tem um convívio de grupo o povo negro aqui não tem. (Fatinha).

O acolhimento realizado na Casa do Jongo proporciona uma “vida social” aos integrantes do grupo. O trabalho da Fatinha e das lideranças jongueiras possibilitam salvar o jongo e o jongueiro.

Por isso que eu falo e tenho batido muito nisso porque as pessoas ficam lá na capital no ar condicionado falando em nome da gente, mas não vive o que a gente vive aqui. Sabe não passa o que a gente passa aqui. E a gente faz isso pela pessoa e pela cultura também. Quem faz a cultura somos nós. Eu não ando admitindo mais esse povo ficar com essas conversas fiadas. Gente quem faz a salvaguarda da cultura somos nós aqui, na dificuldade na simplicidade somos nós. Então eu acho que isso tem que ser respeitado. (Fatinha).

Fatinha entende o acolhimento realizado pela Casa do jongo aos jongueiros como uma maneira de salvaguardar a “pessoa” que é o jongueiro e a cultura expressa através do jongo. As atividades de comer, encontrar, viver na casa fazem parte do acolhimento, e são fundamentais para a formação de “circuitos de reciprocidade” (RABELO, 2014) que são presenciados no dia-a-dia na Casa em que os jongueiros se ajudam como uma família. Como me ensinou Fatinha *“Olha, João a gente aqui briga, mas nós somos uma família! Aqui todo mundo participa e todo mundo se ajuda.”*

Segundo Rabelo (2014) no terreiro de candomblé o preparo, a oferta e distribuição da comida são dimensões centrais na vida de um terreiro, pois com a circulação da comida o terreiro garante a transmissão do axé. E mais, o ato de comer é significativo para a dinâmica relacional no candomblé. Para a antropóloga, “Distribuída com generosidade, mas às vezes também retida, roubada e conquistada, consumida como meio para refazer as forças, mas também como objeto de pura fruição, a comida põe em movimento relações entre os integrantes do terreiro”. (RABELO, 2014, p. 250).

O ato de comer envolve todas as atividades realizadas na Casa do Jongo alimenta todos os circuitos de reciprocidade que são constituídos pelo fato da casa ser um lugar de acolhimento das pessoas que vão até ela. Durante a minha estadia era comum que em todas as reuniões de terça-feira os jongueiros trouxessem uma comida e bebida para que ao final da reunião comessem todos juntos. O ato de comer é também um ato de acolher impulsionado pela Fatinha na Casa do Jongo.



Foto 11: Confraternização do Grupo Jongo de Pinheiral. Fonte: Autor (2017)

No próximo subtítulo tratarei da festa de Sant'Ana em que o acolhimento ultrapassa a esfera dos jongueiros de Pinheiral e recebe pessoas de fora da comunidade. Uma das principais marcas da festa é a comida que é recolhida pela comunidade através de doações e distribuída após a última novena para a santa.

A festa de Sant'Ana

*É pra Sant'ana, é pra Sant'Ana, é pra Sant'Ana.
Hoje eu vou dançar um jongo em homenagem a Sant'Ana.
É pra Sant'Ana, é pra Sant'Ana, é pra Sant'Ana.
Hoje eu vou dançar um jongo em homenagem a Sant'Ana.
Hoje eu vou louvá-la com muita fé.
Peço sua bença e também o seu axé.
Hoje eu vou louvá-la com muita fé.
Peço sua bença e também o seu axé⁵².*

O ponto acima criado pelo Grupo Jongo de Pinheiral em homenagem a santa católica Sant'Ana que é cultuada de forma entusiasmada pelos jongueiros no dia 26 de Julho. Fatinha me explica que: *“Sant'Ana era padroeira de Piraí. O povo de Pinheiral sempre dançou no dia de Sant'Ana porque era feriado. Mesmo, emancipando, nós continuamos a tradição”*. Após a formação da cidade, a festa passou a ser organizada pela Casa do Jongo envolvendo ainda mais os jongueiros do grupo. *“Então, a gente tem muito orgulho de manter a festa comunitária, onde todos contribuem com as coisas e a gente faz novena na casa da minha mãe e de outras pessoas que pedem para a gente rezar.”* destaca Fatinha.

Sant'Ana é conhecida no catolicismo como a mãe de Maria, avó de Jesus. Ela é responsável por cuidar e proteger o lar, especialmente, as mães da família. Pouco se sabe sobre a sua história, pois não se encontra nas sagradas escrituras, pois acredita-se que sua história tenha sido criada através dos escritos apócrifos, como o “Livro sobre a Natividade de Maria” ou Proto evangelho de São Tiago, onde se encontram os seus relatos de vida. Além de ser cultuada pelos jongueiros ela o é também por costureiras, tecelões, professores, idosos e casais que gostariam de ter filhos. (SANTOS, 2012).

Antes da “festa comunitária” os jongueiros se reúnem durante oito dias para rezar o terço. Cada dia na casa de um integrante do jongo e amigos do grupo. O nono dia da reza é feito na rua com toda a população de Pinheiral na Praça Getúlio Vargas,

⁵² O ponto de jongo “É pra Sant'Ana” é cantado pelo Grupo Jongo de Pinheiral.

espaço onde o grupo realiza seus eventos fora da Casa do Jongo. Ao começar a rezar o terço os jongueiros fazem o oferecimento, em seguida, começam os cinco mistérios para Sant'Ana e depois, no final, fazem uma oração de agradecimentos. Segundo Fatinha:

Os negros sempre recorreram a Sant'Ana para aliviar seu sofrimento em busca da liberdade e hoje o dia que a gente está vivendo a gente também recorre a Sant'Ana pedindo pela saúde de todos os jongueiros que estão presentes e que não estão. E de toda a população de nossa cidade e do Brasil, principalmente, do Estado do Rio de Janeiro. Eu sou aposentada no Estado como vários companheiros que estão aqui e a gente está passando um aperto. Então, a gente pede que Sant'Ana abençoe a todos nós. Nós vamos fazer a novena e depois a gente vai fazer os agradecimentos para as pessoas que estão aqui e abri o microfone para quem quiser falar. (Fatinha).

A festa de Sant'Ana é realizada pelos negros, desde o período da escravidão, que permanecem recorrendo à santa em busca de ajuda para os problemas atuais. Segundo, Maura Petruski (2008) a partir dos estudos de Luiz Mott (1993) uma das principais devotas da santa era a negra escravizada Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz, que viveu no Rio de Janeiro entre os anos de 1725 e 1733, e nos anos de 1733 a 1751 em Minas Gerais. Através de um sonho, a santa teria lhe pedido para construir uma igreja em seu nome no Rio de Janeiro, próximo a uma fonte de água ao pé de uma montanha. A ligação de Rosa com Sant'Ana pode ser entendida pela perspectiva familiar, em que o culto a santa talvez possa ser uma forma de re-territorializar seus ancestrais africanos com novos significados.

Nas religiões afro-brasileiras a Sant'Ana é re-significada como Nanã e comemorada nos terreiros no mesmo dia da festa da santa. Na África, o orixá é conhecido como Nãná Bùkùkù ou Nãná Brukung e considerado uma das divindades mais antigas. Nãná é um termo de “respeito” utilizado para pessoas idosas na região Ashanti, e em regiões como fon, ewe e os guang da atual Gana esse termo significa mãe. No Brasil ela é considerada como a mais antiga das divindades da água. Sua força se exerce nas Águas paradas dos lagos e lamacentas dos pântanos. Esse orixá é característico de pessoas que agem com calma, gentileza e dignidade. (VERGER, 1981).

O dia de Sant'Ana não é apenas importante para o Grupo Jongo de Pinheiral, mas também, para outras comunidades jongueiras que a cultuam. Através da articulação entre as lideranças jongueiras no Pontão de Cultura do Jongo/Caxambu, por intermédio do grupo Jongo da Serrinha em Madureira-RJ que seguia conversando com a comissão de cultura da Assembleia Legislativa, foi possível a promulgação da lei nº 6.098, de

05/12/2011 que instituía o dia 26 de Julho como o Dia Estadual do Jongo⁵³. A santa representa para as comunidades jongueiras a ancestralidade feminina.

O culto a santa não envolve apenas o grupo, mas pessoas de diferentes religiões, tanto nas rezas dos terços, como na saída para o cortejo até a praça. Meméia explica que:

As novenas foram maravilhosas com muita fé e super organizado. No dia a festa é uma contribuição de todos. Acho que a gente fez valer mostrando para as pessoas que tem que ter muita fé. Também saber respeitar a diversidade, as religiões de cada um. Ao longo dos anos na organização da festa de Sant'Ana nós conseguimos parar e pensar. Construimos juntos um ponto específico para Sant'Ana e o cortejo especial para esse dia. O altar lá, a gente já fazia um altar, mas hoje em dia todo mundo contribui, cada ano ele fica diferente e é uma contribuição comunitária e fomos montando a festa de Sant'Ana. E a festa de Sant'Ana é isso é muita fé, santa e o povo junto caminhando. (Meméia).

A festa de Sant'Ana é realizada através de doações, o que Meméia chama de “contribuição comunitária”, com muita comida e bebida. Ao término de rezar o último terço as pessoas procuram o prato principal da festa que feito pelos jongueiros, que é a Canjiquinha. “*No dia de Sant'Ana a principal comida que servimos é a canjiquinha, que é comida de negro escravizado. A nossa é especial é única!*”. Outros alimentos também são distribuídos como muitos doces, broa de milho, bolos e um saboroso quentão. Felizes, os jongueiros servem os visitantes e comem junto com eles. Como destaquei anteriormente, o ato de comer forma um “circuito de reciprocidade” (RABELO, 2014).

A festividade é também um dos momentos em que a Casa do jongo vivencia o acolhimento. Nela presenciei a visita de pessoas que não são da comunidade e que ficam hospedadas para aproveitar a festividade. A forma com que a Casa do Jongo acolhe essas pessoas tem sido compreendida de formas diferentes pelos jongueiros do Grupo Jongo de Pinheiral.

Para Fatinha esse acolhimento “*é uma oportunidade de contar as nossas coisas, falar de coisa de preto!*”. Ela entende a festa não apenas como uma oportunidade de cultivar o santo católico, mas também, o momento de apresentar a cultura jongueira para

⁵³ Sobre o Dia Estadual do Jongo ler reportagem “Dia 26 de julho – Dia Estadual do Jongo no Rio de Janeiro”. Disponível em <<http://www.pontaojongo.uff.br/dia-26-de-julho-dia-estadual-do-jongo-no-rio-de-janeiro>>

aqueles que a visitam, “Nós temos que mostrar um potencial, trabalho e uma história de vida para que as pessoas possam reconhecer e dar um retorno. Porque nós não temos nada. A não ser a nossa bagagem cultural, que é nosso!”. Fatinha compreende que através do acolhimento nas festas, se possa trazer uma maior contribuição para a Casa do Jongo. Assim, entende que o retorno para a casa deve vir através do reconhecimento do trabalho.



Foto 12: Homenagem a Gracinha (esquerda), Meméia (meio), Fatinha (direita) na festa de Sant’Ana. Fonte: Autor

Cheiroso entende que o acolhimento na festa de Sant’Ana realizado pelo grupo tem alguns limites, que muitas vezes são ultrapassados. O jongueiro chama a atenção para o fato de que pessoas de fora da comunidade ultrapassam o “limite” do ato de acolher. São pessoas que se beneficiam do acolhimento, mas não pensam em dar alguma coisa de volta para contribuir no funcionamento da casa. Apesar de sua atitude instrumental, os membros da casa se esforçam por continuar realizando o acolhimento.

Tem um certo limite, as pessoas ultrapassam, eu acho que a pessoa pode até vir, ligar para Fatinha, tem o telefone da Meméia: “oh gente estou indo na festa vocês arrumam um lugar para eu ir aí?”, que eu ajudo vocês pagarem alguma coisa um qualquer. Só que a pessoa não faz isso. A pessoa vem chega na Casa do Jongo e a Fatinha tem que arrumar um lugar para pessoa dormir e como não tem como ir embora tem que dormir aqui. Para mim não fica pesado porque não sou eu que estou pagando, mas para Fatinha que está pagando arrebenta ela com tudo e ainda pensar na pessoa que é de fora. Você não pode deixar a pessoa de fora com fome sem nada para comer. Nunca iríamos fazer isso mesmo que a gente fique apertado na Casa do Jongo. A gente não vai fazer isso com a pessoa. (Cheiroso).

O jongueiro destaca que as pessoas de fora usufruem dessa forma de acolhimento, contribuindo pouco com as despesas da casa. Na próxima sessão, veremos que o trabalho de Turismo comunitário desenvolvido em 2017 pela Casa de Jongo com

a minha participação tem tido como um dos objetivos trazer um retorno financeiro para os jongueiros que encontravam com graves problemas. A Fatinha foi a principal incentivadora: “*João, você tem que fazer um trabalho de capacitação dos jongueiros, nós temos muita gente aqui desempregada. Nós temos o jongo que é uma riqueza, temos que trabalhar o Turismo*”. Era, também, uma oportunidade de tornar esse acolhimento algo que pudesse trazer um retorno mais eficiente para a casa. E construir um Turismo a partir da “bagagem cultural” e o “acolhimento” da Casa do Jongo. “*qualquer jongueiro fala muito bem da nossa cultura. Você não vê como o Cheiroso fala bem. Se pegar qualquer um sabe, porque eles vivem isso*”, já dizia Fatinha.

4.2. O TURISMO PARA OS JONGUEIROS

*O burro foi na escola. Pra aprender o abc.
A professora ensinou. O burro não sabe lê.
Não sabe lê, não sabe lê. O burro não sabe lê.
Eu quero o burro na escola. Pra aprender o abc.
Eu quero o burro deputado. O burro não sabe ler.
Eu quero o burro senador. O burro não sabe ler
Eu quero o burro magistrado. O burro não sabe ler
O burro com faculdade. O burro não sabe ler
O burro não sabe ler. Não sabe ler. Não sabe ler.⁵⁴*

O ponto acima foi criado pelo jongueiro Gilberto Augusto da Silva da Comunidade Jongueira de Piquete. Segundo o Gilberto, o ponto se refere á exclusão educacional em que a população negra permanece na história brasileira. Durante a construção coletiva do projeto de turismo comunitário de Pinheiral em 2017, compreendi que o ponto também podia se aplicar a muitas das situações encaradas pelos jongueiros. O grupo há muitos anos já vinha fazendo um trabalho significativo promovendo o turismo em Pinheiral. A eles só faltava a “visão técnica” como me disse Fatinha para que a Casa do Jongo tivesse um retorno através dessas atividades que beneficiavam a toda a cidade e que eles tinham desenvolvido sem espírito de ganância.

Os membros da Casa de Jongo tem diferentes percepções sobre seu envolvimento nas atividades de turismo. Meméia, ao conversarmos sobre o Turismo na Casa do Jongo me explicou:

João, quem faz o Turismo na cidade é o Jongo de Pinheiral. Através de uma forma oral nós transmitimos para as pessoas, o visitante e os próprios munícipes o Turismo em todos os aspectos, todos os membros do grupo

⁵⁴ O ponto de jongo “O burro não sabe ler” foi criado pelo jongueiro Gilberto Augusto da Silva da Comunidade Jongueira de Piquete.

dependente de quem tem estudo ou não. Conseguem transmitir oralmente a história do povo negro e do Município. (Meméia).

Para Meméia quem faz o Turismo são os jongueiros de Pinheiral através de seus conhecimentos que se expressam pela oralidade, independentemente dos estudos universitários. Ela destaca que essa relação com os visitantes é fundamental para que o grupo possa aprender o significado da atividade *“Recebendo o visitante as pessoas da comunidade que não conhecem o Turismo passam a conhecer através de um movimento de alguém que informa que existe algo além”*. Ela completa, afirmando que as atividades de turismo se somaram com as ações realizadas pelo grupo:

enquanto entidade o grupo tem procurado fazer trabalhos para fomentar as nossas ações. O turismo cultural veio de/ao encontro com essas ações. E é válido para o grupo porque existem várias maneiras de conseguirmos vantagem com isso na cidade. (Meméia).

Já, Cheiroso, entende o Turismo como uma oportunidade de conhecer novas pessoas:

Turismo são as pessoas que você traz para conhecer a comunidade. Conheci muita gente! Isso para mim é Turismo! Pinheiral ganha muito com esse Turismo que nós fizemos. Pessoas que nunca conheceram Pinheiral estão passando a conhecer dentro de Pinheiral trazendo Turismo para cá, isso é muito bom. (Cheiroso).

Para o jongueiro o Turismo é uma oportunidade de trazer pessoas para a cidade através do programa desenvolvido pela Casa do Jongo, mesmo que não haja apoio da prefeitura e de outras instituições públicas:

E vou falar uma coisa para você a Casa do Jongo é o lugar que mais realiza evento dentro de Pinheiral. Nós tentamos, mesmo, sabendo que a Prefeitura não tenha participado. A gente tenta puxar, só que tem uns governos que ficam desanimados. Acho que deve está desanimado, não sei o que acontece com eles que não participam das coisas aqui do Jongo. (Cheiroso).

Mesmo, com a falta de apoio dos órgãos públicos, a união do coletivo e a formação de parceiros faz com que as coisas aconteçam *“É tudo num consenso, a gente tem atendido muitas escolas, universitários, pesquisadores e pedimos para que dê um retorno até porque temos a biblioteca e que a gente possa dar continuidade a isso.”*. Para ela, esse convívio de receber os visitantes na Casa tem como objetivo gerar um retorno para o grupo, pois *“a casa é voluntária então as pessoas tem que fazer as coisas sem pensar num retorno de imediato, porque não vai ter ele. Pode vir a longo prazo.”*, me explicou a Fatinha. Para ela, o turismo é uma oportunidade de tornar as atividades de acolhimento da casa em algo que pudesse permitir dar continuidade à casa através da

geração de renda. Sua ideia é construir um turismo novo que seja uma extensão do “acolhimento” da Casa do Jongo, uma forma de emprego para seus membros e uma fonte de renda para poder levar para adiante a sua missão e suas obrigações com seus ancestrais.

Em algumas cidades onde há uma cultura jogueira como Quissamã, a participação da Prefeitura tem gerado um processo de espetacularização do jongo para atender ao Turismo que vem crescendo no Município. A relação entre os jogueiros e a prefeitura, tem sido, num primeiro momento, de resgate da memória do jongo, através do tambor e da história oral de moradores que vivem nas proximidades da fazenda Machadinha. No entanto, com o passar do tempo esse resgate e a própria cultura tornaram-se um produto de consumo para os turistas. (MELO, 2006). Processo diferente do que vem ocorrendo em Pinheiral onde o Turismo, estava se desenvolvendo com o protagonismo das lideranças jogueiras, mesmo que, em parceria com a Universidade sem a lógica do puro consumo.

Fatinha me dizia: o *“Turismo é muito importante para nós, a gente não tem uma formação”*. Nós temos um potencial turístico, precisamos aproveitar!”. Em nossos encontros, sempre, enfatizava o potencial turístico que o grupo possuía através dos trabalhos realizados em parceria com a Universidade, como a exposição do grupo Jongo de Pinheiral na fazenda Pinheiros⁵⁵ *“Ela dá um retorno. Às vezes, o turista nem vem aqui na comunidade, mas ele vai lá! Lá está toda a nossa história e a de Pinheiral retratada. E ele sai dali com o reconhecimento. Isso é importante para nós!”*.

O trabalho de Turismo Comunitário que participei na Casa do Jongo me fez compreender o quanto a liderança da Fatinha foi importante para que tudo desse certo. Com ela tive momentos de eternos aprendizados. A Fatinha me ensinou que o Turismo poderia ser uma nova forma de vivenciar o jongo *“A estrela maior do Turismo aqui é a identidade jogueira. Esse Turismo será importante não apenas para o nosso de memória comunitária, mas para cidade ou até para a região. Vai ser um referencial!”*. Na Casa do Jongo todas as pessoas estão aptas a trabalhar o turismo, porque os turistas vão em busca da “bagagem cultural” que só os jogueiros possuem, só faltava uma “visão técnica”. Eu aprendi muito mais do que ensinei!

⁵⁵Reportagem sobre a exposição Passados Presentes na fazenda Pinheiros. Disponível em <<http://www.pontaojongo.uff.br/passados-presentes-jogueiros-se-encontram-em-pinheiral-para-manter-forte-tradicao-do-jongo>>. Acessado em dezembro de 2017.

Turismo Comunitário: atividades desenvolvidas em 2017

*A morena me pediu, me pediu.
Laço de fita pra cintura, ai meu Deus!
Eu mandei cordão de ouro.
Laço de fita não atura.⁵⁶*

O trabalho de Turismo na Casa do Jongo foi um pedido da Fatinha e participei como assessor comunitário voluntário do Pontão. Os seminários de turismo comunitário na Casa do Jongo começaram no dia 09 de Abril de 2017 no II Encontro de Incentivo e Fortalecimento às Comunidades Quilombolas – Terra de Preto, que tinha como objetivo realizar uma roda de conversa sobre a luta quilombola e questões referentes á terra da fazenda Pinheiros. Nesse evento apresentei uma introdução ao Turismo Comunitário, baseado em princípios, como, o: 1) fortalecimento da comunidade; 2) a atração turística e o modo de vida do coletivo; 3) a autogestão do Turismo pelo Grupo Jongo de Pinheiral; 4) e por fim, fiz um debate sobre o turismo como uma forma de parceria e troca. (Série Turisol de Metodologias, 2010).

Após apresentar a proposta de Turismo exibi para os jongueiros um vídeo sobre a rede Cearense de Turismo Comunitário e em seguida pedi para que pensássemos juntos como trabalhar de acordo com a realidade que estavam inseridos. Para Meméia:

O Seminário foi muito bom! Você ofereceu o vídeo que trouxe as imagens do Nordeste e de outros estados como as pessoas trabalham o artesanato e suas feiras. Eu acho que aquilo deu um foco bom para gente buscar um caminho para o nosso aqui interior. Tem que fazer as coisas valer, valorizar o que a gente tem de melhor aqui. (Meméia).

O Turismo desenvolvido na Casa do Jongo teve como foco “valorizar” o que o Grupo Jongo de Pinheiral tinha de melhor para ser oferecido ao turista. Fatinha destacou no primeiro seminário que os jongueiros poderiam através do Turismo oferecer uma vivência que só o jongo poderia dar:

As pessoas que vem de fora é importante que elas façam essa vivência porque só você vivendo e fazendo essa vivência junto com o grupo, com as pessoas comendo com a gente, dormindo, participando do dia-a-dia que você vai passar a respeitar. Entender e respeitar! Porque muita gente fala bobagem! Faz coisa errada, diz coisa que não sabe porque não sabe, não aprendeu e não conviveu! (Fatinha).

Essa “vivência” através do Turismo é fundamental para “entender e respeitar” o jongo. Sendo assim, esse trabalho comprometeu-se a ser uma forma de divulgar a “bagagem cultural” do grupo contribuindo também para que possa desconstruir

⁵⁶ O ponto de jongo “A morena me pediu” é cantado pelo Grupo Jongo de Pinheiral.

preconceitos. Essa “vivência” foi debatida nesse primeiro dia com questões referentes à forma de acolher da Casa do Jongo, em que a Fatinha considerou como: “*Essa coisa do acolher vem da nossa história.*”.

O primeiro contato foi importante para compreender as principais demandas da comunidade que foram levantadas no final do seminário, tais como: a criação de um cardápio quilombola, medidas de incentivo ao artesanato produzido no grupo (bolsas, bonecas abayami, batas africanas, licor, etc); pensar formas de vender o material audiovisual; elaborar uma apresentação sobre afro-empendedorismo; debater a identidade quilombola no grupo; e por fim, construir a feira afro. Como material de trabalho, foi construído/elaborado um calendário de atividades de Abril a Dezembro na Casa do Jongo.

Após o seminário, retornei para Niterói. Alguns dias depois encontrei com a Rosa Caytania, bolsista do Curso de Produção Cultural no Pontão de Cultura do Jongo/Caxambu e minha parceira no trabalho de assessoria à comunidade, e com a professora Elaine Monteiro para uma reunião no Pontão para debatermos as demandas levantadas pelos jongueiros. A partir disso, elaboramos uma proposta para o segundo seminário de Turismo comunitário que foi enviado para as lideranças jongueiras. Com as contribuições da Fatinha e da Meméia elaboramos as oficinas e a programação do segundo seminário que ocorreu nos dias 26, 27 e 28 de Maio de 2017.



Foto 13: Segundo Seminário de Turismo Comunitário na Casa do Jongo de Pinheiral. Roda de conversa sobre identidade quilombola com a professora Elaine Monteiro e a Fatinha. Fonte: Autor (2017).

O Segundo Seminário de Turismo Comunitário teve como o principal objetivo organizar a primeira feira afro do Grupo Jongu de Pinheiral, que aconteceu no dia 09 de Julho de 2017. Nas oficinas, trabalhamos toda a estrutura da feira, como: as barracas, os produtos da comunidade e as atrações. Além disso, definimos como cada integrante iria contribuir.

A feira foi um sucesso no final. Tudo dá trabalho! Deu trabalho para gente parar, pensar, organizar, planejar tudo. Enquanto grupo ninguém faz nada sozinho. Se for avaliar todo mundo contribuiu. Teve uma feira num dia formidável com muitas visitas. Dentro da nossa organização eu acho que só uns pontos mesmo para melhorar. Para a feira criativa nós demos o nome a Cor do Jongu. Isso tudo contribuiu para a valorização aqui da nossa entidade porque na visão hoje da tecnologia, do facebook, o whatsapp as pessoas que visualizaram a feira, o trabalho tiraram uma conclusão que o trabalho aqui é organizado. Nós fizemos um trabalho criativo e novo. (Meméia).

A feira contribuiu para a “valorização do trabalho” na Casa do Jongu. Todos os jongueiros se envolveram na sua etapa de construção, principalmente, na escolha do nome, que ficou conhecida como a “Feira Criativa do Jongu de Pinheiral: A cor do Jongu”. Fatinha me explicou que a feira contribuiu diretamente para a “autoestima” do grupo que passava por problemas financeiros:

Quando você vê um negro como na ultima feira nossa. Nós fomos para essa feira com a cara e a coragem porque não tínhamos muito a noção de como seria e tanto a primeira como a segunda foi um sucesso. E as pessoas estão pedindo para fazer mais quem não veio quer vir. Eu vim um negro e ele dançava! Ele cantava tão lindamente na roda de samba que até falei para o meu cunhado. Olha que bacana você vê o nosso povo ali entendeu, na maior alegria e assim se sentindo, gente! Ele estava tão a vontade e feliz ali naquela coisa. Outras pessoas também, mas sabe aquilo me chamou atenção. Nós não temos lugar nenhum para ir. (Fatinha).

Esse trabalho de “autoestima” enfatizado pela Fatinha contagiou todos os jongueiros e foi uma oportunidade da comunidade divulgar a “cultura”, “identidade” e “tradição”. Fatinha na abertura da primeira feira destacou: *“Temos muito orgulho de estar fazendo a primeira feira Afro do Jongu em Pinheiral. Nós temos uma identidade, cultura, tradição e tudo isso está sendo mostrado aqui hoje”*.



Foto 14: Primeira Feira Criativa do Jongo de Pinheiral. Fonte: Autor (2017).

Nos dias 15 e 16 de Setembro nos reunimos na Casa do Jongo para o terceiro Seminário de Turismo Comunitário que teve como objetivo fazer a avaliação da feira afro e encaminhar as tarefas para a próxima. No dia seminário apresentei a ficha de avaliação geral preenchida pelo grupo com os comentários para que pudéssemos debater. Através da avaliação, foram observados apenas alguns problemas como a distribuição da feijoada. Em seguida, decidimos a data da próxima feira que foi realizada no dia 05 de novembro na praça Getúlio Vargas com a apresentação de jongueiros de comunidades vizinhas, como Arrozal, Barra do Pirá e Vassouras.

Para Fatinha as pessoas sentiram que a feira “era uma coisa nossa”, e que faz parte do “acolher” da Casa do jongo.

Eu estava na feira e você viu a quantidade de negros que estavam. Todo mundo dançou! Sentiram que era uma coisa nossa! É muito importante essa coisa de acolher as pessoas que não tem espaço em outro lugar. Aqui na Casa do Jongo conseguimos transformar muita gente com a convivência e mostrando os direitos que nós temos. (Fatinha).

Esse trabalho foi um resultado positivo que ultrapassou as expectativas. E, que casou perfeitamente com o fato da Casa do Jongo ser o “lugar do acolhimento”. Na feira encontramos moradores da própria cidade de Pinheiral, cidades vizinhas, pessoas do Rio de Janeiro, além da comunidade negra de Pinheiral e adjacências que “vivenciaram” esse acolhimento oferecido pelos jongueiros. Através das feiras, o grupo conseguiu pagar as dívidas da casa alugada e, o mais importante, trazer uma “autoestima” para os jongueiros que contagiou principalmente a população negra de Pinheiral.

4.3. A Antropologia, o Turismo e os jongueiros de Pinheiral - RJ

*Chama sinhá, candongueiro, chama sinhá.
Pode me chamar que eu vou*⁵⁷

O Turismo é uma atividade que envolve diversos tipos de bens e serviços. Desde a crítica de Denninson Nash(1996), na década de 80, sobre a falta de interesse dos antropólogos a respeito do tema e da insistência na pertinência do Turismo como objeto de estudo da Antropologia Social, parece estar havendo um significativo aumento do interesse nessa temática. A Antropologia parece estar sendo “chamada” a compreender os efeitos do Turismo nas comunidades tradicionais.

Segundo Margarita Barretto (2003) Nash, realizou nos anos 90, um trabalho exaustivo sobre a produção antropológica na área do Turismo o qual foi publicado no livro: *Anthropology of Tourism* (Nash, 1996). A abordagem de Nash a respeito do Turismo propõe-se a analisar os turistas, hospedeiros e toda parte da rede de mediadores que se encontram inseridos no processo de interação.

O autor propõe uma análise em três âmbitos: o primeiro se daria sob a ótica da aculturação, em que a análise se baseia nos efeitos do Turismo nas sociedades hospedeiras, destacando os níveis de hierarquia de poder criados na relação entre o turista e o hospedeiro; o segundo propõe analisar o tema do ponto de vista da experiência subjetiva do turista considerada pelo autor como “transição pessoal”, considera o turista como ator principal nos processos turísticos que constituem a experiência e o quadro de relações; e o último busca entender o turismo como uma forma de superestrutura, no qual revela aspectos culturais relacionados ao lugar de origem do turista, como também, nas diversas formas de criar lazer. (MENEZES, 1998).

Outro teórico importante para a análise do Turismo é o Malcom Crick (1989). Para ele os estudos antropológicos sobre o Turismo tem se dado através de quatro tipos de *bias*: a primeira através de volumosas análises econômicas com métodos estatísticos e de investigação de macroestruturas; segundo na ausência das vozes locais envolvidas no Turismo; a terceira *bias* destaca a falta de distinção entre as consequências do Turismo e de outros processos de mudança encontrados na sociedade; e por fim, Crick destaca a existência de uma “síndrome do nobre selvagem”, o que significa dizer que os

⁵⁷ Ponto de jongo “Chama sinhá” foi criado pela jongueira Cristina Eledá do jongo Sementes da África em Barra do Pirai – RJ.

analistas, possuem uma possessividade sobre os “seus nativos” e uma visão simplificada da cultura tradicional.

Na década de 70, o sociólogo israelense Erik Cohen, estudando nos EUA cria uma série de tipologias turísticas, que foram fundamentais para demonstrar que não se deveria analisar o turista de uma forma genérica, mas diferenciá-lo quanto ao comportamento e as motivações, de acordo com as características psicossociológicas e socioeconômicas. Tanto Dennison Nash e Erik Cohen trazem para os estudos do Turismo uma preocupação maior com as formas de pesquisar tal prática, buscando inserir em seus textos as vozes locais, tanto dos turistas, como também, daqueles que os recebem.

A obra de Cohen (1988) sobre as tipologias turísticas é usada até hoje nos trabalhos de Turismo e influenciou de forma substancial as pesquisas de John Urry (1996), considerado responsável pelo maior número de pesquisas relacionadas ao comportamento dos turistas e não-turistas. O teórico em seus trabalhos apresenta uma preocupação com o consumo de paisagens e lugares realizados pelo turista, o que o levou a escrever o livro “O olhar do turista: Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas”, que nos estudos do Turismo se consolidou como um grande clássico. Para Barretto (2003, p. 17), Urry considera que “o consumo de lugares de forma reflexiva (utilizando o conceito de reflexividade de Giddens) é a marca do turista atual”.

A escola inglesa foi fundamental para a construção dos estudos de Turismo. Em 1994, Urry e Scott Lash escreveram um capítulo no livro “Economies of Signs and space”, com o nome de Globalization and Modernity, em que consideravam o turismo como algo pragmático da sociedade pós-moderna. Assim, enfatizavam que a atividade se encontrava no cerne do desenvolvimento do capitalismo podendo ser analisado como um fenômeno influenciado pelo mesmo, mas também, como um fator que contribui para a sua aceleração e influenciando os grandes processos globais presentes na modernidade, como: a mobilidade organizada e a mercantilização. (HERNANDEZ-RAMIREZ, PEREZ E PINTO, 2015).

Uma análise importante sobre o Turismo de cunho antropológico é referente ao escritor e historiador anarquista Hakim Bey no texto “Superando o Turismo”, em que ele analisa a atividade a partir da perspectiva da peregrinação, em que o turista, diferente do peregrino que sai da sua vida cotidiana em busca de um espaço sagrado do santuário, no intuito de experimentar o sagrado, consome a diferença cultural que é “mensurável, aparente, visível, material, econômica, social”. (BEY, 1990, p.2). Para o

autor existe uma relação entre o hóspede e o anfitrião que pode ser entendido como um “ato de reciprocidade”, que é rompido pelo Turismo, pois nenhuma hospitalidade pode ser paga por uma quantia de dinheiro. Bey (1990) destaca que:

O turista é um parasita – pois nenhuma quantia de dinheiro pode pagar por hospitalidade. O verdadeiro viajante é um hóspede e por isso serve a uma função muito real, até hoje, em sociedades nas quais os ideais de hospitalidade ainda não desapareceram da “mentalidade coletiva”. Ser um anfitrião, nessas sociedades, é um ato meritório. Então, ser um hóspede é também conferir mérito. (BEY, 1990, p. 7).

Para o autor a viagem deve ser realizada como um dervixe (monge muçulmano) andarilho que segue em busca de um conhecimento, sempre buscando a mudança, e através dela, se transformar. Deve está pronto para exercer uma expansão do conhecimento. Para essa expansão é necessária a formação de um modelo de cognição que re-affirme a “mágica” da relação recíproca vivenciada no dar e receber atenção. Essa atenção para ele “segue uma regra de ”sinergia” mais que uma lei de investimento, nós poderíamos começar a superar em nós mesmo a banal mundanidade da desatenção cotidiana, e a abrir nós mesmos a “estados mais elevados.” (BEY, 1990, p.11).

Segundo, Barretto (2003) as pesquisas atuais no campo da Antropologia Social estão voltadas para os impactos gerados por certas formas de Turismo, principalmente, o cultural e o étnico, no qual em algumas situações tem gerado a descaracterização e comercialização das culturas, assim, passam a surgir às primeiras etnografias sobre o Turismo.

Nessa perspectiva, Barretto (2003) destaca o trabalho de Barbara Kirshenblatt-Gimblett intitulado como “Destination Culture”, considerado por ela como um clássico no campo da Antropologia e o Turismo. Além desses trabalhos destacam-se os pesquisadores Erve Chambers (2000), François-Marie Lanfant (1980), que em seus textos analisam as mudanças sociais provocadas pelo turismo em amplitude mundial. E Priscila Boniface (1995) que trabalha com questões referentes ao controle responsável do legado cultural gerado pelo Turismo.

Outro trabalho importante é do canadense Peter Murphy (1997) que não possui formação nas áreas humanas e é oriundo da Administração. Ele organizou um livro com vários artigos para se compreender a relação do Turismo com a cultura. Nessa coletânea há artigos de pesquisadores como Nicholson, que faz uma análise dos impactos do Turismo no Canadá e do geógrafo Geoffrey Wall, que fez um trabalho sobre a Indonésia. Além desses, há também, a pesquisa Philippe Pearce em conjunto com Gianna

Moscardo, da Universidade James Cook que fica na Austrália, onde foram publicados vários artigos em revistas e um livro *Understanding and Managing the Tourism-Community Relationship* (BARRETTO, 2003).

Em paralelo a essas pesquisas, no Brasil aumentou o interesse da Antropologia pelo Turismo, como Banducci (2001); Steil (2002) e Barretto (2003). Segundo, Javier Hernandez-Ramirez, Xerardo Pereiro Pérez e Roque Pinto (2015) a consolidação desse campo científico ainda é marginal, no sentido, de que as contribuições, geralmente, se encontram direcionadas em temas considerados mais relevantes e financiadas por entidades públicas de desenvolvimento. Dentre esses temas temos: a conservação ambiental, problemáticas negras e indígenas, a questão do gênero e da religião.

Além disso, devemos destacar que as etnografias sobre turismo ganharam uma força através do desenvolvimento das revistas especializadas e gerais, tanto do espanhol como de português. Entre elas destacam: “Ankulegui, Estudios y Perspectivas y Turismo, Horizontes Antropológicos, Naya (Noticias de Antropología y Arqueología), Pasos (Revista de Turismo y Patrimonio Cultural) e aRBTur (Revista Brasileira de pesquisa em Turismo).” (HERNANDEZ-RAMIREZ, PÉREZ e PINTO, 2015, p. 279).

As etnografias latino-americanas vêm analisando a complexidade do fenômeno turístico compreendendo as sociedades locais, não apenas, como receptores do Turismo, mas também, como atores sociais, políticos e econômicos dessa atividade.

que intervienen, ya sea promoviendo la actividad o resistiéndose a la misma, lo que contrasta con anteriores miradas que contemplaban a las comunidades como entidades homogéneas y víctimas pasivas ante fuerzas globales depredadoras y externas. (HERNANDEZ-RAMIREZ, PÉREZ, PINTO, 2015, p. 280).

Compartilhando das ideias desenvolvidas nessas novas etnografias latino-americanas sobre a relação do Turismo com as comunidades receptoras, esta nossa etnografia da Casa do Jongo de Pinheiral tem também como intuito, destacar o protagonismo dos jongueiros nas atividades turísticas.

A experiência em Pinheiral e o debate antropológico sobre o Turismo

*Povo me ajuda que eu também te ajudarei
Amanhã eu vou na Barra
Trago um negócio para vocês.*⁵⁸

⁵⁸ Ponto cantado pelo Grupo Jongo de Pinheiral.

A minha etnografia dos jongueiros pinheiral, baseada fortemente nas suas narrativas, têm revelado suas iniciativas para pensar y desenvolver um turismo sob seus próprios critérios, envolvendo saberes ancestrais e mobilizando a Casa do Jongu como um “lugar do acolhimento” é para ela que as pessoas de fora da comunidade vão, em busca dos ensinamentos de mestre cabiúna, encarados cuja transmissão sempre atualizada é encarada como uma “missão” pela Fatinha e como uma atitude que permanece vivida no “sangue”, segundo o cheiroso. A Casa do Jongu faz parte de uma procura realizada pelo turista que o leva a se movimentar para fora do seu entorno habitual.

Nesse sentido, as propostas teóricas de Cohen (1983) são particularmente relevantes. A partir de um modelo estrutural, o autor entende o Turismo como uma experiência de distanciamento do cotidiano. Ele destaca que a palavra “peregrino” etimologicamente se refere a “estrangeiro”, alguém que não faz parte daquele lugar e que aciona através do encontro o sentido do “outro”, da alteridade. Portanto, o turismo e a peregrinação “reinventam uma experiência que permite às pessoas, ao defrontar-se com o “outro”, tomarem um distanciamento crítico em relação aos valores, às ideias e às instituições que regem suas vidas cotidianas.”. (STEIL apud COHEN, 2000, p.3).

Assim, ao meu ver é possível entendermos que no encontro entre o turista e o grupo de jongueiros, os turistas poderão fazer uma reflexão crítica sobre suas próprias vidas e também sobre as suas percepções da história do Vale da Paraíba e do impacto da escravidão e da luta de resistência contra a escravidão, no passado e na atualidade. Essa concepção sobre o Turismo e a peregrinação se conecta com o que a Fatinha destacou anteriormente, sobre a importância das pessoas “vivenciarem” a vida cotidiana na Casa do Jongu, tendo em vista, que o preconceito ainda permanece em nossa sociedade. O Turismo era uma das formas de falar sobre as “coisas de preto”. Fatinha levava intensamente o trabalho de “capacitação” e sempre destacava nos seminários de turismo comunitário: *“Gente, nós temos que estar capacitado para contar a nossa história, pois muita gente fala besteira do jongo e nem conhece”*.

A Festa de Sant’Ana é um dos principais momentos em que a peregrinação e o turismo estão entrelaçados. Carlos Steil (2002) destaca que no campo da religião é possível observar uma estrutura turística composta de valores e significados que incorpora, mesmo que de forma inconsciente a tradição peregrina, criando algo diferente que é o turismo religioso.

É a partir desta categoria de turismo religioso que pretendemos situar a experiência de milhões de pessoas que se deslocam por razões de fé ou para eventos festivos que comemoram datas relacionadas ao calendário religioso no Rio Grande do Sul. Estes eventos, na medida em que se associam inextricavelmente ao turismo, estariam apontando para uma transformação fundamental da representação social da peregrinação. (STEIL, 2002, p. 5).

O Turismo religioso transformou, de forma substancial, a peregrinação. Pois, é importante se pensar quais os rituais, sentidos e as vivências que podemos tirar dessa relação entre o peregrino e a comunidade hospedeira. Na Casa do Jongo essa relação se dá de forma problemática em algumas situações relatadas pelos jogueiros. Cheirosa destaca que embora a porta da Casa do Jongo “está fechada para ninguém” existe um “limite do acolhimento” que as pessoas muitas das vezes ultrapassam, principalmente, como ele destacou na festa de Sant’Ana.

Para os jogueiros, a relação com o turista não se define apenas numa relação financeira, em que eles reivindicam um maior retorno para o grupo. Essa relação vai muito além e se define num “ato de reciprocidade”, em que o turista deve fazer por merecer a hospedagem que o anfitrião está lhe oferecendo (BEY, 1990). Essa reciprocidade descrita pelos jogueiros foi observada na etnografia através dos momentos em que eles tinham a oportunidade de falar sobre a memória do jongo e a sua luta no presente. Meméia nas duas feiras afro, sempre abordava os turistas explicando o sentido da feira afro. Ela enfatizava que aquele ato era uma forma de resistência. E que se esperava uma reciprocidade para as pessoas que se encontravam presentes divulgando o trabalho do grupo. Sobre as visitas Meméia diz:

É só mesmo crescimento e fortalecimento para o município e para a entidade. A gente está dentro de um município que tem uma história tradicional, história assim de grande valor hoje para a cultura e a gente transmiti isso para o outro. Passar isso para o outro é muito importante. A visita contribui muito e aos longos dos anos nós viemos buscando trazer dentro da história os trabalhos alternativos, os livros, as bibliotecas, as culinárias. Isso ajuda muito no trabalho porque as pessoas chegam aqui e oferecemos um trabalho alternativo que contribui para o nosso aperfeiçoamento. (Meméia).

Essa relação é fundamental para os jogueiros, pois é nela que a “história tradicional” é transmitida oralmente. Mesmo que a visita contribua muito, foi percebido durante o tempo que estive na Casa do Jongo, que os jogueiros reivindicavam uma reciprocidade em relação ao acolhimento praticado pelos jogueiros.

Para que haja essa reciprocidade as pessoas que visitam a Casa do Jongo precisam de uma mudança cognitiva descrita por Bey (1990) capaz de despertar “a

mágica da reciprocidade”, encontrada na lógica do “dar atenção e receber atenção”. Para isso “Nós podemos nos permitir participar, experimentar o mundo como uma relação viva e não como um parque temático”. Isso fica evidente na fala do Cheiroso que entende que para dançar o jongo é preciso que ele esteja no sangue. Como mencionei anteriormente através da fala do jongueiro *“Hoje você não vê mais as pessoas dançarem com alegria. As pessoas vão para serem filmadas. O dançar tem que estar no sangue”*.

Entendo que o retorno que os jongueiros reivindicam nas visitas, não seja apenas na questão financeira, mas sim, no aprendizado entre o turista e os jongueiros. Eles querem a cada encontro se “aperfeiçoarem” produzindo trabalhos alternativos e conquistando o sonhado respeito que, como Fatinha me ensinou, se dará apenas através da “vivência” do jongo.

Machado!

“VOU CAMINHANDO DEVAGAR”: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Eu passei no roseiral
Me espinhei todo
Mas não sai ferido
Eu sai foi bem cheiroso.⁵⁹*

Utilizo esse ponto para descrever o caminho espinhoso que é descrever a riqueza que podemos encontrar no Grupo Jongo de Pinheiral e nas narrativas dos membros da Casa do Jongo. A dissertação se mostrou caminhar assim como o Jongo, cadenciada e respeitando as palavras dos jongueiros e o tempo dos mais velhos que morreram, para que a dança estivesse viva.

Não foi fácil ir embora da Casa do Jongo após a última reunião no dia 11 de Dezembro de 2017. Mesmo com todos os abraços de despedida do ano, que já estava chegando ao fim, havia um sentimento de não querer ficar longe da família jongueira. Após, sair da casa levei muitas saudades das histórias, no caminho de retorno para o Rio. E enquanto escrevia esta dissertação, chorei de felicidade por ter vivido por um momento o jongo “no sangue”. Esse foi o maior presente que me deram para levar.

Nesse presente estudo, procurei escrever trazendo as expressões dos jongueiros e seguindo algumas características encontradas na roda de jongo. No início da roda os jongueiros de Pinheiral sempre cantam um ponto de abertura e no final um ponto de encerramento para fechá-la. Entre um ponto e outro os jongueiros falam *machado!* Essa palavra é dita para interromper um ponto e iniciar outro. O título “Eu vim Saravá terra que eu piso” é o ponto de abertura que abro esta dissertação no sentido de que este estudo vem para saravá o chão da Casa do Jongo, onde estive pisando durante o ano de “capacitação” dado pelos jongueiros.

O percurso da dissertação foi se desenrolando como o próprio jongo: de forma cadenciada “caminhando, devagar”, procurando respeitar os mais velhos e as “pessoas que morreram escravizadas, que morreram em navio por isso aqui”. Enquanto, pesquisador negro, esse sentimento de dançar para as pessoas que “morreram”, me trazia forças ancestrais. Pois, no fundo, todo estudante negro cotista de universidade pública, escreve para aqueles que morreram lutando “Em busca de um espaço...⁶⁰”.

⁵⁹ O ponto de jongo “Roseiral” foi criado por Claudia Mamede do Caxambu Renascer de Vassouras – RJ.

⁶⁰ Referência á tese de Marlene Cunha: “Em busca de um espaço: a linguagem gestual no candomblé de Angola.”

No capítulo 1 apresento os jongueiros da Casa do Jongu. *“Olha foi na Casa do Jongu que eu aprendi a amar”*, disse Cheiroso no último seminário com o grupo. Esse aprendizado veio com as pessoas que fazem a Casa ser um lugar especial. Cada jongueiro traz a sua história pessoal, suas percepções e expectativas. A riqueza da Casa vem do encontro de pessoas que compartilham uma ancestralidade comum, respeitando a especificidade de cada jongueiro. O mestre Cabiúna continua sendo a principal referência do Grupo Jongu de Pinheiral. Sempre lembrado nas rodas com seus lindos pontos que permanecem cantados ao som dos tambores da comunidade que descrevo a partir da fala do Cheiroso, que simboliza um elo de comunicação.

No capítulo 2 os jongueiros desenham através de suas narrativas o território jongueiro do Vale do Paraíba. Fiquei muito emocionado ao ouvir a Fatinha me dizer: *“A memória do rio e a dos jongueiros se confundem porque sempre se contou as histórias do rio Paraíba e a história do negro jongueiro em busca da liberdade e melhores dias”*. O rio é o lugar em que ocorria a comunicação desse território jongueiro na História. O “devir” no jongu é vivenciado no território jongueiro através de todos os seus elementos: terra, água, vento e fogo. O fogo “dá o som” ao tambor, a água através do rio Paraíba conecta todas as memórias ao longo do percurso, o vento leva as batidas dos tambores ancestrais do jongu e a terra é o chão que os jongueiros dançam saravando os que morreram. Todos esses elementos se fazem sentir no devir jongueiro que podem ser encontrados nas práticas realizadas pela “pessoa-tambor” que faz a comunicação com o sobrenatural, como explico de forma mais detalhada no capítulo 3.

“O jongu é coisa séria! Nós temos os nossos ancestrais que cultuamos dentro de uma roda de jongu. Tem que ter respeito”, assim, iniciei o capítulo 3 com as palavras da Fatinha que me convidou para participar do ritual realizado na fazenda Pinheiros a convite dos integrantes do centro espírita de umbanda Caboclo Vira-Mundo. O ritual foi o momento em que mais vivi intensamente o jongu “no sangue”. Como Cheiroso tinha me dito, a fazenda era o lugar em que muitos jongueiros morreram. Tudo isso me conectava com o passado. Era como se o meu sangue estivesse ali, quando dançávamos para que os espíritos pudessem caminhar para o outro plano.

No capítulo 3 exponho também como o jongu desempenha um papel complementar no ritual que estava sendo desenvolvido pela Umbanda. Embora o Jongu e a Umbanda tenham semelhanças, Pai Pedro Paulo explica que são coisas diferentes,

pois o Jongo não é dedicado para nenhum orixá e é na verdade uma forma de expressão, que hoje ele considera ser uma dança folclórica utilizada para se comunicar através do tambor e da dança, embora o jongo tenha toda a sua espiritualidade e a presença dos pretos velhos. Em sua narrativa, ele destacou ainda, que o jongo nasce entre duas grandes religiões afro-brasileiras entre o Candomblé e a Umbanda. Para ele foi o jongo que influenciou a Umbanda, por isso o culto aos pretos velhos nessa religião, considerado pelos jongueiros como seus antepassados que faleceram na escravidão. Assim, analiso ambas de forma complementar, onde - como me ensinou Antônio Bispo - *“nem tudo que se ajunta, se mistura”*. A relação de ambas são movimentos de confluências.

Esse movimento de confluência não se limita apenas a relação do jongo com a Umbanda, mas também com outra cultura negra como, o Candombe. Nessa parte faço uma análise das falas dos jongueiros através de categorias elaboradas pelos candombeiros no trabalho de Plastino (2013). A partir dessas categorias busquei analisar o significado de “axé” para os jongueiros em relação elementos, terra, fogo, água e ar, e as entidades vivas e ancestrais. Em seguida relaciono a força ancestral presente na “pessoa-tambor” (um conceito que tomo emprestado de Plastino) para me aproximar ao jongueiro responsável pelos tambores do Grupo Jongo de Pinheiral, que é o Cheiroso. O Cheiroso conhece todos os toques dos pontos de jongo. Na associação com o rituais da Umbanda no casarão da Fazenda, o seu toque permitiu que os espíritos se encaminhassem para o outro plano.

No capítulo 4 concentrei-me em analisar a Casa do Jongo e sua importância para o grupo. A Fatinha me ensinou que a casa é um “lugar de acolhimento”. Enquanto estive vivendo na casa descobri uma “imensa importância social” para todos que a procuram. Como me ensinou Cheiroso “a porta do jongo não está fechada para ninguém”, mas as pessoas precisam vir de “coração aberto” para que possam aprender. O Turismo na Casa do Jongo tem sido uma forma de tornar esse acolhimento algo que possa trazer um retorno sustentável para os jongueiros. Com o desenrolar do trabalho através de três seminários e duas feiras afro durante o ano, foi possível que a comunidade pudesse pagar as dívidas atrasadas e ter um choque de autoestima para continuar o trabalho com o jongo.

Analisei a relação entre os turistas e os jongueiros na Casa do Jongo na perspectiva da reciprocidade que é esperada pelos jongueiros. O acolhimento na casa ultrapassa o sentido de apenas receber as pessoas para gerar uma renda para o grupo que precisava pagar as contas, mas é sim uma forma de colocar em pauta, suas lutas e reivindicações. Como destaquei através de Bey (1990), o hóspede também precisa fazer por merecer o acolhimento oferecido pelos jongueiros. Essa reciprocidade pode ser observada através da Festa de Sant’Ana que descrevo a partir da lógica do acolhimento descrito pelos jongueiros, onde eles destacam os “limites do acolhimento”.

No início da construção do trabalho de Turismo, constantemente ouvia a Fatinha me incentivar que deveríamos realizar um trabalho de “capacitação” dos jongueiros, pois se acreditava que, pela minha formação na área, poderíamos fazer um trabalho capaz de atender o grupo que, em grande parte se encontrava desempregado. Mas, na verdade, foram elas que me “capacitaram”.

Seguindo as minhas concepções, busquei ir para Pinheiral para fazer um trabalho de parceria, e que em alguns, momentos se transformou em militância. E constantemente, eles me mostravam que o Turismo na cidade já vinha sendo feito pelo Grupo Jongo de Pinheiral há muitos anos. A forma de fazer do Turismo era através da oralidade em que todos os jongueiros apresentavam seus próprios saberes para os turistas que vinham visitá-los. Todos os jongueiros já faziam o Turismo, pois eles viviam o jongo no “sangue”. Faz parte da vida deles.

Através do trabalho de Turismo comunitário realizamos três seminários que geraram as feiras afro, onde os jongueiros apresentaram a sua memória comunitária. Na feira encontramos todos os elementos que exponho aqui na dissertação: os jongueiros, o território jongueiro, a religiosidade, e por fim, o Turismo desenvolvido pela comunidade, onde todos participaram e contribuíram de diferentes formas. O turismo realizado pela Casa do Jongo é completamente diferente do que era realizado na fazenda Santa Eufrásia em que acontecia uma teatralização dos crimes da escravidão, pois, os jongueiros entendem a atividade turística como o seu modo de vida. Para os jongueiros, através do Turismo as pessoas podem aprender e respeitar o jongo “vivenciando-o”.

Foi um longo caminho de histórias e aprendizados. Acredito que ainda posso contribuir muito para que o jongo possa estar resistindo á sociedade racista que nos ataca desde o momento que fomos retirados de forma genocida de nossa África. A cada

passo de dança, o jongo me faz lembrar um passado através do “sangue”. Essa dissertação é apenas o começo e há um longo caminho de luta! Peço licença aos jogueiros mais velhos e os que se encontram no Ori para que eu possa seguir “caminhando devagar”.

*Vou caminhando devagar, é devagar
Vou caminhando devagar
Eu não sou ligeiro
E vou com Deus e a Nossa Senhora!⁶¹*

Machado!

⁶¹ Ponto de jongo “Vou caminhando, devagar” foi criado pelo mestre Cabiúna e cantado para fechar as rodas do Grupo jongo de Pinheiral.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Martha e MATTOS, Hebe. **“Remanescentes das Comunidades dos Quilombos”:** memória do cativo, patrimônio cultural e direito à reparação. Ibero-americana, ano XI, 42, jun. 2011, pp. 145-160, 2011.

ABREU, Martha et al, 2010, p. 18. **Relatório Antropológico de Caracterização Histórica, Econômica e Sócio-Cultural do Quilombo de Pinheiral.** Niterói: UFF/ Incra – SRRJ, 2010.

BANDUCCI Jr., Álvaro. **Turismo e antropologia no Brasil: estudo preliminar.** In: BANDUCCI Jr., Álvaro; BARRETTO, Margarita. (Org.). **Turismo e identidade local: uma visão antropológica.** Campinas: Papirus, 2001.

BARBARA, Rosamaria. **Dança das Aiabás: dança, corpo e cotidiano das mulheres do candomblé.** Tese (Livre docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, USP, 2002.

BARRETTO, Margarita. **O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo.** Horizontes Antropológicos: Antropologia e turismo, Porto Alegre, v. 20, p. 15 - 29, 2003.

BEY, Hakim. **Superando o turismo.** 1990. Tradução: Hudz. Brasil. Disponível em: <http://imagomundi.com.br/cultura/superando_o_turismo.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2018.

BIRMAN, Patrícia. **Laços que se unem: ritual, família e poder na umbanda.** In: *Religião e Sociedade*, São Paulo, 1982, n.8, p. 21-28.

_____. **O que é Umbanda.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Fazer estilo criando gênero. Possessão e diferenças de gênero em terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ/ Relume Dumará, 1995.

BITTER, Daniel. **Cultura popular em trânsito: circulação e estetização de práticas performativas e objetos rituais entre folias de reis.** In: Reinheimer, Patricia; Sant’Anna, Sabrina Parracho. (Org.). **Manifestações artísticas e ciências sociais: reflexões sobre arte e cultura material.** 1º ed. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2013, p. 173-192.

BONIFACE, Priscilla. **Managing quality cultural tourism: heritage, care preservation and management.** London: Routledge, 1995.

CAMPOS, Thiago. **A força da escravidão ao sul do Rio de Janeiro: os complexos de fazendas e a demografia escrava no Vale cafeeiro na segunda metade do Oitocentos.** In: MUAZE, Mariana & SALLES, Ricardo (orgs). **O Vale do Paraíba e o Império do Brasil nos quadros da segunda escravidão.** 1ª edição. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

CARMO, Ione. **“O caxambu tem dendê”:** jongo e religiosidades na construção da identidade quilombola de São José da Serra. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, 2012.

CAVALCANTI, Maria Laura. **Os sentidos no espetáculo**. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2002, v. 45 n° 1.

_____, Maria Laura. **Formas do efêmero: alegorias em performances rituais**. Revista Ilha, Santa Catarina, UFSC, (2011) 2012, v. 13, n. 1, p. 163-183, jan./jun.

CHAMBERS, Erve. **Native tours: the anthropology of travel and tourism**. Illinois: Waveland Press, 2000.

COHEN, Erik. **A phenomenology of tourist types**. Sociology, 13, p. 179-201. 1983

_____. **Traditions in the qualitative sociology of tourism**. Annals of Tourism Research. Special Issue. 15: 29-46, 1988.

CONCONE, Maria Helena e NEGRÃO, Lísias. **Umbanda: da repressão à cooptação – o envolvimento político partidário da umbanda paulista nas eleições de 1982**. In: Cadernos do ISER – umbanda e política, n. 18, Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1985.

CONCONE, Maria Helena. **Umbanda: uma religião brasileira**. São Paulo, FFLCH/USP, 1987.

_____. **Caboclos e pretos velhos da Umbanda**. In: PRANDI, Reginaldo (org). **Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001. pp. 281-303.

COSTA, Rogério e GONDAR, Josaida. **Entrevista com Felix Guatarri**. Paris, 12 de Agosto de 1992. Texto apresentado no Simpósio A Pulsão e seus Conceitos. Promovido pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1992.

CRICK, Malcom. **Representations of International Tourism in the Social Sciences: Sun, Sex, Sights, Savings, and Servility**". Annual Review of Anthropology. 18: 307-44, 1989.

CUNHA, João Alípio de Oliveira. **Trens nostálgicos: um estudo sobre a interface Ferrovia, turismo e nostalgia**. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CEDERJ). Monografia. Departamento de Turismo. 2013.

_____. **Um diálogo entre o jongo/caxambu e o candombe Paraguaio através dos santos negros: São Benedito e São Baltazar**. Universidade Federal Fluminense. Monografia. Departamento de História. 2014.

_____ et al. **Fazer com, em diferença: desafios do “outro” como sujeito nas políticas culturais**. Livro de Atas do 1º Congresso da Associação Internacional de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa, p.p. 8963 – 8975, 2015.

_____. **Diálogos entre o Turismo e a História do negro: pensando a lei 10.639/03 no ensino de Estudos Turísticos**. Monografia. Universidade Federal Fluminense. Faculdade de Educação. Programa de Educação sobre o negro na sociedade brasileira – PENESB, 2016.

CUNHA, Marlene. **Em busca de um espaço: a linguagem gestual no candomblé de Angola**. Dissertação - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, USP. 1986.

DIANTEILL, Erwin. **Deterritorialization and Reterritorialization of the orisha religion in Africa and the New World (Nigéria, Cuba and United States)**. In: International Journal of Urban and Regional Research, 2002.

DIAS, Marcelo e PRUDENTE, Wilson. **Relatório Parcial da Comissão Estadual da Verdade da Escravidão Negra no Brasil/ OAB**. Rio de Janeiro, 2015.

GOLDMAN, Marcio. **Formas do Saber e Modos do Ser: Observações Sobre Multiplicidade e Ontologia no Candomblé**. Academia.edu, 2005. pp. 1-19. Disponível em <https://www.academia.edu/13333033/Formas_do_Saber_e_Modos_do_Ser_Observa%C3%A7%C3%B5es_Sobre_Multiplicidade_e_Ontologia_no_Candombl%C3%A9>. Acessado: em 13 jun. 2017.

_____. **Prefácio**. IN: LUCINDA, Maria da Consolação. **Territórios Religiosos. Conexões entre passado e presente**. 1ª edição. Curitiba: Appris, 2016, 285 p.

GONÇALVES, Renata. **Continuidade no espetáculo da mudança: o casal de mestre-sala e porta-bandeira**. In: CAVALCANTI, Maria Laura e GONÇALVES, Renata de Sá. (orgs). **Carnaval em múltiplos planos**. 2008, p. 221 – 153.

HERNANDEZ-RAMIREZ, Javier, PÉREZ, Xerardo Pereiro e PINTO, Roque. **Panorama de la Antropología del Turismo desde el Sur Overview of Anthropology of Tourism from the South**. Vol. 13, nº 2. Special Issue. Págs. 277-281. 2015.

JONES, LeRoi - **O jazz e sua influência na cultura americana**. Rio de Janeiro: Record, 1967.

JÚNIOR, Wilson Rogério Prateado. **Jongueiros do Tamandaré: um estudo antropológico da prática do jongo no Vale do Paraíba paulista (Guaratinguetá)**. Dissertação – Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2005.

LANFANT, François-Marie. **Introduction: tourism in the process of internationalization**. International Social Sciences Journal, v. 32, n. 1, p. 14-43, 1980.

LARA, Silvia e PACHECO, Gustavo (orgs.). **Memória do jongo: as gravações históricas de Stanley J. Stein. Vassouras, 1949**. Rio de Janeiro: Folha seca; Campinas, SP: CeCUIT. 200p. 2007

LASH, Scott e URRY, John. **Economies of sign and space**. London: Sage, 1994.

LUCINDA, Maria da Consolação. **Territórios Religiosos. Conexões entre passado e presente**. 1ª edição. Curitiba: Appris, 2016, 285 p.

MARQUESE, Rafael, SALLES, Ricardo. **A cartografia do poder senhorial: cafeicultura, escravidão e formação do Estado nacional brasileiro, 1822 – 1848.** In: MUAZE, Mariana & SALLES, Ricardo (orgs). *O Vale do Paraíba e o império do Brasil nos quadros da segunda escravidão.* 1ª edição. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

MELO, Ricardo. **Tambor de machadinha: devir e descontinuidade de uma tradição musical em Quissamã.** Dissertação- Programa de Pós-graduação em Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, 2006.

MENEZES, Thereza. **Turismo, tradição e hospitalidade: um Estudo sobre Produção de Identidade em Ilhéus (Bahia).** Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Museu Nacional, 1998.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Termo de Ajustamento de Conduta Fazenda Santa Eufrásia.** Procuradoria da República no Município de Volta Redonda, 2017. Disponível em <http://www.pontaojongo.uff.br/sites/default/files/upload/ic_001_2017_tac_fazenda_santa_eufrasia_assinado.pdf> Acessado em Janeiro de 2018.

_____. **Termo de Ajustamento do Município de Pinheiral.** Procuradoria da República no Município de Volta Redonda, 2016.

MONTEIRO, Elaine. **Bate tambor grande, repinica candongueiro, Rio de Janeiro ainda é terra de jongueiro! - Registro e a salvaguarda do patrimônio imaterial.** Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, Rio de Janeiro, N.7, pp. 125 - 148, jan./jun. 2015.

_____, Elaine. **Universidade e comunidades: diálogos de saberes e fazeres em ações de salvaguarda do patrimônio imaterial.** In: MATTOS, Hebe. **História oral e comunidade - Reparações e culturas negras.** São Paulo: Editora Vozes, 2016.

MOTT, Luiz. Rosa Egípcia: **Uma Santa Africana no Brasil.** Rio de Janeiro. Editora Bertrand. 1993.

MURPHY, Peter (Ed.). **Quality management in urban tourism.** Chichester: John Wiley and Sons Ltd., 1997.

NASH, Dennison. **Anthropology of tourism.** Oxford: Pergamon, 1996

NEGRÃO, Lísias. **Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo Umbandista em São Paulo.** São Paulo: Edusp, 1996.

_____. **Magia e religião na Umbanda.** In: Revista USP, nº 31, São Paulo, p. 66-89, 1996.

_____. **A Umbanda como expressão de religiosidade popular.** In: Religião e Sociedade, São Paulo, 1979.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PLASTINO, Virna. **Fuerza: os tambores de candombe e suas pessoas em Ansina, Montevideo**. Tese (Livre docência) – Programa de Pós-Graduação - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

PEREIRA, Luzimar Paulo. **Os sacrifícios da carne: a morte do gado e a produção dos banquetes nas folias de Urucuia, MG**. *Religião e Sociedade*, v. 32, p. 71-96, 2012.

PETRUSKI, Maura Regina. **Julho chegou... e a festa também: Sant'Ana e suas comemorações na cidade de Ponta Grossa (1930-1961)**. Tese – Curso de Pós-graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – Universidade Federal do Paraná, 2008.

RABELO, Miriam. **Enredos, feituradas e modos de cuidado: dimensões da vida e da convivência no candomblé**. Salvador: EDUFBA, 2014

RAMÍREZ, Chabela. “**La resiliencia es la mejor apuesta**”. In: ORTUÑO, S. (org.) **El tambor y sus vocês**. pp. 67-71, 2008.

ROLNIK, Raquel. **Territórios Negros nas Cidades Brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro)**. *Revista de Estudos Afro-Asiáticos*, nº 17, 1989.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, Quilombos: modos e significados**. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa – INCT. Universidade de Brasília – UnB, 2015.

SANTOS, Jadilson Pimentel dos. **As Santanas da antiga vila de Santa Ana e Santo Antônio do Tucano**. VIII EHA - Encontro de História da Arte. 2012.

SILVA, Adailton. **Relatos sobre o jongo: reflexões e episódios de um pesquisador negro**. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Universidade de Brasília – UnB, 2010.

SLENES, Robert W. “**Eu venho de muito longe, eu venho cavando**”: **jongueiros cumba na senzala centro-africana**. In: LARA, Silvia Hunold & PACHECO, Gustavo (orgs). *Memória do Jongo: as gravações históricas de Stanley J. Stein*. Vassouras, 1949. Rio de Janeiro, Folha Seca. Campinas, SP: CECULT, 2007.

SOUSA, Aline. **Tia Maria do jongo: memórias que ressignificam identidades das atuais lideranças jongueiras do Grupo Jongo da Serrinha**. Dissertação – Universidade de São Paulo – USP, 2015.

STEIL, Carlos Alberto. **Turismo e peregrinação**. XXII Reunião Brasileira de Antropologia. Fórum de pesquisa 21: Antropologia e Turismo. 2002.

TAVARES, Julio. **Dança de guerra: arquivo e arma (Elementos para uma Teoria da Capoeiragem e da Comunicação Corporal Afro-Brasileira)**. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel, SESC, 1996.

VIANNA, Letícia. **Inventário Nacional de Referencias Culturais**. Dossiê 5: Jongs do Sudeste. Brasília: IPHAN. 2008.

VERGER, Pierre. **Orixás**. Tradução de Maria Aparecida da Nóbrega. 1981

SITE

Série Turisol de Metodologias Turismo Comunitário. Disponível em <http://www.otca.info/portal/admin/_upload/documentos/648-3.Turis.com.ANP_3_BRASIL_Livreto_mamiraua.pdf>. Acessado em Fevereiro de 2018.

ANEXOS

O Turismo na fazenda Santa Eufrásia

*Eu vou embora minha casaca fica aqui.
Quando eu voltar minha casaca tem que ir*⁶².

No dia 06 de Dezembro de 2016, o site The Intercept Brasil⁶³ denunciou a fazenda Santa Eufrásia, em Vassouras-RJ, por práticas de turismo que tratavam a história da escravidão de forma teatralizada, reafirmando o mito da escravidão cordial no Vale do Paraíba. A fazenda criada em 1830 é o único patrimônio material particular registrado pelo IPHAN-RJ na região do café que recebe diversas visitas diárias com agendamento. Suas visitas eram guiadas pela proprietária Elizabeth Dolson que falava da história da escravidão e do Vale vestida com roupas de época simulando ser uma senhora, e algumas, funcionárias de mucamas serviam os turistas que se encontravam na propriedade.

Esse tipo de prática realizada pelo Turismo nessa fazenda histórica, nos apontava para a forma que a escravidão do negro no Brasil ainda permanecia sendo tratada na região, banalizando o crime que foi esse processo histórico. O relatório parcial da Comissão Estadual da Verdade da Escravidão Negra no Brasil⁶⁴ criado em 2015, a partir de outras comissões da verdade como o da África do Sul que na época teve uma importante liderança de Nelson Mandela e do Bispo Desmond Tutu, tem como um dos objetivos o combate ao racismo e a discriminação racial oriundos do pensamento escravocrata que ainda se mantêm na sociedade.

Ostentaremos aqui, apoiados na Declaração e Programa de Ação de Durban, concebida na Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, que a escravidão negra e o tráfico transatlântico de pessoas, são crimes contra a humanidade. Nunca existiu escravidão legal. O império do Brasil é que era um Estado ilegal como demonstraremos mais adiante. O mito da escravidão legal está por sua vez conectado ao mito da escravidão cordial e pacífica; ao mito de que a república veio acompanhada de trabalho livre, entre outros mitos que terão por desaguadouro o celebrado mito da democracia racial. (DIAS e PRUDENTE, 2015, p.7).

⁶² O ponto de jongo “Vou me embora” foi criado pelo mestre Cabiúna cantado para fechar a roda de jongo.

⁶³ The Intercept Brasil – Disponível em <<https://theintercept.com/2016/12/06/turistas-podem-ser-escravocratas-por-um-dia-em-fazenda-sem-racismo/>>. Acessado em Fevereiro de 2018.

⁶⁴ Comissão da Verdade sobre a escravidão. Disponível em <<http://www.cnv.gov.br/textos-do-colegiado/586-epub.html>>. Acessado em Fevereiro de 2018.

O relatório parcial denuncia os crimes da escravidão e suas consequências na sociedade brasileira que permanecem encobertas pelo mito da escravidão cordial e da democracia racial presentes nesse tipo de Turismo que no decorrer do trabalho de campo se demonstrou presente não apenas na fazenda Santa Eufrásia, mas em cidades vizinhas como Valença e Barra do Pirai, ambas pertencentes ao Estado do Rio de Janeiro.

No dia 02 de fevereiro de 2017 foi realizada uma reunião pública que contou com a presença de representantes da Comissão de Igualdade Racial da OAB/RJ, comunidades tradicionais - quilombolas e jongueiras, o Ministério Público Federal e a Defensoria Pública, para um debate sobre as práticas de racismo na fazenda Santa Eufrásia e demais. Na audiência, todos os grupos sociais tiveram um tempo de fala para colocar suas ideias sobre como proceder a respeito da denuncia feita ao Ministério Público sobre a fazenda. Dentre as diferentes falas dos grupos sociais presentes no local uma das mais impactantes foi a da liderança do movimento negro unificado, Marcelo Dias:

A escravidão é um crime contra a humanidade. Por isso que estamos chamando esse turismo nas fazendas, como Turismo de terror, de horror. Por que eles não fazem esse tipo de coisa no museu do Holocausto... Nós não queremos que acabe com as fazendas queremos que seja um Turismo que retrate a história da escravidão como o museu do Holocausto. Dizem, eu nunca fui, mas quem vai lá sai horrorizado, sai falando. Isso jamais pode voltar a acontecer. (Marcelo Dias).

No intuito de combater o turismo que não reconhecia o holocausto promovido pela escravidão brasileira foi possível, ainda na audiência do dia 02 de fevereiro, a formação de um grupo de trabalho para proposição de conteúdo para o termo de ajustamento de conduta.

O primeiro encontro do grupo de trabalho foi realizado no dia 16 de fevereiro na sala do Ministério Público Federal de Volta Redonda - RJ para que o termo pudesse ser construído coletivamente. Nesse dia foram levantadas questões para serem inseridas no termo de ajustamento. Toninho Canecão era um dos principais críticos ao turismo realizado nas fazendas e destacou: *“tem muitos grupos que não tem voz, diferente, do jongo de Pinheiral e do Quilombo da Serra que conseguem expor o que estão pensando e o que não estão gostando em relação ao evento do Vale”*. A liderança jongueira e quilombola destacava o principal evento turístico do Vale do Paraíba que é o Festival do

Vale do Paraíba, em que as comunidades tradicionais, permaneciam praticamente excluídas, sendo convidadas para algumas apresentações com baixos cachês.

Fatinha destacou que *“os grupos de jongo não se apresentam nas fazendas históricas e o único momento que as comunidades jongueiras participam do evento é durante o cortejo das tradições populares”*. Durante o período em que estive vivendo em Pinheiral tive a oportunidade de conhecer o festival e pude ver também que o único momento em que as comunidades tradicionais participavam do evento era no cortejo das tradições com apresentações rápidas.

O TAC foi consolidado no dia 29 de março. Tendo participado desde o início do processo de formação, penso que o documento foi um importante instrumento de reparação histórica da população negra e mudança da forma de fazer o Turismo de memória da escravidão. Para o procurador da República Dr. Júlio Araújo:

O termo de ajustamento de conduta é um documento que se propõe a uma negociação de conciliação entre ambas as partes que seria uma forma de dirigir o processo e cobrar as fazendas, não desconsiderando a gravidade da prática que estava sendo realizada pela fazenda, mas também, uma chance para que a fazenda se adapte e se organize para seguir as recomendações. (Júlio Araújo).

Com a elaboração do TAC as principais ações estavam definidas nas obrigações “de não fazer” e “de fazer” que a proprietária da fazenda Santa Eufrásia terá que seguir. Caso ela não as cumprisse sofreria punições sancionadas pelo Ministério Público Federal. Sobre as obrigações de “não fazer” uma das cláusulas postadas torna proibida a encenação e o uso de roupas de pessoas negras que as caracterizam como mucamas, mas também o uso das vestimentas antigas pelos turistas na fazenda, o que era considerado por diversos movimentos sociais brasileiros como uma prática racista. (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2017, p. 10 – 11).

Outra cláusula importante no TAC se refere às obrigações “de fazer”, a proprietária em uma das cláusulas ficará responsável por colocar placas informativas sobre a história da escravidão que tenha um conteúdo de denúncia e crítico sobre o processo brutal que foi esse holocausto em nossa sociedade, além de ter um curso de capacitação com as comunidades jongueiras e quilombolas da região com as comunidades negras e jongueiras. (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2017, p. 11-21). A elaboração do texto das placas que ficaram na entrada da fazenda ficou a cargo dos historiadores da UFF e da UNIRIO, em parceria com os demais membros do grupo de trabalho.

Após uma série de reuniões e negociações do Ministério Público com a Elizabeth Dolson, a proprietária da fazenda Santa Eufrásia, no dia 02 de Maio de 2017 foi assinado o TAC. Ao chegar ao local, era perceptível o constrangimento com o que poderia acontecer posteriormente ao desdobramento do termo. Estava acompanhada do seu advogado que a todo o momento, afirmava para todos os presentes, que a melhor forma de se resolver a questão era através da conciliação.

A fazendeira por uns minutos persistia em fazer perguntas sobre o termo, principalmente, no que se referia aos custos com as placas, cds e dvds das comunidades e os folhetos sobre racismo que seriam distribuídos na fazenda. Contudo, a pressão do Ministério Público e a presença da Fatinha e do Toninho, o TAC foi assinado. Mas era apenas o começo de um trabalho, pois o cumprimento das cláusulas do termo era fundamental.

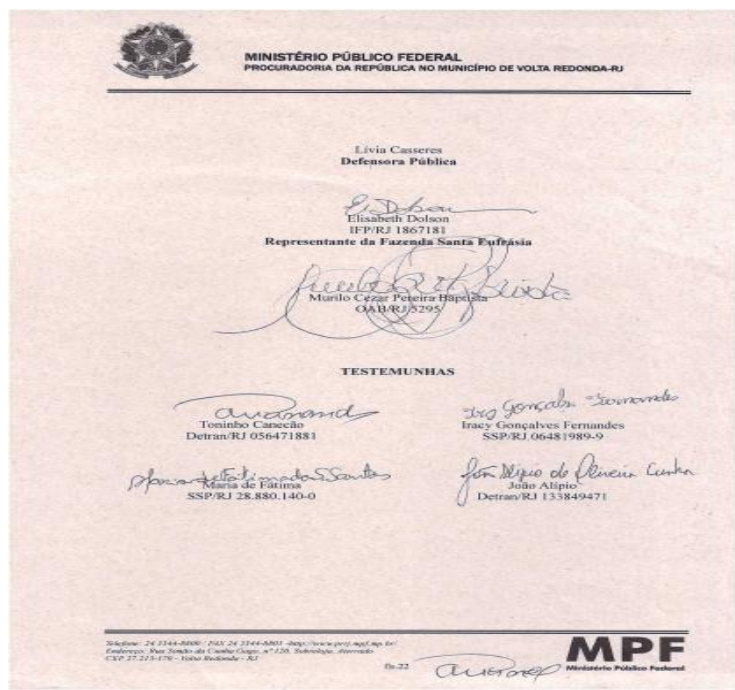


Foto 15: Assinatura do TAC Santa Eufrásia no Ministério Público de Volta Redonda - RJ, no dia 02 de Maio de 2017. Fonte: Ministério Público Federal (2017)

Alguns dias depois, houve uma cerimônia da fazenda Santa Eufrásia para uma assinatura simbólica, com convidados e representantes de diferentes movimentos sociais, professores universitários, empresas de televisão e população local. A fazendeira Elizabeth não esteve presente no dia, alegando problemas de saúde. E ao chegarmos à fazenda encontramos a porta de entrada e a casa completamente fechadas e só o advogado da fazendeira. Mesmo assim, foi realizado o ato simbólico de assinatura

do termo dentro da fazenda. A partir disso iniciou-se um trabalho para o cumprimento dos clausulas definidas no TAC.

Esse movimento de combate ao racismo e de luta por direitos de reparação levantados pelo TAC tiveram como principais protagonistas as lideranças jongueiras/quilombolas: Toninho do Quilombo de São José e a Fatinha do Grupo Jongo de Pinheiral. Elas foram fundamentais para que a fazendeira cumprisse o termo, principalmente, a cláusula referente ao curso sobre a história da escravidão e do Vale, lecionado por elas. A participação dos professores da UFF foi fundamental para dar assessoria e suporte para que a fazendeira pudesse fazer as mudanças necessárias para que a fazenda pudesse fazer outro tipo de Turismo.

O trabalho desenvolvido através do TAC foi essencial no combate ao mito da democracia racial. A concepção de democracia racial é fruto da disseminação de concepções de que o processo histórico da escravidão da região, tem se dado de forma cordial. Esse tipo de Turismo hegemonicamente realizado por brancos tem aprofundado esse olhar sobre a História. Abdias Nascimento (1978, p. 46), nos lembra que:

Desde os primeiros tempos da vida nacional aos dias de hoje, o privilégio de decidir tem permanecido unicamente nas mãos dos propagadores e beneficiários do mito da "democracia racial". Uma "democracia" cuja artificialidade se expõe para quem quiser ver; só um dos elementos que a constituiriam detém todo o poder em todos os níveis político-econômico-sociais: o branco. Os brancos controlam os meios de disseminar as informações; o aparelho educacional; eles formulam os conceitos, as armas e os valores do país. Não está patente que neste exclusivismo se radica o domínio quase absoluto desfrutado por algo tão falso quanto essa espécie de "democracia racial?".

Para o ativista político, o mito da democracia racial encontra-se disseminado pelos brancos que possuem o poder em diferentes níveis “político-econômico-social”, e principalmente, da informação e do aparelho educacional. As comunidades jongueiras encontram-se excluídas do planejamento e do desenvolvimento do Turismo na região. A história do Vale vem sendo contada a partir da perspectiva das elites agrárias, onde as comunidades jongueiras permanecem ausentes e não possuem espaço para contarem o seu protagonismo sobre os males da escravidão. O agravante é que essas narrativas contribuem para o “genocídio do negro brasileiro”, que ocorre a todo instante em nossa sociedade. Espera-se que com o trabalho do TAC possamos finalmente ter um turismo

em que as comunidades jongueiras possam contar sua versão sobre o passado. E que finalmente possam compreender o “perigo da História única⁶⁵”.

O Turismo realizado pela Casa do Jongo de Pinheiral tem como proposta, contar a história do Vale do Paraíba a partir da lógica dos descendentes de negros que foram escravizados. E também realizar um turismo de cunho histórico que possa denunciar e lembrar o crime que foi a escravidão no Brasil, combatendo os mitos que permanecem em nossa sociedade como o da democracia racial e o da escravidão cordial. A organização de um turismo protagonizado pelos jongueiros é fundamental para mudanças significativas em nossa sociedade. Lembrando novamente as palavras da Fatinha:

As pessoas que vem de fora é importante que elas façam essa vivência porque só você vivendo e fazendo essa vivência junto com o grupo, com as pessoas comendo com a gente, dormindo, participando do dia-a-dia que você vai passar a respeitar. Entender e respeitar! Porque muita gente fala bobagem! Faz coisa errada, diz coisa que não sabe porque não sabe, não aprendeu e não conviveu! (Fatinha).

O desenvolvimento do turismo comunitário pela Casa do Jongo soma-se ao jongo e a terra da fazenda Pinheiros como formas de luta desempenhadas pelos jongueiros que testemunham “uma história que não está escrita e que ainda precisa ser divulgada como instrumento de reparação aos descendentes de escravos e á sua herança cultural”. Mattos e Abreu (2011), com base em pesquisa de três comunidades remanescentes de quilombo do Estado do Rio de Janeiro, como Pinheiral que é estudada nesta dissertação, quilombo da Fazenda São José da Serra em Valença e Quilombo do Bracuí no município de Angra dos Reis destacam que esses grupos são detentores do fazer do Jongo enquanto patrimônio imaterial, e que o transformam atualmente, enquanto, “dever de memória”, em relação á história da escravidão e a ilegalidade tráfico negreiro. O Turismo desenvolvido pelos jongueiros vem nessa direção a de realizar um “dever de memória” para que jamais os crimes da escravidão sejam esquecidos.

⁶⁵ Palestra realizada pela escritora nigeriana ChimamandaAdchie. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=qDovHZVdyVQ>>. Acessado em Janeiro de 2018.

Outros pontos de jongo do Grupo Jongo de Pinheiral

Morena quem te contou

*Morena quem te contou
Que essa noite serenou
Ai deitado no seu colo, ai morena
Serenou não me molhou.*

Pau no mato

*Corta pau no mato
Quando não corta limoeiro
O mau que vem pra pobre
Quando não vai pra fazendeiro.*

Senta no banco de areia

*Senta no banco de areia
A sereia do mar
Senta no banco de areia
A sereia do mar.*

Xícara de café

*Por isso mesmo que eu não vou na Santa Fé
A mulher matou o marido
Matou o marido com a xícara de café.*

Eu fui na Barra

*Eu fui na Barra comprar murim
Comprei pra Teresa e chapéu pra mim.*

Morena dente de ouro

*Morena dente ouro, ai morena
Seus olhos são de marfim
Se você não tivesse dono, ai morena
Eu ia levar você pra mim.*

Não lava a roupa com o meu nome⁶⁶

*Não lava a roupa com o meu nome
O meu nome não é sabão
Pelo amor de Deus!*

Eu não me caso


*Eu não me caso porque eu tenho medo
Já vi homem casado apanhar de manhã cedo.*

No caminho eu vou chorar

*Oh minha gente eu vou embora.
O que me dão para levar.
Levo saudades sua.
No caminho eu vou chorar*

⁶⁶Ponto de jongo criado pelo Mestre Cabiúna.

Calendário de Atividades do Turismo Comunitário

			
Pontão Jongo/Caxambu e Jongo de Pinheiral—2017			
Abril 07 e 28—Encontro de Saberes (Jogueiros) 07 e 08—Dia Municipal do Jongo—Pinheiral Terra de Preto—I Seminário de Turismo Comunitário—Pinheiral 29— Ação de cidadania - palestra	Maio Festa 13 de maio—Quilombo São José Festa Santa Rita do Bracuí 26 a 28—II Seminário de Turismo Comunitário	Junho 03—Arraia do jongo de Pinheiral 06—de Junho Aniversário da Casa do Jongo 17—R.A. Jovens lideranças jogueiras	Julho 09— 1ª Feira Criativa do Jongo de Pinheiral “A cor do Jongo” 26—Dia Estadual do Jongo e Festa de Sant’Ana em Pinheiral
Agosto Atividades da comunidade jogueira Aniversário do João	Setembro 15 a 16 —III Seminário de turismo comunitário em Pinheiral	Outubro 05—Festa de São Benedito	Novembro 05—2ª Feira Criativa do Jongo de Pinheiral “A cor do Jongo” 09— Seminário Novembro Negro—Coletivo Marlene Cunha—Museu Nacional—UFRJ 20—Festa Pinheiral
Dezembro Avaliação/Finalização Pinheiral			

Folder de divulgação da Primeira Feira Criativa



1ª Feira criativa do Jongo de Pinheiral

“A COR DO JONGO”

TRADIÇÃO, CULTURA E ARTE.

MODA — GASTRONOMIA — EXPOSIÇÕES
ARTESANATO — ATRAÇÕES CULTURAIS

DIA: 09/07/2017 HORARIO: 9:00hs às 17:00hs

LOCAL: PRAÇA GETULIO VARGAS, CENTRO - PINHEIRAL/RJ

Organização:

Sistematização da ficha de avaliação da Feira Afro preenchida pelos jongueiros de Pinheiral

Avaliação	😊 100%	😐 75%	😞 50%	💣 25%
1- Organização do Evento				
Barraca da Bebida	13	4	0	0
Barraca da feijoada	10	8	1	0
Barraca de doces	8	9	0	2
Exposição	16	3	0	0
Artesanato	17	3	0	0
2- Programação do Evento				
Abertura da Feira Afro	10	5	1	0
Roda de capoeira	13	2	1	0
Roda de samba	18	0	0	0
Roda de Jongo	13	2	0	0
3- Participação no evento				
Interação entre os participantes	15	3	0	0
Interação entre os participantes e o grupo de Jongo de Pinheiral	17	2	2	0

Total de avaliadores: 21 participantes